



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE MÚSICA

**Relatório de Prática de Ensino
Supervisionada realizada na Academia
de Música de Lagos: A estruturação do
estudo individual de violino no Ensino
Básico Especializado de Música**

Pedro José de Aguiar Moreira de Oliveira e Sá

Orientação: Professor Doutor Liviu Scripcaru

Mestrado em Ensino

Ensino da Música

Relatório de Estágio

Évora, 2018



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE ARTES

DEPARTAMENTO DE MÚSICA

**Relatório de Prática de Ensino
Supervisionada realizada na Academia
de Música de Lagos: A estruturação do
estudo individual de violino no Ensino
Básico Especializado de Música**

Pedro José de Aguiar Moreira de Oliveira e Sá

Orientação: Professor Doutor Liviu Scripcaru

Mestrado em Ensino

Ensino da Música

Relatório de Estágio

Évora, 2018

Agradecimentos

Aos pais e irmãos;

Ao Professor Doutor Liviu Scripcaru;

Ao professor João Pedro Cunha;

À Academia de Música de Lagos e Conservatório de Portimão;

Aos colegas;

Aos alunos;

A todos os amigos que das mais variadas formas contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Resumo – Relatório de Prática de Ensino Supervisionada realizada na Academia de Música de Lagos: A Estruturação do Estudo Individual de Violino no Ensino Básico Especializado de Música

O relatório apresentado surge no seguimento da execução da Prática de Ensino Supervisionada, na conclusão do Mestrado de Ensino em Música, a decorrer no Departamento de Música da Escola de Artes da Universidade de Évora, no ano de letivo de 2016/2017.

Como professores orientadores, colaboraram: o Professor Doutor Liviu Scripcaru (orientador interno) e o professor João Pedro Cunha, no papel de orientador cooperante, na Academia de Música de Lagos e Conservatório de Portimão.

A problemática central do relatório em questão remete para a organização individual do estudo, por parte dos alunos de violino, no Ensino Básico Articulado, tendo em conta o tempo disponível e a diversidade de disciplinas aos quais estes estão sujeitos, enquadrando estes fatores com a exigência programática da disciplina de violino, o número de aulas previstas e datas das provas trimestrais.

Palavras-chave: ensino básico articulado, estudo individual, violino

Abstract – Supervised teaching report held at Academia de Música de Lagos: The structuring of the Individual Violin Study in Skilled Basic Music Teaching

The report hereby presented derives upon the execution of the Supervised Teaching Practice, as a conclusion of the Masters in Music Teaching, held at the Music Department of the School of Arts of the University of Évora, in the academic year 2016/2017.

The mentors were Professor Liviu Scripcaru (internal advisor) and Professor João Pedro Cunha, as cooperating advisor, at the Lagos Music Academy and Portimão Conservatoire.

The main focus of the report aims to discuss the organization of the individual study by the violin students in the Articulated Regime in Basic Education, taking in consideration the time available and the diversity of subjects, within the context of the programmatic requirements of the violin as a school subject, the number of classes scheduled and the dates of the trimestral exams.

Key words: articulated regime in basic education, individual study, violin

Lista de símbolos e abreviaturas

PES – Prática de Ensino Supervisionada

AML – Academia de Música de Lagos

AEC's – Atividades extra-curriculares

CEM – Centro de expressão Musical

OCDA – Orquestra Clássica da Academia

OSA – Orquestra de Sopros do Algarve

NF – Orquestra Juvenil de Sopros Nova Filarmonia

OPA – Cenas de Ópera e Projetos coletivos e Improvisação

Índice

Introdução	1
Secção I - Prática de Ensino Supervisionada (Contextualização legal e abordagem à escola) .	3
1 - A escola cooperante – Academia de Música de Lagos	3
1.1 – História	3
1.2 – Expansão e desenvolvimento.....	4
1.3 – Evolução do corpo docente e discente.....	6
1.4 – Corpo discente em estudo.....	7
2 – A legislação e regulação do tempo de aulas	8
2.1 – Carga Horária	8
2.2 - Calendário escolar.....	13
3 – A disciplina de violino.....	18
3.1 – Autonomia pedagógica	18
3.2 - Programa Curricular.....	19
4 – Conclusão (Secção I – Prática de Ensino Supervisionada: contextualização legal e abordagem à escola).....	28
Secção II – Investigação	29
1 - Objeto de investigação	29
1.1 - Motivações para a escolha do objeto de investigação.....	29
1.2 - Objetivos da investigação.....	30
2 - Metodologias de investigação	30
2.1 - Etapas da investigação	30
2.2 – Método de Investigação.....	31
2.2.1 – Contextualização e análise de legislação aplicável.....	31
2.2.2 – Investigação bibliográfica.....	31
2.2.3 –Análise de resultados obtidos	31
3 – Reflexões teóricas sobre o tempo de estudo do violino.....	31
3.1 – O perfil do aluno.....	31
3.2 – O papel do professor no estudo do aluno.....	33
3.3 - Obrigação de estudar por um número definido de horas.....	35
3.4 - O tempo de estudo nos primeiros contactos com o instrumento	37
3.5 - A distribuição do tempo de estudo	38
3.6 - O processo de repetição.....	41
3.7 - O tempo de descanso.....	42

4 – Conclusão (Secção II - Investigação).....	44
Secção III - Acompanhamento dos alunos na Prática de Ensino Supervisionada.....	44
1 - Contextualização.....	45
2 – Desenvolvimento de estratégias.....	46
3 – Perfil dos alunos e aplicação de estratégias.....	48
3.1 - Aluno 1 – Primeiro grau	48
3.2 - Aluno 2 – Segundo grau	50
3.3 - Aluno 3 – Terceiro grau	52
3.4 - Aluno 4 – Quarto Grau	55
3.5 - Aluno 5 – Quinto Grau	58
4 – Apresentação/ Análise de resultados.....	61
5 – Conclusão /discussão dos resultados obtidos	63
Conclusão Final	65
Referências Bibliográficas.....	66
Livros e Artigos.....	66
Referências da Internet.....	67
Legislação	67
Anexos	68

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Evolução do número de alunos e professores (Gonçalves, 2016, p.48).....	6
Tabela 2 – Excerto do Anexo II, Parte A do Decreto-Lei n.º 129/2012 de 5 de Julho. Carga horária semanal em minutos.	9
Tabela 3 – Excerto do Anexo III, Parte A, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012.....	9
Tabela 4 – Excerto do Anexo III, Parte B, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – Nº 146 – 30 de julho de 2012.....	10
Tabela 5 – Excerto do Anexo II, Parte B, do Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho de 2012 (Relativo ao Ensino Regular).....	10
Tabela 6 – Excerto do Anexo III, Parte A do Decreto-Lei n.º 129/2012 de 5 de julho. Carga horária semanal em minutos.	11
Tabela 7 – Excerto do Anexo IV, Parte B, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – Nº 146 – 30 de julho de 2012	11
Tabela 8 – Número mínimo de aulas semanais no 3º ciclo do Ensino Regular e do Ensino Articulado.....	11
Tabela 9 – Diferença de carga horária mínima entre Ensino Regular e articulado (em minutos)	13
Tabela 10 – Anexo I do Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016.	14
Tabela 11 – Anexo II do Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016.....	14
Tabela 12 – Número de aulas expectável por dia da semana no ano letivos de 2016/2017 ...	16
Tabela 13 - Provas trimestrais 2016/2017 na Academia de Música de Lagos, de acordo como Plano de Atividades da Instituição.....	16
Tabela 14 – Número de aulas entre provas trimestrais.	17
Tabela 15 – Objetivos gerais - Programa de Violino da Academia de Música de Lagos.(2014 pag. 7).....	20
Tabela 16 - Estruturação do Programa do Primeiro Grau - Programa de Violino da Academia de Música de Lagos.(2014 p. 7).....	21
Tabela 17 – Critérios de avaliação - Programa da Disciplina de Violino da Academia de Música de Lagos (2014 p.13).....	23
Tabela 18 - Distribuição do tempo de estudo. (Gurenberg 1965 p. 131).....	40
Tabela 19 – Divisão de uma hora de estudo em diversos exercícios. Gruenberg (1965 p. 129)	47
Tabela 20 – Datas de aulas e prova do aluno 1	48

Tabela 21 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 1.	48
Tabela 22 – Tempo de estudo acordado com o aluno 1	49
Tabela 23 - Aula do Terceiro Trimestre - Aluno 1	50
Tabela 24 – Datas de aulas e prova do aluno 2	50
Tabela 25 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 2.	51
Tabela 26 – Tempo de estudo acordado com o aluno 2.	51
Tabela 27 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 2.....	52
Tabela 28 – Datas de aulas e prova do aluno 3	53
Tabela 29 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 3.	53
Tabela 30 – Tempo de estudo acordado com o aluno 3.	54
Tabela 31 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 3.....	55
Tabela 32 – Datas de aulas e prova do aluno 4.	56
Tabela 33 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 4.	56
Tabela 34 – Tempo de estudo acordado com o aluno 4.	56
Tabela 35 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 4.....	58
Tabela 36 – Datas de aulas e prova do aluno 5.	58
Tabela 37 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 5.	58
Tabela 38 – Tempo de estudo acordado com o aluno 5.	59
Tabela 39 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 5.....	60
Tabela 40 – Avaliação do aluno 1	61
Tabela 41 – Avaliação do aluno 2.	61
Tabela 42 – Avaliação do aluno 3.	62
Tabela 43– Avaliação do aluno 4.	62
Tabela 44 – Avaliação do aluno 5.	63

Índice de Anexos

ANEXO I – Diário da República, 2.º série – N.º 128 – 4 de Julho de 2008 - Anexo I..	68
ANEXO II - Diário da República, 1.º série – N.º 129 – 5 de Julho de 2012 - Anexo II	69
ANEXO III - Diário da República, 1.º série – N.º 129 – 5 de Julho de 2012 - Anexo II	70
ANEXO IV - Diário da República, 1º série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012 - Anexo III - Parte A.....	71
ANEXO VI - Diário da República, 1º série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012 - Anexo III - Parte B.....	73
ANEXO VII - Diário da República, 1º série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012 - Anexo IV	74
ANEXO VIII - Diário da República, 1º série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012 Anexo IV	76
ANEXO IX - Programa de Violino (Academia de Música de Lagos) Curso Básico: Objetivos Gerais; Objetivos específicos; Conteúdos programáticos e Material didático	78
ANEXO X - PROVAS TRIMESTRAIS (Academia de Música de Lagos)	88

Introdução

No decorrer do Mestrado de Ensino em Música da Universidade de Évora no ano letivo de 2016/2017, o mestrando Pedro de Oliveira e Sá, também docente na Academia de Música de Lagos (escola cooperante), realiza a disciplina de Prática de Ensino Supervisionada (PES).

Na realização de PES fizeram parte aulas lecionadas a alunos da Escola Cooperante, assim como a observação de aulas do orientador cooperante, Professor João Pedro Cunha; sendo que a orientação interna esteve a cargo do Professor Doutor Liviu Scripcaru.

Este relatório encontra-se organizado em três secções. A primeira remete para o enquadramento da escola cooperante, assim como das questões legais a partir das quais é possível conhecer as variáveis que influenciam a planificação e execução do estudo individual. A segunda secção tem como base a pesquisa bibliográfica sobre o tema e respetivo enquadramento à realidade do ensino básico articulado em geral e especificamente na Academia de Música de Lagos. A terceira, direciona-se para o decorrer das aulas lecionadas aos alunos alocados ao mestrando e na aplicação de metodologias adquiridas no processo de investigação.

Secção I - Prática de Ensino Supervisionada (Contextualização legal e abordagem à escola)

1 - A escola cooperante – Academia de Música de Lagos

1.1 – História

A escola cooperante deste projeto de investigação – Academia de Música de Lagos – apresenta mais de 30 anos de História, na qual se escreveu uma evolução que conta na sua origem, com uma pequena escola iniciada em casa de sua fundadora, chegando esta aos dias de hoje, a contar com quatro estabelecimentos de ensino e um universo de mais de 1000 alunos.

Uma vez preenchidas todas as alíneas, eis que nascia a Academia de Música de Lagos a 27 de maio de 1986. No entanto, foram precisos quase dois anos até que as aulas começassem, numa luta por mais apoios e para a formação de um corpo docente consistente e de qualidade de topo para dar credibilidade e nome à instituição logo de início. Maria Boulain Fogaça tinha, então, realizado o seu desejo. Com uma escola de música em pleno funcionamento em casa da fundadora, a aluna registada com o número um da Academia, Maria João Cerol, atualmente professora na instituição, recorda a anfitriã como uma pessoa que recebia bem os alunos. “Sentia-se feliz por ter na casa dela uma escola de música”, diz. (Gonçalves, 2016, p. 23)

Ainda nas palavras do Diretor da escola verificamos que a escola que começou na casa de sua fundadora, Maria Boulain Fogaça, adquiriu uma dimensão visível através do crescimento nos mais diversos parâmetros como as instalações, o corpo docente e discente e a oferta formativa de que se encontra apetrechada.

O patamar alcançado já é muito gratificante (...). Possuir quatro estabelecimentos em quatro diferentes Concelhos, dedicados ao ensino artístico especializado da música; oferecer a mais diversificada oferta de disciplinas instrumentais a sul do País; possuir um quadro docente composto por 86 professores de música com habilitação académica reconhecida oficialmente e 9 professores adstritos à disciplina AEC's, Atividades de enriquecimento Curricular no 1º Ciclo do ensino Básico e Expressão e educação Musical – no ensino pré-escolar, resultante dos acordos de colaboração com as Câmaras Municipais de Lagos e Lagoa e com alguns estabelecimentos do ensino particular e Cooperativo, um quadro discente de 1166 alunos diretos e de 1444 alunos indiretos; e com um apoio ao nível

Administrativo, de 12 colaboradores, certamente, é mais do que a nossa Fundadora, D. Maria Boulain Fogaça, alguma vez sonhou ou que a grande seguidora e impulsionadora deste projeto Dr.^a Ana Balmori, depois de tanto trabalho e sacrifício pessoal e profissional em prol desta Associação, alguma vez tenha pensado. (Gonçalves, 2016, p.14).

1.2 – Expansão e desenvolvimento

O crescimento desta instituição tornou-se abrangente ao ponto de, como citado no texto acima, possuir quatro estabelecimentos. São eles: Academia de Música de Lagos, Conservatório de Portimão – Joly Braga Santos; Conservatório de Música de Lagoa e Conservatório de Música de Loulé. A expansão e desenvolvimento ocorreram, naturalmente, de uma forma progressiva sendo que as escolas de Portimão Lagoa e Loulé, iniciaram a sua atividade respetivamente em 1990, 2003, 2014.

A AML iniciou a atividade pedagógica no dia 1 de outubro de 1988, com o patrocínio do ministério da Educação, por parte deste, da necessária autorização provisória para lecionação. Presentemente, possui autorização definitiva de funcionamento e está certificada pela Direção Regional de Educação do Algarve, desde 1 de setembro de 2001. (Gonçalves, 2016, p.35).

(...) Estão Autorizados os Cursos de Acordeão, Alaúde, Bateria, Canto, Clarinete, Cravo, Fagote, Flauta de Bisel, Flauta Transversal, Formação Musical, Guitarra Clássica (viola dedilhada), Guitarra Portuguesa, Oboé, Percussão, Piano, Saxofone, Trombone, Trompa Tuba Trompete, Viola de Arco, Violino e Violoncelo. (Gonçalves, 2016, p.35).

O autor também explica como se deu início à atividade pedagógica no conservatório de Portimão.

O Conservatório de Portimão – Joly Braga Santos, iniciou a atividade pedagógica em abril de 1990, como patrocínio do Ministério da Educação e presentemente, possui autorização definitiva de funcionamento e está certificado pela direção Regional de Educação do Algarve desde 1 de setembro de 2001. (Gonçalves, 2016, p.37).

No seguimento da expansão da Academia de Música de Lagos, seguiu-se o Conservatório de Música de Lagoa.

O Conservatório de Música de Lagoa, iniciou a atividade pedagógica no dia 1 de novembro de 2003, com o patrocínio do Ministério da Educação com a concessão da autorização provisória de lecionação. (...) No ano letivo 2009/2010, O concelho de Lagoa Beneficiou do contrato programa estabelecido entre a Academia de

Música de Lagos/ Conservatório de Música de Lagoa e a Câmara Municipal de Lagoa., para promover o ensino da música nas Escolas do ensino Básico (Expressão e educação Musical), inserido no programa patrocinado pelo Ministério da Educação. (Gonçalves, 2016, p.39).

Como última escola anexada, temos o conservatório de música de Loulé.

A funcionar desde 22 de agosto de 2014, com o nome de Conservatório de Música de Loulé, (...) esta foi a última escola a ser anexada à família da AML. Com Perto de 350 alunos, a abertura deste espaço, veio colmatar uma lacuna a nível do ensino artístico especializado da música neste concelho. (...) o antigo Centro de Expressão Musical (CEM), criado em 1990 pela Câmara Municipal de Loulé, passou, através de um protocolo entre a autarquia, e a AML, a fazer parte desta escola de Música. Diretor da escola José Viegas Gonçalves, no prefácio de “Academia de Música de Lagos – 30 anos de História”, de junho de 2016. (Gonçalves, 2016, p.42).

1.3 – Evolução do corpo docente e discente

Através da observação da história da Academia de Música de Lagos, e natural constatação do seu crescimento, é possível observar a evolução de alunos e professores disponibilizado em “Academia de Música de Lagos – 30 anos de História”, de junho de 2016; “.

	Nº de Alunos Academia de Música de Lagos	Nº de Alunos Conservatório de Portimão Joly Braga Santos	Nº de Alunos Conservatório de Música de Lagoa	Nº de Alunos Conservatório de Música de Loulé	Total de Alunos da Instituição	Total de Docentes
Ano Letivo						
1994/1995	46	150				6
1995/1996	51	150				8
1996/1997	61	140				8
1997/1998	69	161				9
1998/1999	81	140				10
1999/2000	89	140				11
2000/2001	87	147				14
2001/2002	100	153				12
2002/2003	120	145				22
2003/2004	168	165	13			26
2004/2005	167	157	37			26
2005/2006	180	200	45			33
2006/2007	202	238	64			55
2007/2008	196	191	82			55
2008/2009	219	248	176			71
2009/2010	267	316	247			81
2010/2011	302	377	246			78
2011/2012	300	425	232			84
2012/2013	287	433	161			85
2013/2014	305	337	164			85
2014/2015	330	350	159	241		94
2015/2016	329	330	151	356		95

Tabela 1 – Evolução do número de alunos e professores (Gonçalves, 2016, p.48)

No seguimento deste Projeto Educativo, foram criadas nas escolas em questão, um conjunto de ensembles e formações orquestrais que como explícito em “Academia de Música de Lagos – 30 anos de História” e foi possível constatar no seguimento da Prática de Ensino Supervisionada. “Para os formadores, docentes é uma forma de aproximarem os alunos para

uma realidade pedagógica e técnico/artística, que a contrário, dificilmente seria conseguida, e do grau de exigência que só a experiência de tocar em conjunto permite” (Gonçalves, 2016, p.52).

Destas formações destacam-se: a Orquestra Clássica da Academia (OCDA); Orquestra de Sopros do Algarve (OSA); Orquestra de Câmara Joly Braga Santos; Orquestra Amadeus; Orquestra Bach, Orquestra Juvenil de Sopros Nova Filarmonia (NF); Ensemble de Flautas Vicentino; 1001 Cordas | Orquestra Algarvia de Guitarras, Orquestra de Acordeões; Orquestra de Percussão da Academia (OPA), Cenas de ópera, e Projetos coletivos e Improvisação.

Após a observação e análise do percurso histórico da Academia de Música de Lagos, parece irrefutável, o facto de esta ter trazido a Lagos em particular e ao Algarve de uma forma geral, um contributo no desenvolvimento do ensino da música, assim como da produção artística nos mais diversos concelhos da região.

Será ainda de enaltecer o crescimento deste projeto que, em 30 anos de existência veio trazer uma oferta formativa ao nível da música, muito variada, dando acesso ao ensino da música a um número assinalável de alunos, assim como crescimento de postos de trabalho para músicos e professores, assim como funcionários necessários para o funcionamento da instituição, contribuindo para uma região mais próspera e culta.

1.4 – Corpo discente em estudo

Neste trabalho de investigação, a população em estudo é representada pelos alunos de violino do Ensino Básico Articulado, que se encontram entre o primeiro e o quinto grau e, respetivamente entre o quinto e nono ano de escolaridade. Na amostra escolhida para aplicação de metodologias, foram selecionados cinco alunos, que se encontram, respetivamente, nos diferentes graus/anos escolares em questão.

2 – A legislação e regulação do tempo de aulas

No decorrer deste projeto de investigação, que nos remete para a estruturação do estudo dos alunos do Ensino Básico de Música no Regime Articulado, será necessário compreender a carga horária a que estes estão sujeitos, assim como a diversidade de disciplinas que estão apresentadas enquanto componentes do currículo, e quais as alterações a que estes estão sujeitos relativamente ao ensino regular. Para tal, é necessário o recurso a legislação publicada em Diário da República que regula esses mesmos fatores.

2.1 – Carga Horária

2.1.1 - Carga Horária do 2º ciclo (5.º e 6.º anos)

O Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho apresenta em anexo as componentes do currículo assim como a carga horária semanal do 2º e 3º ciclo do Ensino Básico. Na parte A do Anexo II deste mesmo Decreto-Lei é explicado:

No âmbito da sua autonomia, as escolas têm liberdade de organizar os tempos letivos na unidade que considerem mais conveniente desde que respeitem as cargas horárias semanais constantes do quadro infra. Os tempos apresentados correspondem aos tempos mínimos por área disciplinar e disciplinas, pelo que não podem ser aplicados apenas os mínimos por área disciplinar e disciplinas. O tempo a cumprir é realizado pelo somatório dos tempos alocados às diversas disciplinas, podendo ser feitos ajustes de compensação entre semanas.

A portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – N.º 146 – 30 de julho de 2012, apresenta de forma reiterada a mesma informação, desta vez referente ao Curso Básico de Música.

Sabendo assim, que a carga horária se encontra regulada pelos “*tempos mínimos por área disciplinar e disciplinas*”, segue uma comparação da carga horária semanal entre os alunos que frequentam o Ensino Básico Regular, e os do Ensino Articulado. As tabelas que se seguem apresentam o total de tempo a cumprir de carga horária semanal no Ensino Regular e Articulado de Música, no 2º Ciclo (5º e 6º anos), sendo o total dos componentes do currículo em cada um dos casos apresentados em anexo.

Ensino Básico 2º Ciclo	Carga horária semanal (a)		
	5º ano	6.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	1350 (1395)	1350 (1395)	2700 (2790)
Oferta complementar.....	(f)	(f)	(f)
Apoio ao estudo.....	200	200	400

Tabela 2 – Excerto do Anexo II, Parte A do Decreto-Lei n.º 129/2012 de 5 de julho. Carga horária semanal em minutos.

Curso Básico de Música – 2º Ciclo	Carga horária semanal (a) (b)		
	5º ano	6.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	1485/1530 (1530/1575)	1485/1530 (1530/1575)	2970/3060 (3060/3150)
Oferta complementar.....	(f)	(f)	(f)
Apoio ao estudo.....	200	200	400

Tabela 3 – Excerto do Anexo III, Parte A, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – N.º 146 – 30 de julho de 2012

Em ambos os anos, assumindo o valor mínimo obrigatório de minutos por semana, podemos ver que, a diferença dos tempos letivos do Ensino Básico Regular em comparação com o ensino articulado, é de 135 minutos ($1485-1530=135$) correspondendo respetivamente a três aulas de 45 minutos.

Essa diferença resulta da subtração das componentes “Educação Tecnológica e Educação Musical” sendo estas substituídas por “Formação Musical”, “Instrumento” e “Classes de Conjunto”.

Assim sendo, no mínimo, o aluno do ensino articulado de 5.º ou 6.º ano tem 1485 minutos de aulas semanais, que em aulas de 45 minutos resulta em 33. Fazendo uma

estimativa de blocos de aulas por dia, pode ser feito o exercício de ver o número de aulas médio, por dia útil. Como podemos ver na Parte B, do Anexo III do Diário da República, 1.º série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012.

$$1485 \text{ minutos} / 45 = 33 \text{ aulas de 45 minutos}$$

(Assumindo a não inscrição na Disciplina optativa de Educação Moral e Religiosa)

	Carga horária semanal		
	5.º ano	6.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	33/34	33/34	(66/68)
	34/35	34/35	(68/70)

Tabela 4 – Excerto do Anexo III, Parte B, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – Nº 146 – 30 de julho de 2012

$$33 \text{ aulas} / 5 \text{ dias úteis} = 6.6 \text{ aulas.}$$

Para fazer um arredondamento necessário à unidade aula, podemos considerar, para efeitos de exercício, que o aluno do ensino articulado, no Curso Básico de Música, tem dois dias com 6 aulas de 45 minutos e três dias com 7 aulas de 45 minutos.

Já no ensino regular, como podemos ver na tabela que se segue, o aluno tem um mínimo de 30 aulas semanais que, fazendo uma média diária, corresponde a uma carga letiva de 6 aulas diárias (menos 3 aulas semanais que no ensino articulado).

	Carga horária semanal (a) (b)		
	5.º ano	6.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	30	30	60
	(31)	(31)	(62)

Tabela 5 – Excerto do Anexo II, Parte B, do Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho de 2012 (Relativo ao Ensino Regular)

No entanto é necessário olhar o tempo em perspetiva com a variedade de componentes letivas. Ora, no ensino Básico Articulado do 2.º Ciclo existe um conjunto de 10 disciplinas obrigatórias (Português, Inglês, História e Geografia de Portugal, Matemática, Ciências Naturais, Educação Visual, Formação Musical, Instrumento, Classe de Conjunto, Educação Física). É com esta variabilidade de disciplinas e respetiva carga horária (mínima de 33 aulas

semanais) que, o aluno do 2º Ciclo do ensino Básico de Música (5º e 6º anos) terá que organizar o seu estudo do instrumento.

O mesmo exercício será feito seguidamente para o 3º Ciclo (7º, 8º e 9º anos).

2.1.2 – Carga Horária do 3.º Ciclo (7º 8º e 9º anos)

No seguimento do exercício elaborado para a determinação da carga semanal do 2º ciclo, observemos as cargas no 3º Ciclo no Ensino Regular e no ensino Articulado.

Ensino Básico 3º Ciclo	Carga horária semanal			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	1530 (1575)	1485 (1530)	1485 (1530)	4500 (4635)

Tabela 6 – Excerto do Anexo III, Parte A do Decreto-Lei n.º 129/2012 de 5 de julho. Carga horária semanal em minutos.

Curso Básico de Música 3º Ciclo	Carga horária semanal			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	1575/1710 (1620/1755)	1575/1710 (1620/1755)	1575/1710 (1620/1755)	4725/5130 (4860/5265)

Tabela 7 – Excerto do Anexo IV, Parte B, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.ª Série – Nº 146 – 30 de julho de 2012

Observemos então, o número mínimo de aulas semanais, organizadas em blocos de 45 minutos, na tabela que se segue.

	Carga horária semanal (em aulas de 45 minutos)			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do ciclo
Ensino Básico 3º Ciclo	34	33	33	100
Curso Básico de Música 3º Ciclo	35	35	35	105

Tabela 8 – Número mínimo de aulas semanais no 3º ciclo do Ensino Regular e do Ensino Articulado.

Segue-se o cálculo da diferença da carga horária entre os dois tipos de ensino, tendo em conta a execução dos tempos mínimos a cumprir:

$$7^{\circ} \text{ ano} - 1575 - 1530 = 45 \text{ minutos (uma aula)}$$

$$8^{\circ} \text{ ano} - 1575 - 1485 = 90 \text{ minutos (duas aulas)}$$

$$9^{\circ} \text{ ano} - 1575 - 1485 = 90 \text{ minutos (duas aulas)}$$

Como podemos observar, a diferença de tempos letivos é inferior à diferença verificada no 2.º Ciclo (135 minutos), sendo que, o Ensino Articulado de Música apresenta sempre uma carga horária superior à do ensino regular.

No entanto, como podemos observar nas tabelas do Anexo IV, Parte B, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – N.º 146 – 30 de Julho de 2012 e do Anexo III, Parte A do Decreto-Lei n.º 129/2012 de 5 de Julho; essa diferença existe pela substituição das Componentes de Currículo: Educação Visual (que se torna de frequência facultativa); e TIC e Oferta Escola, pelas disciplinas de Formação Vocacional: Formação Musical, Instrumento e Classes de Conjunto, aplicada aos três anos do 3º ciclo com uma disposição de carga horária para ambos.

Assim sendo, no total das componentes de currículo, assumindo o valor mínimo de carga horária, sem as disciplinas de cariz optativo, temos as seguintes disciplinas: Português, Inglês, Língua estrangeira II, História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Físico Química, Educação Física, Formação Musical, Instrumento e Classes de Conjunto.

Para efeitos de comparação, podemos observar um quadro resumo, do total da carga horária dos Regimes articulado e Regular, assumindo os tempos mínimos por disciplina.

Ano de ensino Básico	5.º	6.º	7.º	8.º	9.º
Carga horária mínima semanal no Ensino Regular: aulas(a) /minutos(m)	30a	30a	34a	33a	33a
	1350 m	1350 m	1530 m	1485 m	1485 m
Carga horária mínima semanal no Ensino	33a	33a	35a	35a	35a

Articulado: aulas(a) /minutos(m)	1485 m	1485 m	1575 m	1575 m	1575 m
Diferença de carga horária mínima entre Ensino Regular e articulado: aulas(a) /minutos(m)	3a 135m	3a 135m	1a 45m	2a 90m	2a 90m

Tabela 9 – Diferença de carga horária mínima entre Ensino Regular e articulado (em minutos)

No seguimento da experiência adquirida no decorrer da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada (PES), foi possível verificar a frequente queixa de falta de tempo dos alunos para o cumprimento dos objetivos propostos no Ensino Articulado de Música. Sabendo que, existem casos de sucesso, muitos dos quais têm condições de conhecimento técnico e teórico que nos permite acreditar que há possibilidades de um seguimento dos estudos musicais, nos ciclos seguintes e até, conjeturar futuros casos de sucesso no Ensino Superior; é de salientar que, após a observação do tempo semanal que é gasto em aulas, no ensino Básico Articulado de Música, não existe muito tempo sobrando, para o estudo, de uma forma geral, e em particular para o instrumento. Como tal, a organização, e Estruturação do Estudo individual do aluno, apresenta-se como fator primordial, no sucesso do mesmo, no tipo de ensino em questão.

2.2 - Calendário escolar

Na estruturação do estudo individual, o aluno deve ter em conta o número de aulas até à prova trimestral. Ocorrendo uma aula de instrumento semanal, é possível fazer o planeamento desse mesmo estudo, em articulação com o programa, com vista à obtenção de sucesso, na prova trimestral, que se executa no final de cada semestre.

Observemos, para o ano transato (2016/2017) o Calendário escolar e as interrupções letivas, que se encontram publicados em Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016:

Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016: Anexo I

Calendário para os ensinos Básico e Secundário

Períodos letivos	Início	Termo
1º	Entre 9 e 15 de setembro de 2016	16 de dezembro de 2016
2º	3 de janeiro de 2017	4 de abril de 2017
3º	19 de abril de 2017	6 de junho de 2017 – 9º, 11º e 12º anos de escolaridade.
		16 de junho de 2017 – 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, e 10.º anos de escolaridade.
		23 de junho de 2017 – 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade

Tabela 10 – Anexo I do Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016.

2.2.1 – Interrupções Letivas

Outro fator a ter em conta, são as interrupções letivas, que se apresentam entre trimestres. Nesse período em que não existem aulas de instrumento, mostrou-se essencial para o professor e para o aluno, a definição do material didático para a prova do trimestre seguinte, no sentido de fazer uma gestão do tempo de estudo atempada.

Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016

Anexo II

Interrupções das atividades letivas para o ensino básico e secundário

Interrupções	Início	Termo
1.ª	19 de dezembro de 2016	2 de janeiro de 2017
2.ª	27 de fevereiro de 2017	1 de março de 2017
3.ª	5 de abril de 2017	18 de abril de 2017

Tabela 11 – Anexo II do Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016.

2.2.2 – Número previsto de Aulas

Após a análise do calendário escolar, e respectivas interrupções letivas, podemos verificar o número de aulas expectáveis que os alunos terão em cada trimestre. Este número é variável, em função do dia da semana em que ao aluno tem aula.

Vejamos o número de aulas expectável para os alunos do ensino básico, nos cinco dias úteis da semana, assumindo o início mais cedo possível dentro dos limites estabelecidos.

1º Período 9/09 – 16/12		
Segunda-Feira	Setembro 12, 19, 26/ outubro: 3, 10, 17, 24, 31/ novembro 7, 14, 21, 28/ dezembro: 5, 12	14 aulas
Terça – Feira	Setembro: 13, 20, 27/ outubro: 4; 11, 18, 25/ novembro 8, 15, 22, 29/ dezembro: 6, 13	13 aulas
Quarta – Feira	Setembro: 14, 21, 28/ outubro: 12, 19, 26/ novembro: 2, 9 16, 23, 30/ dezembro: 7, 14	13 aulas
Quinta – Feira	Setembro: 15, 22, 29/ outubro: 6, 13, 20, 27/ novembro: 3, 10, 17, 24/ dezembro: 15	12 Aulas
Sexta-Feira	Setembro 9, 16, 23, 30, / outubro 7; 14; 21; 28, / novembro 4; 11; 18; 25 / dezembro 2; 9 16	15 aulas
2.º Período 03/01 – 04/04		
Segunda – Feira	Janeiro: 9, 16, 23, 30/ fevereiro: 6, 13, 20, 27/ março: 6, 13, 20, 27/ abril: 3	13 Aulas
Terça – Feira	Janeiro: 3, 10, 17, 24, 31/ fevereiro: 7, 14, 21, 28/ março: 7, 14, 21, 28/ abril: 4	14 Aulas
Quarta – Feira	Janeiro: 4, 11, 18, 25/ fevereiro 1, 8, 15, 22/ março: 1, 8, 15, 22, 29	13 Aulas
Quinta – Feira	Janeiro: 5, 12, 9, 26/ fevereiro: 2, 9, 16, 23/ março: 2, 9, 16, 23, 30	13 Aulas
Sexta – Feira	Janeiro: 6, 13, 20, 27/ fevereiro: 3, 10, 17, 24/ março:3, 10, 17, 24	12 Aulas
3.º Período 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Segunda – Feira	Abril: 24/ maio: 15, 22, 29/ junho:5, 12, 19	7 Aulas (5 para 9º ano)
Terça – Feira	Maio: 2, 9, 16, 23, 30/ junho: 6, 13	7 Aulas (6 para 9.º ano)
Quarta – Feira	Abril: 19, 26/ maio: 3, 10, 17, 24, 31/	9 Aulas (7 para o 9º ano)

	junho: 7, 14	
Quinta – Feira	Abril: 20, 27/ maio: 4, 11, 18, 25/ junho: 1, 8	8 Aulas (6 para 9º ano)
Sexta-Feira	Abril: 21, 28/ maio: 5, 12, 19, 26/ junho: 2, 9, 16	9 aulas (8 para o 9º ano)

Tabela 12 – Número de aulas expectável por dia da semana no ano letivos de 2016/2017

Da observação da tabela, podemos concluir que, o número de aulas individuais por trimestre é variável, em função do dia da semana em que o aluno tem aula, devendo este, ser um fator a ter em conta no momento de avaliação. Ainda é possível verificar a disparidade entre o número de aulas que existem entre períodos que, necessariamente, terá que ser tido em conta por professor e aluno na preparação das provas trimestrais.

No entanto, o número de aulas do período, não é, necessariamente, o número de aulas que o aluno tem até à prova, uma vez que, as provas trimestrais, acontecem antes da última aula.

Observemos então, o calendário de provas trimestrais na Academia de Música de Lagos para o ano letivo 2016/2017:

Provas trimestrais	
1º Período	14 a 26 de novembro
2º Período	6 a 20 de março
3º Período	22 a 27 de maio

Tabela 13 - Provas trimestrais 2016/2017 na Academia de Música de Lagos, de acordo como Plano de Atividades da Instituição

Vejamos então, o número de aulas individuais de instrumento que os alunos têm até à prova trimestral, assumindo a realização da mesma no prazo mais alargado possível na Academia de Música de Lagos:

1º Período		
Alunos com aula à segunda-feira	21 novembro	10 aulas
Alunos com aula à terça-feira	22 novembro	9 aulas
Alunos com aula à quarta-feira	23 novembro	9 aulas

Alunos com aula à quinta-feira	24 novembro	10 Aulas
Alunos com aula à sexta-feira	25 novembro	11 aulas
2º Período		
Alunos com aula à segunda-feira	20 março	10 Aulas + 2 do Período Anterior
Alunos com aula à terça-feira	14 março	10 Aulas + 3 do Período Anterior
Alunos com aula à quarta-feira	15 março	10 Aulas + 3 do Período Anterior
Alunos com aula à quinta-feira	16 março	10 Aulas + 1 do Período Anterior
Alunos com aula à sexta-feira	17 março	10 Aulas + 3 do Período Anterior
3º Período		
Alunos com aula à segunda-feira	22 maio	2 Aulas + 3 do Período Anterior
Alunos com aula à terça-feira	23 maio	3 Aulas + 3 do Período Anterior
Alunos com aula à quarta-feira	24 maio	5 Aulas + 2 do Período Anterior
Alunos com aula à quinta-feira	25 maio	5 Aulas + 2 do Período Anterior
Alunos com aula à sexta-feira	26 maio	5 Aulas + 1 do Período Anterior

Tabela 14 – Número de aulas entre provas trimestrais.

Após a observação da tabela precedente, podemos verificar que existe uma clara diferença do número de aulas do terceiro período para o segundo e primeiro, sendo que, entre provas, o maior número de aulas se apresenta no segundo período.

Ainda deve ser tido em conta que, os alunos com aulas de instrumento em dias afetados por feriados, necessariamente terão um número inferior de aulas aos que não são afetados por esses mesmos feriados.

Após a observação e análise da variedade de disciplinas, da carga horária semanal a que os alunos estão sujeitos, e do número de aulas de instrumento até à prova, é improrrogável a apreciação dos programas curriculares para a disciplina de Violino, na Academia de Música de Lagos.

O ensino da música em regime articulado, ao longo dos anos, tem sido objeto de inúmeras dificuldades de assunção; dependente de dois estabelecimentos de ensino para o seu desenvolvimento, necessita de um conjunto alargado de entendimentos por parte dos diferentes atores para a sua sustentabilidade. O ensino articulado deve ser desenvolvido entre os agrupamentos de escolas do ensino genérico e as escolas especializadas de música e não deve limitar-se à organização dos horários. (Ribeiro, 2013 p.16)

Efetivamente, para a articulação necessária entre escola, torna-se imprescindível dispor de tempo para organização e lançamento de avaliações, assim como todos os procedimentos burocráticos ligados com o fecho de um período. No entanto, foi possível constatar o facto de que, o período de aulas existente entre provas e o fim do período letivo, que muitas vezes chega às três semanas é, naturalmente um tempo de menor produtividade, uma vez que se trata de um período pré-férias em que a avaliação já foi efetuada.

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, foi possível constatar que, uma das formas de manter os alunos motivados para o estudo do instrumento é, através da criação de audições numa data posterior à prova. No entanto, se por um lado, permite manter o aluno ligado ao estudo do instrumento durante mais tempo no período, pode ser tempo que não é aproveitado na abordagem ao material didático que vem no Período seguinte, sendo o ideal e, naturalmente impossível de aplicar a todos os alunos, ter um pouco das duas abordagens.

3 – A disciplina de violino

Na Academia de Música de Lagos, a disciplina de violino é lecionada uma vez por semana, numa aula individual de 50 minutos. Os objetivos traçados entre aulas devem assumir a disponibilidade de tempo para o instrumento, em função do tempo de aulas, assim como a necessidade de estudo para as disciplinas restantes do currículo em questão.

3.1 – Autonomia pedagógica

A 7 de Março de 2014, foi publicada uma portaria referente à autonomia pedagógica, aplicada às escolas do ensino particular e cooperativo nas quais se abrange a Academia de Música de Lagos.

O Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo (EEPC) de nível não superior publicado em anexo ao Decreto –Lei n.º 152/2013, de 4 novembro, consagrou, com especial relevo, a atribuição de autonomia pedagógica às escolas do ensino

particular e cooperativo, por ele abrangidas. Nos termos do Estatuto, a autonomia pedagógica e organizativa constitui -se como o direito conferido às escolas de poderem tomar as suas próprias decisões nos domínios da oferta formativa, da gestão dos currículos, dos programas e atividade educativas, da avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos, constituição de turmas, gestão de espaços, dos tempos escolares e do seu pessoal. A autonomia consagrada, designadamente na vertente pedagógica e organizativa, confere às escolas do ensino particular e cooperativo, à semelhança do que acontece já em alguns contratos de autonomia das escolas públicas, a capacidade de poderem proceder à gestão flexível do currículo, tendo em conta o seu projeto educativo e o correspondente aprofundamento das obrigações de informação sobre a mesma. São agora estabelecidas as regras a aplicar a esta gestão flexível, permitindo -lhes fazer uso de uma percentagem das horas definidas nas matrizes curriculares em vigor, sem com isso, pôr em causa o cumprimento dos programas e metas curriculares, do número total de horas curriculares legalmente estabelecidas para cada ano, nível e modalidade de ensino, permitindo -lhes, também, criar e ampliar planos curriculares próprios ou oferecer disciplinas de enriquecimento ou complemento do currículo.

Diário da República, 1.ª série — N.º 47 — 7 de março de 2014

Como podemos ver no excerto da portaria acima transcrito, este estatuto veio permitir às escolas de ensino particular e cooperativo gerir os próprios programas. A Academia de Música de Lagos, estando inserida no conjunto de escolas de ensino particular e cooperativo abrangido por esta portaria; tem o seu próprio programa.

Com base nessa mesma autonomia pedagógica seguir-se-á uma análise ao programa de instrumento aplicado na Academia de Música de Lagos e suas especificidades.

3.2 - Programa Curricular

“O problema central deste tipo de ensino prende-se com a organização curricular e pedagógica que radica de um conjunto de opções e conceções que fazem parte do passado e que podem comprometer o futuro”. (Ribeiro 2013, p.59)

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, foi possível constatar que, a problemática que o autor coloca, é uma das grandes questões a resolver no ensino articulado nos dias de hoje. A já referida Autonomia Pedagógica veio tentar responder a essa questão, mas, não parece fazer sentido abandonar séculos de evolução na aprendizagem do violino fazendo uma total clivagem entre velho e novo paradigma. O grande desafio está, portanto, em conseguir usufruir da experiência e conhecimento adquiridos durante anos de ensino-aprendizagem do violino, e saber da melhor forma de os adaptar à realidade dos dias de hoje.

Observando o programa da disciplina de Violino, apresentado na Academia de Música de Lagos, podemos verificar que se encontra estruturado da seguinte forma: Objetivos Gerais; Objetivos específicos, Conteúdos Programáticos e Material Didático; e Critérios de Avaliação.

Como podemos ver, os objetivos gerais são transversais aos cinco anos do curso básico.

Objetivos gerais:
1. Estimular a formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as potencialidades do aluno.
2. Desenvolver o interesse pela música em geral e pelo instrumento em particular.
3. Desenvolver os conteúdos musicais e técnicos da execução instrumental.
4. Desenvolver a perceção musical e a imaginação ao longo do processo de trabalho sobre as obras.
5. Desenvolver o gosto por uma constante evolução e atualização de conhecimentos resultantes de bons hábitos de estudo.

Tabela 15 – Objetivos gerais - Programa de Violino da Academia de Música de Lagos. (2014 pág. 7)

3.2.1 – Estruturação do programa por grau

A estruturação do programa por grau, apresenta a mesma forma para os diferentes graus: Objetivos específicos; Conteúdos programáticos e Material Didático.

Vejamus esta forma aplicada ao primeiro grau, segundo o Programa de Violino aplicado na Academia de Música de Lagos:

1º GRAU/5º ANO
<i>Objetivos específicos:</i>
1. Postura correta do violino e do arco.
2. Controlar a posição e a direção do arco em cada corda.
3. Flexibilidade do pulso dos dedos e da mão direita no arco.
4. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Articulações: *detaché, stacatto* e ligaduras simples (2-4 notas).
2. Estudo da 1ª posição.
3. Escalas de 1 e 2 oitavas com arpejos.
4. Desenvolver um correto sentido de afinação.
5. Desenvolver a noção de frase.

Material didático:

Kayser. Estudos op.20
Selected Etudes. Music School 1-3. Edited by K. Fortunatov
Wohlfahrt. Estudos. Op.45 Livro I
Sheila Nelson – Stepping Stones;
Sheila Nelson – Waggon Wheels;
Suzuki – Volume I , II
Kuchler. Concertino in G-Dur op.11
Rieding. Concerto op.35

Tabela 16 - Estruturação do Programa do Primeiro Grau - Programa de Violino da Academia de Música de Lagos. (2014 p. 7)

Podemos ver em anexo a estruturação para os restantes graus.

3.2.2 - Critérios de Avaliação:

Como podemos observar, os critérios de avaliação são transversais aos graus em questão, naturalmente aplicados à diferenciação programática de cada grau; com exceção das provas globais, elaboradas no 2º e 5º grau.

Domínio da Avaliação	Critérios Gerais	Critérios Específicos	Peso na Avaliação		
			1º e 2º Período	3º Período (1º; 3º; 4º grau)	3º Período (2º; 5º grau)
Cognitivos (Aptidões, Capacidades, Competências)	Desenvolvimento técnico	<ul style="list-style-type: none"> - Coordenação psico-motora; - Qualidade do som trabalhado; - Realização de diferentes articulações e dinâmicas; - Utilização correta das dedilhações para cada nota; - Fluência da leitura; - Agilidade e segurança na execução; - Respeito pelo andamento que as obras determinam; - Capacidade de concentração e memorização; - Capacidade de diagnosticar problemas e resolve-los; 	22,5%	15%	35%
	Desenvolvimento artístico	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de abordar a ambiência e estilo da obra; - Capacidade de formulação e apreciação crítica; - Capacidade de abordar e explorar repertório novo; - Sentido de pulsação/ritmo/harmonia/fraseado. 	22,5%	15%	35%
Atitudinais (Valores)	Atitudes e Valores	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade e pontualidade; - Apresentação do material necessário para a aula; Interesse e empenho na disciplina; - Métodos de estudo; - Atitude na sala de aula; 	20%	13,3%	15%

		<ul style="list-style-type: none"> - Cumprimento das tarefas atribuídas; - Regularidade e qualidade do estudo; - Participação nas atividades da escola (dentro e fora da escola); - Respeito pelos outros, pelos materiais e equipamentos escolares; - Postura em apresentações públicas, como participante e como ouvinte. 			
Performativos (Psico-motores)	Participação em Audições ou Atividades da Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Postura em palco; - Rigor da indumentária apresentada; - Sentido de fraseado; - Qualidade sonora; - Realização de diferentes articulações e dinâmicas; 	10%	6,7%	15%
	Prova Trimestral	<ul style="list-style-type: none"> - Fluência, Agilidade e segurança na execução; - Manutenção do andamento que as obras determinam; - Capacidade de concentração e memorização; 	25%	50%	-
	Prova Global	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de manter a abordagem da ambiência e estilo da obra; - Capacidade de diagnosticar problemas e resolvê-los de imediato. 	-	-	50% da Média dos 3 períodos

Tabela 17 – Critérios de avaliação - Programa da Disciplina de Violino da Academia de Música de Lagos (2014 p.13)

Nota: No final do ano letivo é lançada a nota final que corresponde à média dos 3 períodos.

A prova global efetuada no 2º e 5º grau tem um peso de 50% na avaliação total do ano, diferindo nesse aspeto dos restantes graus de ensino básico.

3.2.3 - Provas Globais

No ensino Básico, as provas globais encontram-se programadas para o 6.º e 9.º ano, ou seja, 2.º e 5.º grau respetivamente, como podemos observar no artigo 12 da Portaria n.º 225/2012 de 30 de julho.

Artigo 12.º

Provas globais

1 — A avaliação das disciplinas de 6.º ano/2.º grau e 9.º ano/5.º grau, da componente de formação vocacional, pode incluir a realização de provas globais cuja ponderação não pode ser superior a 50 % no cálculo da classificação final da disciplina, sendo obrigatória nas disciplinas de Técnicas de Dança, Instrumento, Iniciação à Prática Vocal e Prática Vocal.

2 — A realização das provas globais, referidas no número anterior, deve ocorrer dentro do calendário escolar previsto para este nível de ensino, podendo ainda decorrer dentro dos limites da calendarização definida para a realização de provas finais e exames de equivalência à frequência e desde que em datas não coincidentes com provas, de âmbito nacional, que os alunos pretendam realizar.

3 — O departamento curricular competente ou estrutura equivalente deve propor ao conselho pedagógico ou equivalente a informação sobre as provas globais, da qual conste o objeto de avaliação, as características e estrutura da prova, os critérios gerais de classificação, o material permitido e a duração da mesma.

Como é possível observar no Anexo XI, na Academia de Música de Lagos, estas estruturam-se tendo em conta os seguintes critérios: Técnica; Estudos; Repertório; Leitura à primeira Vista; Atitude, Postura e Apresentação; sendo obrigatório apresentar o material didático de acordo com o Programa da Violino da Escola Cooperante, aplicado ao respetivo grau.

3.2.4 - Provas Trimestrais

As provas trimestrais, executadas no fim de cada período, obedecem a uma estrutura tripartida composta por: Escalas, Estudos/Peças e Leitura à primeira vista. Observemos a matriz da prova de primeiro grau:

PROVAS TRIMESTRAIS

1º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e harpejo em duas oitavas¹.

Uma escala maior e harpejo à escolha de três apresentadas em uma oitava.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo ²e duas peças do repertório de 1º grau ou superior³.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma nova escala maior e harpejo em duas oitavas⁴.

Uma nova escala maior e harpejo (1 oitava).

Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica (1 oitava).¹

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças do repertório de 1º grau ou superior, diferentes do 1º Trimestre.²

LEITURA À 1ª VISTA – Um trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma nova escala maior e harpejo em duas oitavas.

Uma escala maior e harpejo à escolha de quatro apresentadas (1 oitava).

Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica à escolha de duas apresentadas (1 oitava).⁵

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo do repertório do 1º Grau. (Estudo n.º 1 de Kayser ou outro de dificuldade equivalente para alunos que tiveram Iniciação).

Duas peças do repertório de 1º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

¹ Só para alunos que frequentaram algum Curso de Iniciação ao Violino.

² Os estudos poderão ser substituídos por Exercícios Técnicos (por ex: Sevcik, Schradieck, Dounis, Sammons, Varga, etc.) adaptados ao Grau em questão, em termos de dificuldade e quantidade.

³ Os alunos que não frequentaram Iniciação, para além do estudo, só terão de preparar uma peça.

⁴ Primeira escala de duas oitavas para os alunos que não frequentaram Iniciação.

⁵ Ao critério do Professor no caso dos alunos que não frequentaram Iniciação

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

(2014) Sebenta de Violino – Academia de Música de Lagos (2014 pág., 2)

De salientar uma diferenciação que é feita no primeiro e segundo grau, relativa aos alunos que frequentaram o curso de iniciação sendo pedido mais material para prova, uma vez que o primeiro contacto com o instrumento já existia antes da iniciação do curso em questão. Esta diferenciação é exclusiva do primeiro grau, ficando todos os alunos em igualdade de circunstâncias a partir do segundo grau.

A escola de música, atualmente, é frequentada por crianças e jovens de diferentes estratos sociais e cujos objetivos iniciais estão longe de passar pela opção vocacional aos 10 anos de idade (frequentam a escola de música sem intenções de seguir a área vocacional da música). As preocupações principais centram-se numa formação geral equilibrada que permita a respetiva escolha vocacional devidamente sustentada. Assim sendo, a vocação não é (nem pode ser) um requisito a priori, mas uma aquisição conseguida a posteriori, e é necessário alargar esta possibilidade de formação geral a todas as crianças e jovens. A construção da vocação assume assim um papel referencial democrático, indispensável, necessário e legítimo questionando, claramente, o conceito de ensino vocacional legislado. Neste sentido, não são os alunos que estão desajustados do conceito escola vocacional de música: o sistema é que está desenquadrado da população escolar. (Ribeiro,2013, p. 366)

Sendo o ensino articulado um tipo de ensino vocacional, não é, necessariamente (e menos no ensino básico), uma definição imediata de futuro para um estudante entre os 10 e os 14 anos. No entanto, também não deve ser considerado como uma simples ocupação de tempos livres, devendo-se atuar no sentido de poder dar este tipo de oferta formativa a todos, não bloqueando a aquisição de conhecimento aos que pretende claramente fazer da música sua profissão.

É notório que se vive um processo de constante adaptação, entre o velho e o novo paradigma, e o maior desafio que se encontra de futuro é, como Ribeiro (2013) explica, dar uma formação geral equilibrada que permita a respetiva escolha vocacional devidamente sustentada. Mas para que tal exista, é necessária uma compreensão bidirecional, isto é, no sentido de entender e agir perante os diferentes objetivos dos alunos.

Em qualquer das situações, quer o aluno disponha de muito tempo para o estudo do instrumento, quer dê prioridade a outros estudos, saber como estruturar o estudo no tempo a

que se dispõe para o fazer, é um fator essencial para uma presença saudável no ensino Básico Articulado da música e em particular no Violino.

4 – Conclusão (Secção I – Prática de Ensino Supervisionada: contextualização legal e abordagem à escola)

No encerramento deste capítulo, parece importante reiterar, de uma forma resumida o seguinte: os alunos do Ensino Básico Articulado, ou seja, entre o quinto e nono ano de escolaridade e, respetivamente, entre o primeiro e quinto grau do curso básico de música dispõem, de 33 aulas semanais (no caso do primeiro e segundo grau), ou de 35 aulas semanais (no caso do segundo, quarto e quinto graus). Isto considerando a não inscrição nas disciplinas de cariz opcional.

Na análise da variabilidade de disciplinas que a população em estudo tem, no primeiro e segundo ciclos, existe um total de 12 disciplinas distintas, sendo três da área da música, nomeadamente: Instrumento, Formação Musical e Classes de Conjunto.

Na escola cooperante – AML, é requerido que o aluno se apresente em prova, após um período de cerca de 10 aulas (no primeiro e segundo período, sendo que no terceiro são cerca de 6, com base na observação do ano letivo 2016/2017), obedecendo a uma estrutura que exige: escalas, estudos, peças e leitura à primeira; com natural aumento de complexidade à medida do avanço dos períodos e anos.

A falta de tempo, sendo uma queixa que se reitera, observada no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada no ano letivo transato, mas também nos três anos antecedentes, onde o mestrando foi professor, exige uma resposta de um modo geral, e especificamente no violino.

Através da pesquisa bibliográfica, é possível observar que, a questão do tempo de estudo no violino não é, uma questão exclusiva dos dias de hoje. Com os necessários ajustes de adaptação à realidade do Ensino Básico Articulado de violino atual, é objetivo deste trabalho encontrar respostas para a problemática da organização do tempo no estudo de violino.

Secção II – Investigação

1 - Objeto de investigação

Olhando o percurso académico de um aluno do Ensino Básico Articulado de Música, entre o primeiro e quinto grau; serão poucos os casos em que o fator tempo de estudo não se apresenta, em alguma fase do percurso, como uma questão problemática. Urge então, a necessidade de estudar esse facto, assim como de descobrir processos sobre os quais, professores e alunos possam estruturar o seu trabalho no sentido de responder a esta problemática.

Uma das questões centrais, do estudo do instrumento, prende-se não só com o tempo disposto, o qual já foi possível observar no capítulo anterior, mas sim com o uso que se faz do mesmo. Uma vez que, não está *à priori*, ao alcance de professores a alunos mudar o tempo disponível, assim como o número de áreas de estudo obrigatórias, que se encontra no domínio da legislação; é necessário encontrar uma resposta em função das variáveis que se nos apresentam como fixas.

1.1 - Motivações para a escolha do objeto de investigação

O mestrando, sendo docente na escola cooperante em questão nos anos transatos, vivenciou a problemática da queixa de falta de tempo, identificando-a como uma das principais questões sobre a qual refletir, desejando então, através do trabalho de investigação, colaborar para que, tanto quanto possível, se torne o processo de ensino-aprendizagem da música, no Ensino Articulado, o melhor e mais salubre possível.

No exercício da profissão de professor de violino, parece fundamental, direcionar o aluno, não de um ponto de vista fechado na prática do instrumento, mas sapiente do contexto no qual o aluno se insere, que é naturalmente volátil em função do tempo e espaço, estando regulado pela lei que, também com o passar dos tempos vem dando margem para que as escolas se adaptem em função das variáveis que lhe são apresentadas.

1.2 - Objetivos da investigação

Esta investigação está direcionada em dois objetivos base: o primeiro remete para o conhecimento do professor de violino da realidade académica do aluno do ensino Básico Articulado, como um todo; o segundo direciona-se numa ajuda ao aluno, naturalmente encaminhado pelo professor, na organização do seu tempo para o estudo de violino, resultando tanto quanto possível na otimização no mesmo.

Observadas as cargas horárias dos alunos do Ensino Básico Articulado, o número de aulas e a sua duração, o número de disciplinas às quais os alunos estão obrigados a frequentar, surge a necessidade de refletir como poder ajudar o aluno a se organizar no tempo e na forma do seu estudo de instrumento. Surgem então as seguintes questões:

- Quanto tempo deverá o aluno estudar diariamente?

- Como deve aplicar esse mesmo tempo nos diferentes exercícios e peças que lhe são propostos?

O objetivo principal desta investigação, será responder a essas questões, de forma a trazer um acréscimo de qualidade no dia-a-dia do estudante de violino no Ensino Básico Articulado de Música.

2 - Metodologias de investigação

2.1 - Etapas da investigação

O seguimento desta investigação está estruturado num conjunto de etapas que resultaram neste relatório final:

- a) Investigação e definição da problemática de investigação
- b) Autorização do projeto de investigação por parte do orientador, e posteriormente pelo coordenador do curso;
- c) Início da Prática de ensino Supervisionada com recurso a aulas assistidas e Lecionadas por parte do mestrando em articulação com professor orientador e professor cooperante
- d) Constatação da problemática em questão
- e) Investigação sobre a problemática

- f) Aplicação de metodologia
- g) Entrega de relatório final

2.2 – Método de Investigação

2.2.1 – Contextualização e análise de legislação aplicável

A metodologia em questão, tem por base a observação de aulas que fizeram parte da execução da Prática de Ensino Supervisionada, tendo como público-alvo os alunos do Professor Cooperante na Academia de Música de Lagos; articulando com o conhecimento adquirido ao nível da legislação aplicada ao público alvo em questão.

2.2.2 – Investigação bibliográfica

No sentido de encontrar respostas ao problema colocado no trabalho de investigação, o mestrando recorreu a este método, que tem como base a pesquisa bibliográfica. A salientar há o facto de a abordagem ter em conta que o desfasamento temporal entre alguma bibliografia e a realidade atual, sendo que esta ainda se revela muito útil, não obstante de carecer de uma visão adaptada no tempo e no espaço da investigação em questão. Assim sendo, a Secção II, que remete para a pesquisa bibliográfica, é naturalmente enquadrada num contexto legal e pedagógico aplicados à Escola Cooperante.

2.2.3 – Análise de resultados obtidos

Este método teve por base a análise os resultados das provas trimestrais dos alunos incorporados na amostra em questão; após a aplicação das metodologias propostas, onde são apresentadas as avaliações quantitativas dos alunos, numa escala de zero a cinco valores.

3 – Reflexões teóricas sobre o tempo de estudo do violino

3.1 – O perfil do aluno

Na abordagem ao estudo de violino, é verificável que, existem diversas reflexões sobre os diferentes perfis possíveis de encontrar num aluno. Características como a adaptabilidade ao instrumento, concentração, autonomia, capacidade de reação ao estímulo são aspetos que

se apresentam como relevantes na reflexão sobre o tempo e a qualidade de estudo que podemos esperar de um aluno.

Em termos gerais, os alunos podem ser divididos em uma categoria "ativa" e "passiva". Os alunos ativos são aqueles que têm o desejo inato de uma imaginação criativa. Eles são verdadeiramente desafiadores e podem ser feitos para crescer em artistas genuínos. O outro tipo, os alunos passivos, não podem fazer nada por conta própria, nada que não tenha sido mostrado pelo professor ou outro artista.” (Galamian, 1962 p.8).⁶

Além da criatividade referida, a produtividade do mesmo no estudo assumindo uma aptidão inata também parece ser um fator relevante a ter em conta.

Segundo Primrose: há aqueles que aprendem de forma rápida e intuitiva, sem que lhes seja atribuído crédito. Esse são os afortunados, enquanto existem os outros que têm que sofrer com a aprendizagem que vem relutantemente. É difícil dizer se o último aprende mais do que o primeiro no último reduto. (Dalton, 1988, p.29)

Numa abordagem posterior, há que refletir sobre a autossuficiência na produção do trabalho e estudo. Esse passo será necessariamente dado, com a ajuda do professor.

Na entrevista de Dalton a Primerose é colocada a questão: “*Acha que a maior parte dos seus alunos são inteligentes o suficiente para adaptar a técnica de isolar a dificuldade?*” (Dalton, 1988, p.31). Primerose é assertivo na resposta: “*Não, não são. Isso tem que ser mostrado. Muitas vezes continuo a praticar para além do tempo que seria normalmente necessário porque simplesmente gosto de tocar. Se chego ao ponto de estar aborrecido, então faço outra coisa*”. (Dalton, 1988, p.31)⁷

Teremos assim que concluir que, naturalmente, haverá alunos com maior propensão para uma melhor compreensão, um estudo mais eficaz do instrumento, e um resultado mais eficiente e assertivo. Mas a realidade com a qual o professor se depara é, naturalmente variável, como foi possível verificar na Prática de Ensino Supervisionada.

⁶ Broadly speaking, students may be divided into an “active” and a “passive” category. The active students are those who have the innate urge of a creative imagination. They are truly challenging ones and can be added to grow into genuine artists. The other type, the passive students, can do nothing on their own, nothing that has not been shown them by the teacher or another performer.

⁷ DALTON Do you find that most of your students are intelligent enough to adopt the technique of isolating the difficulty?
PRIMROSE No, they aren't. this has to be shown. Now I often continue in my practicing much beyond the time that would be normally required because I just enjoy playing. If I get to the point where I am bored, then I do something else.

As reflexões teóricas que abordam o perfil do aluno podem levar-nos a concluir que, à data, a maneira de os denominar parece um pouco binária, isto é, separa os alunos que são bons na compreensão, aquisição de conhecimento, e os que não são. Uma abordagem moderna, naturalmente não poderá ser tão quadrada.

Em função desses fatores, urge a necessidade de reflexão sobre o papel do professor.

3.2 – O papel do professor no estudo do aluno

No seguimento do tema anterior, é constatável que, seja qual for o perfil do aluno, o papel do professor apresenta uma influência determinante no seu desenvolvimento.

Mas seja o aluno velho ou novo, profissional ou amador, individual ou em grupo, - o seu progresso e o seu desenvolvimento dependem do professor. Pois, se o professor souber como ensinar, a atenção do aluno é imediatamente captada, a imaginação é despertada e, muitas vezes, seu entusiasmo não conhece limites. E do ponto de vista do professor, que profissão poderia ser mais gratificante do que isso? (Havas, 1971; p.65).⁸

No entanto, o desenvolvimento do aluno, passa necessariamente pelo seu estudo individual, sendo esse o desafio central do trabalho em questão.

“O professor deve sempre ter em mente que para ele, o maior objetivo deve ser, tornar o aluno autossuficiente” (Galamian, 1962, p.8).⁹

Uma vez centrado no estudo individual do aluno, este relatório não deve descuidar o facto de que, o mesmo está claramente influenciado pela ação do professor. Dado que, no ensino Básico Articulado de Música o contacto professor/aluno se resume a 50 minutos semanais, e que se trata de alunos com idades entre os 10 e os 14 anos, a afirmação de Galamian, ganha ainda uma maior valoração.

Enquanto se toca violino, o espírito deve ocupar-se constantemente de verificações de rotina. Deve ser qualquer coisa como uma segunda natureza mental. Cada parte, cada movimento deve ser verificado, a flexibilidade do ombro, a mobilidade do pescoço, o dedo, o cotovelo, o pulso, os pés, tudo calmo, relaxado, coordenado. Depois a respiração, a posição dos olhos, a oscilação do corpo: estão todos certos,

⁸ But be the pupil old or young, professional or amateur, single or in group, - his progress and development are up to the teacher. For if the teacher knows how to teach, the pupil's attention is immediately arrested, his imagination is aroused and often his enthusiasm knows no bounds. And from the teacher's point of view what profession could be more rewarding than this?

⁹ The teacher must always bear in mind that the biggest goal should be for him to make the student self-sufficient.

em harmonia? Nada deve ser deixado ao acaso nos movimentos do violinista nada deve ser movido sem o acordo de todas as outras partes. (Menuhin, 1986 p.13)

Essas mesmas verificações de rotina necessitam de maturidade para que sejam alcançadas por um aluno entre os 10 e os 14 anos. No decorrer das aulas assistidas e lecionadas na Prática de ensino Supervisionada, foi possível verificar que, o aluno que, estabelece mais rapidamente as rotinas certas, apresenta mais sucesso que aquele que estuda muito, mas sem critério.

A constante capacidade de concentração, em detrimento do estudo rotineiro e mecânico parece consensual.

O que deve ser inculcado no aluno acima de tudo é a necessidade de alerta mental completo e constante durante a prática. O que acontece com demasiada frequência com muitos estudantes é que a mente vagueia para diferentes esferas enquanto os dedos e as mãos estão envolvidos em repetições mecânicas de funcionamento rotineiro e intermináveis. A prática desse tipo, sem direção e controle, é um desperdício de tempo e esforço. Não só não consegue o que se propõe a fazer, mas também às vezes pode ser prejudicial. Os erros são repetidos uma e outra vez, e o ouvido torna-se impermeável aos sons defeituosos. (Galamian, 1996 p.94)¹⁰

Não só a capacidade de resistência e concentração, são fatores determinantes. Da parte do professor, compreender a capacidade do aluno de receber a informação e fazer algo autónomo torna-se essencial para que se possa, sobre ele, exercer a abordagem mais correta.

Quando questionado sobre a possibilidade de o professor assegurar que o seu aluno estuda corretamente.

Regra geral, é possível constatar numa lição subsequente. Se o aluno for inteligente e consciencioso, e o professor explicar como praticar, ele irá praticar corretamente. Se o aluno voltar a tocar com as mesmas falhas ou os mesmos erros, ele não respondeu à solução dada. Presumo que o aluno não tenha praticado de forma assídua ou tenha praticado incorretamente devido à falta de compreensão. (Dalton, 1988, p.16)¹¹

¹⁰ The thing that must be impressed on the student above all else is the necessity for complete and constant mental alertness during practice. It happens only too often with too many students that the mind wanders to different spheres while the fingers and hands are engaged in mechanical routine-functioning and endless repetitions. Practice of this kind, lacking both direction and control, is a waste of time and effort. Not only does it not achieve what it sets out to do, but also in can sometimes be positively harmful. Mistakes are repeated over and over again, and the ear becomes impervious to faulty sounds.

¹¹ As a rule, you will be able to tell that from a subsequent lesson. If the student is intelligent and conscientious, and the teacher explains how to practice, he will practice correctly. If the student returns playing with the same

Ora, como podemos observar, perante o insucesso, o autor, questiona não só o desempenho do estudante, como o seu próprio desempenho enquanto professor. Podemos concluir assim, que a estruturação do estudo individual começa na sala de aula. Sendo o papel do aluno, *à posteriori*, determinante, na obtenção do sucesso, o caminho, direcionado pelo professor, será indubitavelmente, fundamental.

3.3 - Obrigação de estudar por um número definido de horas

“Quando a criança está a aprender, o instrumento seu companheiro proporciona-lhe uma grande dádiva: tempo ilimitado” (Menuhin, 1986, p.135).

Terá sido assim, outrora, no entanto, como foi possível observar, na secção da Prática de ensino Supervisionada, não se aplica nos dias de hoje. Urge então uma necessidade de resposta à realidade ensino/aprendizagem atual.

No sentido de responder às exigências programáticas, e tendo em conta o tempo de estudo disponível do grupo de estudo em questão, com base na análise da legislação que, abrange o Ensino Básico articulado; é-nos possível analisar diversas reflexões sobre a estruturação do estudo individual.

A reflexão que segue, remete para o facto de, frequentemente, no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, assim como nos anos precedentes de ensino na Escola cooperante em questão, o mestrando se deparar com alunos que despendem muito tempo com o instrumento, muitas vezes sem proporcional sucesso.

Quando questionado por Primerose sobre o facto de ter ou não insistido num número fixo de horas por dia, Dalton explica:

Não, eu não tenho. Um estudante tem que praticar até que esteja convencido de que ele fez progresso no trabalho em questão, suficiente para apresentá-lo para a próxima lição. Em alguns casos, um aluno poderá fazer isso em um número relativamente pequeno de horas por dia e, nos outros casos, necessitará de um resultado consideravelmente maior. Eu rejeito o excesso de estudo. (Dalton, 1988, p. 31).¹²

faults or the same mistakes, then he hasn't responded to the remedy offered. I assume the student hasn't practiced assiduously or has practiced incorrectly because the lack of understanding.

¹² No, I have not. A student has to practice until he is satisfied that he has made progress on the work at hand, sufficient to present it for the next lesson. In some cases, a student will be able to do this in a relatively few hours' work a day, and in other cases it will require a considerably greater output. I frown on overpractise.

Isto é, o tempo não é um valor *per se*, mas sim o que se faz com o tempo que se tem.

A criança obrigada a trabalhar sob a orientação draconiana do pai ou de um professor ambicioso e a praticar seis a oito horas por dia pode mais tarde sentir enormes dificuldades, como sucedeu com alguns violinistas, que depois tiveram problemas mentais. (Menuhin, 1986, p.17)

Naturalmente, como já foi possível observar através da análise da legislação em vigor para o Ensino Articulado da Música, não seria humanamente possível a um aluno, estudar esse número de horas de instrumento, por dia. Ainda com o avançar dos anos, o jovem violinista que dispõe de determinado tempo para estudar, pode vir a sentir dificuldades na gestão do tempo com organização da própria vida.

Nestas circunstâncias, se se torna completamente dependente de horas tranquilas de prática, administradas sob disciplina quase militar, então, logicamente, ao organizar a vida, ao ter de arranjar tempo para todas as coisas que um ser humano necessita de fazer, é muito natural que as tensões comecem a acumular-se. (Menuhin, 1986; p.17).

Situação que, nos dias de hoje, e tendo em conta a realidade do ensino articulado, nomeadamente no que toca à carga horária e variedade de disciplinas, das mais diversas áreas interdisciplinares, se agudiza.

Apesar de se poder verificar que, o aluno que consegue organizar, de um modo fixo o seu horário de estudo, normalmente apresenta sucesso, a imposição do mesmo deve ser alvo de reflexão, pois pode resultar de forma nociva para alguns, nomeadamente aos que apresentam menor interesse no instrumento.

Não faz sentido exigir dogmaticamente que cada aluno deva praticar um certo número de horas de acordo com um determinado cronograma rígido. Requisitos e possibilidades variam muito em casos individuais: um aluno pode permanecer fresco mais tempo do que outro; além disso, nem todos os alunos são livres para organizar o seu dia apenas em torno de sua prática de violino. Tudo o que pode ser afirmado numa generalização é que, individualmente, o aluno tem que descobrir pela experiência inteligível o que é melhor para si mesmo. (Galamian, 1962, p.94)¹³

¹³ It does not make sense to demand dogmatically that every student should practice a certain number of hours according to a certain rigid schedule. Requirements and possibilities will vary greatly in individual cases: one student can remain fresh longer than another; and besides, not every student is free to organize his day solely around violin practice. All that can be stated in a generalization is that individually the student has to find out by intelligent experimenting what is best for himself.

A afirmação de Galamian tem uma aplicabilidade crucial nos dias de hoje, na medida em que, fatores como a resistência e o tempo disponível se apresentam como variáveis que diferem muito de aluno para aluno.

3.4 - O tempo de estudo nos primeiros contactos com o instrumento

Havas (1971) defende que, nos primeiros contactos com o instrumento, é mais produtivo utilizar tempo para reflexão sobre as questões técnicas que, propriamente utilizar o tempo que tem de maneira exaustiva a tocar.

A coisa mais sábia para um aluno fazer é deixar um período duas ou três vezes por dia para pensar sobre o que ele aprendeu durante a lição, e só então está apto para tentar no violino. Manter um diário de cada lição é uma excelente ideia. Pode assumir várias formas. Ou o aluno estabelece os fatos importantes que ele deve ter em mente, ou o professor o faz. Mas, em qualquer caso, o aluno deve lê-lo todas as vezes antes de começar a praticar. Normalmente aconselho meus alunos a não praticarem mais de dez minutos quando começarem a aprender; E se eles acharem algo difícil, como segurar o violino ou o arco, ou obter a afinação de canto clara, devem deixá-lo imediatamente, colocar o violino e apenas pensar o que está tentando fazer e como deve ser feito. Então tente novamente outra vez. (Havas, 1971, p.61)¹⁴

Como vemos o tempo de estudo com o instrumento que Havas defende para os alunos que começam, não é muito. Estes dez minutos de prática instrumental, são compensados então com períodos de reflexão.

Na sequência das aulas lecionadas no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, foi possível constatar que, no caso de alguns alunos que começam a aprendizagem do instrumento, e apresentam um elevado tempo de estudo entre aulas, desenvolvem por vezes alguns vícios, decorrentes de uma sistematização ainda a ser construída.

Havas, explica as vantagens de uma abordagem como esta:

¹⁴ The wisest thing for a pupil to do is to set aside a period two or three times each day in which to “think” about what he learned during the lesson, and only then is he to try it on the violin. To keep a diary on each lesson is an excellent idea. It can take various forms. Either the pupil jots down the important facts he has to keep in mind, or the teacher does. But in any case, the pupil is to read it over every single time before he begins to practice. I usually advise my own pupils not to practice more than ten minutes a time when they begin to learn; and if they find anything difficult, such as holding the violin or the bow, or getting the clear singing tone, they are to leave it immediately, to put the violin down and only think about what they are trying to do and how it should be done. Then try it again another time.

Evita os sons terríveis que os iniciantes tendem a fazer, e como eles não dependem de nenhum processo de fortalecimento dos músculos que os pode deixar em baixo drasticamente, desenvolvem autoconfiança e sentido de divertimento, tão necessário para fazer boa música. É claro que enquanto aprendem a concentrar-se, o tempo de prática também se prolonga. Mas como resultado desta dependência do funcionamento da mente, ao invés da força física, as suas bases ficam tão firmes como uma pedra, sobre a qual podem construir o que quiserem mais tarde. (Havas, 1971, p. 62).¹⁵

Naturalmente, com a exigência programática e a necessidade de executar diferentes peças e exercícios, esse tempo poderá ser insuficiente, mas parece-me que, é extremamente bem aplicado nos casos de iniciação (precedente ao ensino Básico), ou nas primeiras aulas que os alunos têm de instrumento quando entram no ensino articulado.

Assim sendo, urge a necessidade de pensar a forma como o aluno pode responder com sucesso a um horário cheio com as mais diversas áreas disciplinares e o estudo do seu instrumento, de uma forma saudável e com sucesso.

3.5 - A distribuição do tempo de estudo

Gruenberg (1965), apresenta aquilo a que se refere como “Horários da prática diária”, nos quais explicita, em função do tempo que o aluno tem, a distribuição dos exercícios nesse mesmo tempo. Vejamos:

(“A” pela manhã; - “B” – pela Tarde)	
(I) Uma Hora	
A.	
Exercícios de Mão esquerda	10 minutos
Vibrato e Dinâmicas	5 minutos
Estudos	15 minutos
B.	
Escalas e arpejos	10 minutos
Cordas dobradas	5 minutos
Peças	15 minutos

¹⁵ Avoids the awful sounds beginner tend to make; and because they do not depend on any strengthening process of their muscles which can let them down so badly, they develop self-confidence and sense of enjoyment, so necessary to good music-practicing. Of course, as they learn to concentrate, the length of practicing time I also extended. But as a result, if this dependence on the function of the mind, rather than on physical strength, their Foundation is as firm as a rock, on which they can build anything they like later on.

(I) Duas Horas	
A.	
Exercícios de Mão esquerda	20 minutos
Vibrato e Dinâmicas	10 minutos
Estudos	30 minutos
B.	
Escalas e arpejos	20 minutos
Cordas dobradas	10 minutos
Peças	30 minutos
(I) Três horas	
A.	
Exercícios de mão esquerda (Notas separadas 30; Cordas dobradas 10; Acordes de três e quatro notas 10)	50 minutos
Vibrato e Dinâmicas	10 minutos
Estudos	30 minutos
B.	
Escalas e arpejos	30 minutos
Oitavas	10 minutos
Staccato	10 minutos
Peças	40 minutos
(I) Quatro horas	
A.	
Exercícios de mão esquerda (Velocidade 20, Trilos 10, Oitavas separadas 10, Cordas dobradas 10, Acordes de três e quatro notas 10)	60 minutos
Estudos	45 minutos
B.	
Escalas e arpejos	30 minutos
Vibrato e dinâmicas	15 minutos
Staccato 15, Terceiras em cordas dobrada 15	30 minutos

Peças	60 minutos
(I) Cinco horas	
A.	
Exercícios de mão esquerda (Velocidade 30, Trilos 15, Oitavas separadas 15, Cordas dobradas 15, Glissando 15)	90 minutos
Estudos	60 minutos
Escalas e arpejos	30 minutos
Staccato 10, Terceiras em Cordas dobradas 10, Acordes de três e 4 notas 10	30 minutos
Peças	90 minutos
(I) Seis horas	
A.	
Exercícios de mão esquerda (Velocidade 30, Cordas dobradas 15, trilo 15, Oitavas separadas 15, Glissando 15)	90 minutos
Estudos	90 minutos
B.	
Escalas e arpejos	30 minutos
Staccato 10, Terceiras em cordas dobradas 10, Acordes de três e quatro notas 10	30 minutos
Peças	120 minutos
(I) Sete horas	
Este horário pode ser formado na base do horário de seis horas aumentando o tempo a ser distribuído pelos diferentes itens conforme conveniente.	

Tabela 18 - Distribuição do tempo de estudo. (Gruenberg 1965 p. 131)

Após a observação da perspectiva de Gruenberg sobre a distribuição o tempo de estudo no violino é necessário, *à priori*, definir alguns pontos aos quais não são aplicáveis ao atual Ensino Básico Articulado de Música.

Desde já, e uma vez analisada a carga horária dos alunos, sabemos que será impossível aplicar um elevado número de horas no estudo de violino (à exceção do sábado e do domingo). Ainda sobra a carga de estudo em questão é sugerido que se distribua o estudo em

dois momentos no dia, sendo uma prática que, tendo em conta a análise de carga horária e disciplinar dos alunos do ensino Básico Articulado

Em segundo lugar, alguns dos exercícios em questão, não estão considerados no programa de ensino básico na escola cooperante em questão, de entre os quais as cordas dobradas, terceiras e oitavas; sendo estas planeadas posteriormente para o ensino complementar.

No entanto, e na sua base é possível verificar que, a sua estrutura se assemelha ao programa pedido no programa de violino, isto é: Escalas, Estudos e Peças, aos quais podemos aplicar a ideia implícita, variando no grau de dificuldade.

O tempo de estudo assim como as estratégias de repetição são assim variáveis em função do tempo que cada aluno pode despende.

3.6 - O processo de repetição

Primerose explica:

Cheguei a sessenta repetições como um número adequado, daí a minha "regra dos sessenta". Mas é uma sugestão que surgiu de muitos anos de experiência e uso prático. Provou-se oportuno ao praticar um golpe de arco ou quando estava envolvido com o problema da mão esquerda. No entanto, logo fiquei ciente de que, ao repetir, eu poderia confundir-me facilmente com o número de vezes que eu realmente repetia uma passagem, a menos que eu marcasse de alguma maneira.(...) Ao recorrer a uma série arbitrária de golpes de arco, percebi que isso me daria uma prática combinada com a prática de mão esquerda, uma economia que se baseava no meu instinto escocês!. (Dalton, 1988, p.28, 29)¹⁶

Com base nas afirmações de Primerose, podemos ver que, pode ser possível otimizar o tempo de estudo com recurso a exercícios que combinem técnica de mão esquerda e direita. No entanto, podemos ver que, como referido pelo autor, o número alcançado, resultou de anos de experiência. Necessariamente, teremos que assumir que, esse mesmo número possa ser variável de estudante para estudante. No entanto o princípio

¹⁶ I arrived at sixty repetitions as being an adequate number, hence my 'rule of sixty'. This is hardly a rule, rather more in the nature of a suggestion. But it is a suggestion that has grown out of many years of experience and practical usage. As I turned out, it proved to be timely whether I practiced a bowing pattern or was engaged with a left-hand problem. However, I soon became aware that in repeating, I might easily become confused as to the number of times I had indeed repeated a passage unless I marked each off in some fashion. (...) In resorting to an arbitrary series of bowing patterns, I perceived that this would give me bowing practice combined with left-hand practice, an economy that immediately appealed to my Scottish instinct!

pode ser aplicado. Isto é, saber o número de vezes que são necessárias para resolver uma determinada passagem e, com esse número de vezes, aplicar diferentes golpes de arco para que, por um lado se facilite a contagem na repetição e, por outro, se possa efetuar trabalho combinado entre mão esquerda e mão direita.

Primrose explica então como proceder especificamente para uma passagem difícil perante uma hora de estudo:

Se eu tivesse uma hora e uma passagem demorou cerca de cinquenta e oito segundos a realizar um tempo conveniente, então era óbvio que meus períodos de prática dedicados ao problema particular envolveriam cinquenta e oito minutos (60x58), com alguns minutos de sobra. (Dalton 1988; p.29).¹⁷

Acontece que, para cumprir o tempo da forma que está explicada, implica que, a passagem seja repetida com a mesma indicação metronómica. Assim sendo, devemos assumir que, tal estratégia deve ser válida para a consolidação, e não para construção, uma vez que, no seguimento da execução da Prática de Ensino Supervisionada, foi possível constatar que, grande parte do tempo do aluno é usada na aquisição de recursos para execução da passagem, mais do que posteriormente para a consolidar. Em todo o caso, seguindo a ideia de Primrose será possível inculcar ao aluno o gosto pela capacidade de estabelecer um número de vezes a repetir uma passagem difícil, uma vez alcançada, no sentido de a consolidar.

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, e em função do tempo de aula, tornou-se benéfico fazer o aluno entender que, com determinado tempo destinado ao instrumento, é de crucial importância poder dividi-lo nas orientações programáticas, nomeadamente, escalas estudos e peças, assim como seguindo a respetiva ordem de execução dos menos, no sentido de obter maior proveito na execução instrumental.

3.7 - O tempo de descanso

Necessariamente, e analisando as reflexões anteriores, é possível verificar a motivação como fator determinante no estudo do violino. A gestão, da mesma, prende-se claramente com a gestão do tempo de estudo e de descanso.

¹⁷ If I have one hour in hand and a passage took some fifty-eight seconds to perform at a convenient tempo, then it was obvious that my practice period devoted to the particular problem would engage fifty-eight minutes (60 x 58 seconds), with a couple of minutes to spare.

O meu conselho - baseado na experiência de anos - é nunca praticar mais do que trinta ou quarenta minutos seguidos, e descansar e relaxar por pelo menos dez ou quinze minutos antes de começar a trabalhar novamente. Se esse plano for realizado, e eu mais uma vez gostar de enfatizar seu valor, o aluno, para praticar de quatro a cinco horas por dia, deve ter, na verdade, seis ou sete horas à sua disposição. (Auer, 1921, p. 39)

Como o próprio autor explica, conseguir estes tempos de descanso implicariam muitas horas investidas num dia no caso o aluno estudar quatro ou cinco horas. Não sendo esse o caso, por impossibilidade horária e de exigência de todas as outras disciplinas, faz sentido pensar que, se o aluno não terá essa possibilidade. No entanto, podemos concluir daqui, que necessariamente, não é aconselhável estudar num estado de cansaço.

Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993, p. 371) citam Auer (1921) e CE Seashore (1938/1967), pesquisador pioneiro em psicologia da música, afirmando o seguinte:

Muitos estudantes ficam desgostosos com a música, porque não conseguem aprender com trabalho árduo. O comando para descansar é tão importante como para trabalhar na aprendizagem efetiva" (pp 154-155). Auer (1921), o famoso professor de violino, e C. E. Seashore (1938/1967) recomendaram que os períodos de prática fossem limitados a menos de 1 hora com um amplo descanso no meio. Uma pré-condição necessária para a prática, de acordo com Auer (1921), é que o indivíduo esteja totalmente atento ao seu estudo, para que ele perceba as áreas de potencial melhoria e evite erros. Auer (1921) acredita que a prática sem essa concentração é mesmo prejudicial para a melhoria do desempenho.

Olhando mais uma vez para a carga letiva acumulada que um aluno do ensino básico articulado tem, parece difícil, poder estabelecer um amplo descanso entre momentos de estudo, uma vez que o dia está ocupado com cargas horárias de 6 a 7 blocos de aulas. No entanto, a limitação dos períodos de estudo a uma hora, em função da observação dos alunos que apresentavam uma maior capacidade de estudo, faz sentido, na medida em que, o desgaste físico e mental para um estudante nessa faixa etária, pode vir a ser prejudicial, no desenvolvimento do estudo do violino, como já foi constatado.

Ainda há a referir que, o cansaço é decorrente não só pelo estudo do instrumento, mas também (e até maioritariamente), pela carga horária das restantes disciplinas durante o dia. Mais ainda, maior parte das aulas, são lecionadas da parte da tarde, em horário pós-escolar, agudizando o desgaste dos alunos em questão.

Colocar um sistema num livro, (...) é um empreendimento problemático porque nenhum trabalho impresso, pode substituir o relacionamento professor-aluno ao vivo. O melhor que um professor pode dar a um aluno é a abordagem individualizada e única, que é uma coisa muito pessoal para ser colocada no papel de qualquer maneira. (Menuhin, 1986, p.86).

4 – Conclusão (Secção II - Investigação)

Não deixando de refletir sobre a distância geracional dos dias de hoje relativamente a alguns autores aqui citados e os nossos alunos, parece claramente proveitoso, fazer uso de algumas reflexões que os mesmos usam, mesmo que, para isso seja necessária a natural adaptação à realidade quotidiana do aluno do Ensino Básico Articulado que, necessariamente apresenta uma rotina diária claramente diferente.

No entanto, no que toca aos efeitos benéficos da estruturação do estudo individual, a sua execução parece claramente aplicável aos dias de hoje, sendo possível constatar, mediante observação na Prática de Ensino Supervisionada, que o aluno que sabe o tempo que tem para estudar, como o repartir e como descansar, apresenta clara vantagem perante o que não o faz, ainda que possa gastar mais tempo de estudo.

Também foi possível verificar através do trabalho de investigação que, uma abordagem generalizada, ainda que necessária para efeitos de organização das aulas e disciplinas, carece de uma reflexão sobre a resposta individual do aluno à aula e ao próprio estudo, não havendo um processo único que possa ser aplicado de maneira geral. O conhecimento de professor e aluno aos tempos de resistência e concentração e conseqüente produtividade, torna-se essencial para o sucesso de ambos na aprendizagem do violino.

Indubitavelmente, a necessidade de sistematização para organização do estudo, torna-se uma necessidade; no entanto, também foi possível observar nas abordagens dos autores citados que, essa mesma sistematização não pode, de modo algum, comprometer a ideia de abordagem individualizada, sendo que as linhas orientadoras sobre o tempo de estudo e a forma como este é usado, são direções, ao invés de uma perspectiva dogmática generalizada.

Secção III - Acompanhamento dos alunos na Prática de Ensino Supervisionada

1 - Contextualização

No decorrer da execução da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, em articulação com a Academia de Música de Lagos e sua escola associada- Conservatório de Portimão, foi possível proceder à aplicação de metodologias sugeridas pelos autores citados, na otimização do tempo de estudo dos alunos.

A amostra sobre a qual o mestrando se debruçará, enquadrar-se-á na classe de violino que, abrange alunos do primeiro ao quinto grau. Assim sendo, existe, pelo menos um representante de cada grau em questão, no Ensino Básico Articulado de Música, população sobre a qual o mestrando se propõe debruçar.

O estudo elaborado é do conhecimento dos alunos e Encarregados de Educação, sendo consentido por ambos, na condição de não exposição da sua identidade.

Por esses motivos, ser-lhes-á atribuída uma nomenclatura neutra:

- Aluno 1 – Aluno de primeiro grau / quinto ano
- Aluno 2 – Aluno de segundo grau / sexto ano
- Aluno 3 – Aluno de terceiro grau / sétimo ano
- Aluno 4 – Aluno de quarto grau / oitavo ano
- Aluno 5 – Aluno de quinto grau / nono ano

Uma vez que, a aplicação de metodologia, careceu de pesquisa bibliográfica, a introdução do conhecimento adquirido no seguimento dessa mesma pesquisa, aplicou-se a partir do terceiro trimestre; os dois primeiros trimestres, foram aproveitados para recolher e analisar as propostas do professor da escola cooperante, no melhoramento das diferentes abordagens em contexto de aula.

No seguimento da observação do programa da disciplina foi apresentado o material didático proposto aos alunos, por parte do mestrando; no sentido de fazer face às exigências do grau em que se encontram, bem como as idiosincrasias de cada aluno, tentando articular do melhor modo estes dois fatores, com vista à obtenção de sucesso.

A aplicação da metodologia em questão, cingiu-se aos alunos alocados às aulas lecionadas por parte do mestrando, com orientação do professor cooperante no encaminhamento da abordagem do mestrando.

A observação de resultados será feita por meio de prova trimestral, cuja avaliação é feita pelo mestrando e pelo professor cooperante, sendo que, no terceiro trimestre, a prova global feita pelos alunos do Segundo e Quinto graus, requer a presença de um terceiro elemento para o júri de prova, de acordo com as normas estabelecidas na escola cooperante.

Na elaboração da metodologia em questão, foi acordado entre o mestrando (professor), aluno e encarregado de educação um tempo de estudo semanal, após análise dos horários que este apresentava, com uma organização definida do estudo para cada exercício/peça solicitada.

2 – Desenvolvimento de estratégias

Após a pesquisa bibliográfica, através da análise de diversos pontos de vista, relativamente à prática do instrumento, o mestrando irá aplicar uma metodologia que lhe parece adequada às variáveis de contexto e idiosincrasias de cada aluno.

Mas o que eu quis sugerir aqui é que os grandes artistas são excepcionais. Cada um tem suas peculiaridades, e não se deve tentar imitar qualquer um deles cegamente. Em vez disso, deve-se tentar captar o reflexo de seu gênio (...) readaptando às suas próprias necessidades individuais. (Auer, 1921, p. 38)

Esta constatação tem ainda mais valor quando falamos em realidades muito distintas, no tempo e no espaço; o que leva o mestrando a ser cauteloso na aplicação de qualquer metodologia. Para tal, a investigação e reflexão sobre o contexto em que estes alunos se inserem, foi determinante.

É de salientar que o trabalho em questão se prende com uma variável que na sua génese, não é verificável pelo professor: o estudo individual do aluno. Assim, o trabalho em questão, prende-se com a confiança e compromisso que existem entre professor e aluno, pelo que só são suscetíveis de análise, os resultados obtidos pelos alunos nas provas trimestrais de instrumento.

O autor que sugere uma divisão específica em função do tempo disponível é Gruenberg. Quando Gruenberg (1965), faz a aplicação da divisão do tempo de estudo, tem em conta um conjunto de exercícios que, não estão considerados no programa em que se trabalha na escola cooperante em questão, para os graus dos alunos em estudos, como por exemplo exercícios de terceiras. Deste modo, a divisão do tempo ocupado com exercícios que não se encontram no programa, será de acordo com a proporção entre os outros apresentados.

("A" pela manhã; - "B" – pela Tarde)	
(I) Uma Hora	
A.	
Exercícios de Mão esquerda	10 minutos
Vibrato e Dinâmicas	5 minutos
Estudos	15 minutos
B.	
Escalas e arpejos	10 minutos
Cordas dobradas	5 minutos
Peças	15 minutos

Tabela 19 – Divisão de uma hora de estudo em diversos exercícios. Gruenberg (1965 p. 129)

Reparamos que a sugestão do autor inclui vibrato, dinâmicas e exercícios de mão esquerda e cordas dobradas. Nos primeiros graus, esses exercícios não estão incorporados no programa da disciplina na escola cooperante em questão. No entanto, estudos e peças, estão e, na visão do autor, cada uma deve ocupar um quarto do total do tempo de estudo. Assim, teríamos meia hora para as escalas e trabalho técnico e 15 minutos para o estudo e para o andamento de concerto ou peças que o aluno iria estudar.

Normalmente, e pela experiência adquirida nos últimos cinco anos na escola cooperante em questão, foi possível verificar que, o tempo que os alunos necessitam para fazer um andamento de concerto (ou duas peças, como se apresenta no programa), é significativamente maior do que apenas para um estudo, ou até para as escalas.

Compreendendo a ideia do autor, no sentido de construção de uma técnica o mais perfeita possível, pareceu-me plausível ceder cinco minutos de tempo das escalas para o tempo de estudo das peças, no planejamento do estudo dos meus alunos. Ainda assim, a maior parte do tempo de estudo continuaria alocada às escalas, estando nestas alocado o trabalho técnico de mão esquerda e mão direita.

No entanto, o conceito de ter um tempo de estudo pré-definido para uma parte técnica e outra mais musical, parece pertinente, sendo esta uma ajuda na produtividade do aluno.

3 – Perfil dos alunos e aplicação de estratégias

3.1 - Aluno 1 – Primeiro grau

O aluno 1 encontra-se no quinto ano de escolaridade na escola Dom Martinho Castelo Branco, em Portimão e frequenta o primeiro grau de violino. Tem dez anos de idade e frequentou iniciação com um professor que já não se encontra na escola cooperante em questão.

Foi sugerido pelo mestrando, a troca do violino (4/4), por um violino 3/4, com vista ao melhoramento da postura, almejando consequentes progressos nos mais diversos aspetos técnicos subsequentes.

Apresenta muito boa capacidade de leitura. No entanto, revela também, lacunas técnicas ao nível de ambas as mãos:

Regra geral a postura tem vindo a ser trabalhada, assim como a resistência, no sentido de resolver problemas técnicos de mão esquerda e direita.

A aplicação da metodologia é feita no terceiro trimestre, no sentido de poder comparar o desenvolvimento técnico do aluno.

3.º Trimestre 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Sexta - Feira	Abril: 21, 28/ maio: 5, 12, 19, 26/ junho: 2, 9, 16	9 aulas
Prova trimestral 3.º Trimestre		26 de maio

Tabela 20 – Datas de aulas e prova do aluno 1

Terceiro Trimestre	
Escalas	Escalas e respetivos arpejos: Dó maior, Lá menor Melódica e Harmónica (uma oitava).
Estudos	Franz Wohlfahrt – 60 estudos para Violino Op. 45: estudo 3.
Peças	Ferdinand Kuchler – Concerto para Violino Op 11: terceiro andamento.

Tabela 21 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 1.

Considerações sobre o material didático escolhido:

A escolha de um Concerto para este aluno de primeiro grau, prendeu-se com o fato deste ter revelado que já teria estudado uma quantidade significativa de material didático e apresentar relativa facilidade de leitura. Assim, para o motivar, foi-lhe dado este concerto,

ainda que com a ressalva de que tecnicamente haveria alguns aspetos técnicos a ser resolvidos *à priori* para a conclusão com sucesso da prova.

Tempo de estudo acordado	1 hora em 4 dias
Exercícios técnicos nos quais se incorporam as escalas (Schradieck, Sevchick e Varga)	25 minutos
Estudo	15 minutos
Peça	20 minutos

Tabela 22 – Tempo de estudo acordado com o aluno 1

Data da aula	Repertório
21 de abril	<p>Escalas – dificuldade em executar os meios-tons entre o primeiro e segundo dedo assim como o meio-tom entre corda solta e pestana. (Lá Menor Harmónica e melódica)</p> <p>Estudo – dificuldade em colocar o quarto dedo, decorrente da forma da mão esquerda (Primeiras duas pautas)</p> <p>Peça – Grande facilidade de leitura, sendo que as questões técnicas anteriores se aplicam a esta, nomeadamente ao nível da afinação e sonoridade. (Tema inicial)</p>
28 de abril	<p>Escalas – Claro esforço para mudar a forma da mão esquerda. Ainda apresenta dúvidas em algumas notas das escalas solicitadas.</p> <p>Estudo – O aluno muda a forma da mão esquerda para chegar ao quarto dedo mas ainda não consegue estabilizar uma forma única para os quatro dedos. Na aula avançou mais duas pautas na leitura.</p> <p>Peça – Melhoria ao nível da afinação. O aluno avançou na leitura da peça até à reexposição.</p>
5 de maio	<p>Escalas – O aluno esclareceu as dúvidas relativamente às escalas menores e começou com a escala maior. É possível verificar uma maior estabilização da mão cuja palma, já não segura o violino. Apresenta no entanto alguma tensão no polegar.</p> <p>Estudo – Apresenta o estudo até ao fim, ainda que, no decorrer do</p>

	mesmo, venha apresentando alguns vícios antigos. Peça – Ainda não apresenta a secção final, mas tem significativa melhoria no som.
12 de maio	Escalas – Apresenta as três escalas. Melhoria na execução dos meios-tonos entre o primeiro e o segundo dedo, assim como a colocação do primeiro dedo junto à pestana. Estudo – Apresenta do princípio ao fim. Melhoria na forma da mão como um todo. Peça – Já concluiu a leitura da peça.
19 de maio (aula antes da prova)	O aluno executa o material que vai apresentar na prova pela primeira vez sem interrupção. Ao nível da mão esquerda teve significativa melhora, nomeadamente na forma. A palma da mão embora não completamente correta, já permite um maior relaxamento aos dedos, que já funcionam como um bloco e se apresentam regra geral, perto da corda.

Tabela 23 - Aula do Terceiro Trimestre - Aluno 1

3.2 - Aluno 2 – Segundo grau

O aluno 2 frequenta o sexto ano de escolaridade na Escola das Naus, em Lagos e o primeiro grau de violino. Tem doze anos de idade e encontra-se em situação de desfasamento (primeiro grau – sexto ano); terá de acumular primeiro e segundo graus no ano letivo em questão.

É de destacar, a sua presença no quadro de honra da sua escola, no ano transato, situação que haveria de repetir no final do ano letivo em questão, já no sistema de ensino articulado.

É muito trabalhador, e demonstra espírito de sacrifício, apesar de ser perceptível que, a qualidade do seu estudo nem sempre faz jus ao considerável tempo que a ele despende.

3.º Trimestre 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Quarta – Feira	Abril: 19, 26/ maio: 3, 10, 17, 24, 31/ junho: 7, 14	6 aulas
Prova trimestral 3.º Trimestre		26 de maio

Tabela 24 – Datas de aulas e prova do aluno 2

Terceiro Trimestre	
Escalas	Escalas e respectivos arpejos: Si bemol maior, Sol menor melódica e sol menor melódica (duas oitavas).
Estudos	Henrich Kayser – 36 Estudos para Violino Op 15: estudo 1
Peças	Oskar. Rieding – Concerto para Violino Op 35: primeiro andamento.

Tabela 25 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 2.

Considerações sobre o material didático escolhido:

Sendo este, um aluno que entra diretamente no segundo grau, sem qualquer contacto prévio com o instrumento, a abordagem ao segundo grau teve que iniciar com o material didático do primeiro. A resposta do aluno em questão, foi tão boa que, no sentido de potencializar a capacidade de execução de material mais longo e denso correspondente ao grau em que deveria estar, o mestrando optou por deixar o aluno prosseguir com as peças do método em questão, sendo que se escolheriam duas para a prova do primeiro trimestre.

No segundo trimestre, já se apresenta com material didático correspondente ao grau em questão.

Tempo de estudo acordado	1 hora em 4 dias
Exercício técnicos nos quais se incorporam as escalas (Schradiack, Sevchick e Varga)	25 minutos
Estudo	15 minutos
Peça	20 minutos

Tabela 26 – Tempo de estudo acordado com o aluno 2.

Data da aula	Repertório
21 de abril	<p>Escalas – No seguimento do trabalho elaborado nas férias da Páscoa, o aluno já apresenta as três escalas, ainda de forma lenta mas estruturada. Apresenta algumas dificuldades.</p> <p>Estudo – A primeira metade do estudo está lida, de acordo com o objetivo traçado pelo professor. Apresenta algumas notas erradas, e ainda deve melhorar a sonoridade.</p> <p>Concerto – Tem a primeira metade do concerto lido. Deve melhorar</p>

	algumas questões de afinação, e de sonoridade. Ainda falta segurança na metade inferior do arco.
28 de abril	<p>Escalas – Já apresenta as três escalas corretas ainda que lentamente.</p> <p>Estudo – Corrigiu as notas erradas, e avançou duas pautas. Tem algumas notas a ser corrigidas mas a evolução é positiva.</p> <p>Concerto – Leu o concerto até à secção final, que ainda não está adquirida.</p>
5 de maio	<p>Escalas – Apresenta as escalas, com tempo moderado e com o ritmo pedido na sebeta de Violino, isto é com semínima na tónica e colcheias nas restantes notas.</p> <p>Estudo – Está lido até ao fim com alguns erros acidentais, sendo que reparou e corrigiu à medida que estes aconteciam. Ainda está lento.</p> <p>Concerto – Concluiu a leitura do concerto, com insistência na secção final. Por sugestão do professor, deve aproveitar o tempo alocado ao concerto começando por essa mesma secção.</p>
12 de maio	<p>Escalas – Já se encontram de acordo com os objetivos.</p> <p>Estudo – Apresentado de princípio ao fim com o tempo pedido.</p> <p>Concerto – Revela desgaste físico e mental da segunda metade para a frente, que coincide com o final da execução integral da prova. Foi-lhe sugerido que alterasse a ordem de execução, iniciando com o concerto.</p>
19 de maio (aula antes da prova)	<p>Apresentou o material a ser executado na prova, de princípio ao fim.</p> <p>Não apresenta dúvidas estruturais, no entanto, carece de algumas verificações ao nível de som e da afinação, não sendo estas gerais, mas locais.</p>

Tabela 27 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 2.

3.3 - Aluno 3 – Terceiro grau

O aluno 3 frequenta o oitavo ano de escolaridade na escola Tecnópolis, em Lagos e o terceiro grau de violino. Tem doze anos de idade. Frequentou iniciação, em anos transatos com um professor que já não se encontra na escola cooperante. Apresenta um grau de agitação na aula acima do vulgar. No entanto, é esforçado e determinado, ainda que algo desconcentrado.

As primeiras abordagens levaram o mestrando a considerar como principal objetivo, estabilizar o aluno na rotina da aula, numa primeira abordagem, para que posteriormente, o possa no seu estudo individual.

3.º Trimestre 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Quarta – Feira	Abril: 19, 26/ maio: 3, 10, 17, 24, 31/ junho: 7, 14	6 aulas
Prova trimestral 3.º Trimestre		26 de maio

Tabela 28 – Datas de aulas e prova do aluno 3

Terceiro Trimestre	
Escalas	Escalas e respetivos arpejos em duas oitavas: Fá Maior (Segunda e quinta posição); Lá Maior (com subida à quarta posição); Ré menor melódica (com subida à terceira posição)
Estudos	Henrich Kayser – 36 Estudos para Violino Op. 15: Estudo 13
Peças	Ferdinand Kuchler – Concerto para Violino Op. 11: primeiro andamento.

Tabela 29 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 3.

Considerações sobre o material didático escolhido:

O mestrando optou por sugerir ao aluno, um andamento de concerto na primeira posição, para que pudesse conhecer as suas mais-valias/lacunas técnicas, num material didático em que este pudesse estar à vontade, seguindo o mesmo critério para o estudo escolhido.

Uma vez conseguida a estabilização emocional do aluno, que demonstrou clara melhoria no decorrer do primeiro trimestre, o mestrando optou por sugerir material didático em que existissem mudanças de posição.

A opção de iniciar com um terceiro andamento antes do primeiro, no mesmo concerto, remete para o critério de elaboração de material com crescente complexidade, sendo que, o primeiro andamento, se apresenta mais difícil que o terceiro.

Tempo de estudo acordado	1 hora em 3 dias
Exercícios técnicos nos quais se	25 minutos

incorporam as escalas (Schradiack, Sevchick e Varga)	
Estudo	15 minutos
Peça	20 minutos

Tabela 30 – Tempo de estudo acordado com o aluno 3.

Data da aula	Repertório
21 de abril	<p>Escalas – No terceiro grau, ao nível programático é dado um novo desafio que é a mudança à terceira e quinta posições. Ao longo das aulas precedentes o aluno tem vindo a trabalhar no sentido de melhorar tecnicamente, mas ainda tem que controlar o momento da mudança, assim como o distanciamento dos dedos na terceira posição, para o melhor controlo da afinação.</p> <p>Estudo – O aluno apresenta facilidade de leitura tendo executado a exposição sem dificuldade.</p> <p>Peça – o aluno consegue executar a exposição, composta pelas primeiras duas pautas, ainda apresentando algumas dificuldades na secção final onde existe mudança de posição.</p>
28 de abril	<p>Escalas – o aluno apresenta-se melhor na execução das escalas, nomeadamente no executar da nova posição,</p> <p>Estudo – deu-se a esperada evolução na progressão da leitura, assim como correção de notas erradas até ao momento. O aluno passa pela mudança de posição e apresenta alguma ansiedade na passagem. Por sugestão do professor, o tempo alocado ao estudo será focado na passagem difícil, ao invés de executar uma leitura completa.</p> <p>Peça – O aluno avançou na peça até reexposição do tema. Até ao ponto em que se encontra, já se verifica preocupação em executar as dinâmicas e articulação.</p>
5 de maio	<p>Escalas – à exceção da escala de Fá maior, as escalas estão apresentadas de acordo com os critérios de avaliação estabelecidos. Foi sugerido que dedicasse maior parte do tempo alocado a esta escala em particular.</p> <p>Estudo – apesar de apresentar alguma dificuldade na distribuição de arco, na secção final, assim como na execução do acorde, o aluno já lê</p>

	<p>todo o estudo.</p> <p>Peça – O aluno já avançou até ao fim do concerto. Tem dificuldades na secção em que o tema é reexposto na Dominante, assim como na passagem seguinte, que precede a reexposição do tema. Por sugestão do professor, deve dedicar maior parte do tempo alocado à peça nessa secção.</p>
12 de maio	<p>Escala – A escala de Fá maior, está melhor, ainda com alguns problemas na quinta posição. Teve um ligeiro retrocesso nas restantes escalas, que foi recuperado em tempo de aula.</p> <p>Estudo – Melhorou significativamente na distribuição de arco. Para executar o acorde final, o aluno ainda precisa de mais tempo de pausa do que o que está escrito no estudo.</p> <p>Peça – A secção problemática está resolvida. O aluno decorou o tema da peça, que é exposto três vezes; e apresenta-se confiante.</p>
19 de maio (aula antes da prova)	<p>Apresentou todo o material a ser executado na prova, até ao fim. Um pouco inseguro na escala de Fá, mas sem motivo aparente. O estudo e a peça, apresentaram alguns erros momentâneos. Mas estão significativamente melhores.</p>

Tabela 31 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 3.

3.4 - Aluno 4 – Quarto Grau

O aluno 4 frequenta oitavo ano na Escola das Naus, em Lagos e o quarto grau de violino. Tem treze anos de idade. Método, esforço e ambição, são algumas das características que se destacam no aluno em questão. Em momentos de audição ou avaliação, por vezes acusa o peso da própria exigência, que se traduz em alguma ansiedade, que a passos se tem demonstrado adversa à demonstração das suas reais possibilidades. Pertence com regularidade aos quadros de honra na escola em que se encontra.

3.º Trimestre 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Quarta – Feira	Abril: 19, 26/ maio: 3, 10, 17, 24, 31/ junho: 7, 14	6 aulas
Prova trimestral - 3.º Trimestre		26 de maio

Tabela 32 – Datas de aulas e prova do aluno 4.

Terceiro Trimestre	
Escalas	Escalas e respetivos arpejos em duas oitavas: Sol maior (mudança à terceira Posição); Mi menor (harmónica e melódica), com mudança à quarta posição.
Estudos	António Vivaldi – Concerto em Lá menor, RV 356: Segundo andamento.
Peças	Henrich Kayser – 36 Estudos para Violino Op. 15: Estudo 19

Tabela 33 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 4.

Considerações sobre o material didático escolhido:

O aluno apresenta um comportamento exemplar e uma capacidade de compromisso acima do habitual. É regular no cumprimento do material didático exigido nas provas em questão.

Tempo de estudo acordado*	1 hora e 30 minutos em 3 dias
Exercícios técnicos nos quais se incorporam as escalas (Schradieck, Sevchick e Varga)	20
Estudo	10
Peça	15

Tabela 34 – Tempo de estudo acordado com o aluno 4.

Data da aula	Repertório
21 de abril	<p>Escalas – O aluno apresenta as escalas, de forma lenta e com alguns problemas no momento da mudança de posição. A mão esquerda encontra-se ligeiramente inclinada o que faz com que o aluno tenha a afinação um pouco baixa. No entanto, é esclarecido no que toca à parte teórica das escalas, apresentando-as todas.</p> <p>Estudo – Apresenta alguma tensão no pulso, fazendo as semicolcheias com todo o antebraço. Nesta aula executou as primeiras três pautas.</p> <p>Peça – Leu grande parte do concerto, mas precisa de verificar a articulação. Por sugestão do professor, deve focar-se em estudar uma</p>

	secção mais pequena, beneficiando um melhor desenvolvimento técnico.
28 de abril	<p>Escalas – Nota-se claro esforço do aluno em melhorar os aspetos técnicos. A escala de Sol é apresentada sem problemas com o ritmo pedido. As escalas de Mi menor, ainda precisam de ser trabalhadas, no momento da subida à quarta posição assim como no distanciamento dos dedos.</p> <p>Estudo – Já consegue apresentar uma pequena secção sem tensão no pulso direito. No entanto ainda não tem o processo sistematizado ao ponto de o poder fazer durante todo o estudo. Por sugestão do professor, deve executar exercícios de Sevcik, como complemento, no tempo alocado às escalas.</p> <p>Peça – Melhoria na articulação e na afinação. Deverá aplicar o método de estudo até ao fim do andamento.</p>
5 de maio	<p>Escalas – Resolveu as questões técnicas nas escalas de mi menor harmónica e melódica.</p> <p>Estudo – Apresenta-se com o pulso relaxado durante mais tempo, mas ainda acaba por ficar tenso. Algumas questões nas passagens com mudança de posição devem ser revistas. Deve dedicar a maior parte do tempo alocado ao estudo nessas secções.</p> <p>Peça – Ainda falta dominar a passagem final em semicolcheias. No entanto, de um ponto de vista técnico o aluno apresenta significativas melhoras. O tempo investido no trabalho técnico levou a um pequeno atraso na leitura da obra que se espera colmatado na próxima aula.</p>
12 de maio	<p>Escalas – Apresenta as três escalas com o ritmo pedido. Está no bom caminho a resolver as questões técnicas de mão esquerda.</p> <p>Estudo – O aluno estudou de forma inteligente, insistindo nas secções que se apresentavam problemáticas, resolvendo-as da última aula para esta. Tecnicamente está melhor, ao nível do relaxamento do pulso da mão direita e da forma da mão esquerda.</p> <p>Peça – Está lida até ao fim. Deve insistir em dois tipos de situações: Mudança de posição e passagens em semicolcheias. No entanto é inteligente conseguindo olhar de uma forma sistemática para processos que se repetem, nestes casos.</p>
19 de maio	O aluno melhorou significativamente nos aspetos propostos. Por

(aula antes da prova)	momentos, a divisão do trabalho a que foi proposta, pareceu fazer com que o trabalho da peça ficasse um pouco atrasado, mas a melhoria técnica que daí adveio, foi significativamente compensadora.
------------------------------	---

Tabela 35 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 4.

3.5 - Aluno 5 – Quinto Grau

O aluno 5 frequenta o nono ano escola das Naus, em Lagos, e o quinto grau de violino. Tem catorze anos de idade. Apresenta dificuldades técnicas que, já não seriam expectáveis no grau em questão, assim como alguma apatia na resposta às solicitações do professor na aula. Também apresenta uma falta de pró-atividade, que já não seria expectável num aluno neste nível de ensino. No entanto é respeitador e esforçado no decorrer da aula.

3.º Trimestre 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Quarta – Feira	Abril: 19, 26/ maio: 3, 10, 17, 24, 31/ junho: 7, 14	6 aulas
Prova trimestral - 3.º Trimestre		26 de maio

Tabela 36 – Datas de aulas e prova do aluno 5.

Terceiro Trimestre	
Escalas	Escalas e respetivos arpejos em três oitavas: Sol menor (harmónica e melódica) e Lá Maior
Estudos	Henrich Kayser – 36 Estudos para Violino Op. 15: estudo 26
Peças	António Vivaldi – Concerto em Lá menor, RV 356: segundo andamento.

Tabela 37 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 5.

Considerações sobre o material didático escolhido:

O aluno apresenta consideráveis dificuldades técnicas e de leitura. O material didático escolhido por parte do mestrando para este aluno, teve em consideração as dificuldades do aluno, assim como a possibilidade de repetição na prova global; possibilidade essa que foi explorada no limite das suas possibilidades, para que no terceiro trimestre o aluno pudesse rever material já elaborado, melhorando a sua condição técnica, com as dificuldades iniciais de leitura ultrapassadas.

Tempo de estudo acordado	1 hora e 30 minutos em 2 dias
Exercícios técnicos nos quais se incorporam as escalas (Schradieck, Sevchick e Varga)	20
Estudo	10
Peça	15

Tabela 38 – Tempo de estudo acordado com o aluno 5.

Data da aula	Repertório
21 de abril	<p>Escalas – O aluno ainda apresenta dificuldades na distinção das escalas menores harmônica e melódica, sendo que nesta aula, optou-se por tocar apenas em duas oitavas, deixando a terceira para a aula posterior.</p> <p>Estudo – Uma vez que o exame permite a repetição de um estudo, foi relido o estudo do primeiro trimestre. Direcionou-se o tempo disponível para os momentos de maior dificuldade - mudanças de posição e acordes.</p> <p>Concerto – trata-se de um andamento de concerto lento, para que o aluno conseguisse ter possibilidades de dominar tecnicamente a performance. Nesta aula teve-se especial atenção à forma dos dedos na terceira posição, assim como na obtenção de um som consistente através do trabalho de mão direita, auxiliado por exercícios de Sevcik..</p>
28 de abril	<p>Escalas – optou-se por abordar a terceira oitava na escala maior, uma vez que o aluno apresentou corretamente as escalas em duas oitavas. Não se avançou para a terceira oitava nas escalas menores no sentido de o aluno poder dar atenção à técnica, numa escala que esteja dominada.</p> <p>Estudo – Deu-se especial atenção aos momentos em que na terceira posição existem extensões inferiores e superiores, no sentido de fazer com que o aluno entenda o conceito de extensão e de se localizar na terceira posição quando tal elemento técnico é requerido.</p> <p>Peça – Insistiu-se na passagem com fusas no sentido de fazer com que o aluno entenda a forma do conjunto dos quatro dedos, tocando assim com a mão em bloco e não dedo a dedo.</p>
5 de maio	<p>Escalas – Uma vez que as mudanças de posição (Sol Maior e Sol menor)</p>

	<p>ocorrem nos mesmos momentos, nas escalas maior e menores, nesta aula investiu-se no domínio das escalas menores, resolvendo assim qualquer dúvida que houvesse, no momento da subida à sexta posição.</p> <p>Estudo – verificou-se que o aluno insistiu nas passagens de maior dificuldade, tendo algum progresso, sendo que as lacunas técnicas ainda representam um entrave a algum desenvolvimento, nomeadamente na elaboração dos acordes.</p> <p>Peça – o aluno apresenta significativa melhora na sistematização da colocação dos dedos da mão esquerda, mostrando clara evolução na execução da passagem em fusas. Foi visto o concerto até ao fim, com especial atenção no trilo que ocorre na cadência final.</p>
12 de maio	<p>Escalas – O aluno apresenta as três escalas. Nota-se que empiricamente, já entende a forma dos dedos para cada escala, no entanto, a mão esquerda ainda se apresenta tensa.</p> <p>Estudo – O aluno também apresenta todo o estudo, com alguns enganos nos momentos de previsível dificuldade. O entanto, mostra-se hábil para os corrigir sozinho.</p> <p>Peça – O aluno tocou o andamento de concerto completo. Não podendo deixar de ver notável fragilidade técnica, é de salutar o esforço por levar a sua execução a bom porto sendo que, já ultrapassou grande parte das suas dificuldades.</p>
19 de maio (aula antes da prova)	<p>O aluno apresenta o material a tocar na prova de princípio ao fim. Nas escalas, não falhando no distanciamento entre os dedos, ficou com a afinação um pouco alta a partir da terceira posição – assunto que foi corrigido na aula. O estudo foi tocado todo, com alguns enganos locais, mas corrigidos pelo próprio. O concerto também foi tocado de princípio ao fim, sendo que as notas e o ritmo parecem estar adquiridos. Variáveis como as dinâmicas, e a articulação deveriam começar a ser trabalhadas agora. No entanto a evolução é muito positiva.</p>

Tabela 39 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 5.

4 – Apresentação/ Análise de resultados

Aluno 1

(Avaliação 1 a 5 valores)	
Primeiro Trimestre	4
Segundo Trimestre	5
Terceiro Trimestre	5

Tabela 40 – Avaliação do aluno 1

Sendo a frequência na iniciação, à partida, um elemento de vantagem para qualquer aluno que entre no primeiro grau, mesmo mudando de professor, pode também ser difícil, a adaptação à abordagem técnica do novo professor.

Às vantagens que advém da iniciação, nomeadamente leitura e contacto prévio com o instrumento, poderá contrapor-se uma maior dificuldade na construção de uma nova técnica.

Nesse sentido, o aluno foi cumpridor, mas ainda carecia de uma adaptação à metodologia presente.

A aplicação da divisão do tempo de estudo, revelou-se essencial, na construção dessa mesma técnica podendo o aluno já no segundo Trimestre disfrutar do que de bom o contacto prévio com o instrumento lhe deu, merecendo assim a avaliação que lhe foi atribuída.

Aluno 2

(Avaliação 1 a 5 valores)	
Primeiro Trimestre	5
Segundo Trimestre	5
Terceiro Trimestre (Prova Global)	5

Tabela 41 – Avaliação do aluno 2.

O aluno em questão, revelou sempre uma capacidade de trabalho acima da média. Mesmo com a prova de acumulação que fez de primeiro e segundo grau, concluiu com sucesso a disciplina de Instrumento no ano em questão.

A aplicação da metodologia, não se manifestando em mudança de nota, uma vez que sempre foi máxima, teve, do ponto de vista do mestrando, melhorias notáveis do ponto de vista emocional. Isto é, o aluno que, se apresentava ansioso em momentos da prova, apresentou-se mais regular na apresentação dos diferentes exercícios e peças.

Aluno 3

(Avaliação 1 a 5 valores)	
Primeiro Trimestre	4
Segundo Trimestre	4
Terceiro Trimestre	5

Tabela 42 – Avaliação do aluno 3.

No caso do aluno em questão, a metodologia de divisão do trabalho teve um efeito muito produtivo, na medida em que a dinâmica da aula, um pouco entrópica, devido a uma personalidade mais agitada do aluno em questão, estabilizou. Não sendo visível no imediato, isto é, no segundo Trimestre, veio a revelar-se no terceiro, merecendo, claramente, a respetiva subida de nota.

Aluno 4

(Avaliação 1 a 5 valores)	
Primeiro Trimestre	5
Segundo Trimestre	5
Terceiro Trimestre	5

Tabela 43– Avaliação do aluno 4.

À semelhança do aluno 2, este aluno sempre foi muito cumpridor. A divisão do trabalho, em secções apresentou claro resultado na homogeneização do nível a que apresentava os diferentes exercícios, manifestando claras melhorias de performance tanto a nível técnico como emocional quer em ambiente de prova ou nas apresentações públicas.

Aluno 5

(Avaliação 1 a 5 valores)	
Primeiro Trimestre	3
Segundo Trimestre	3
Terceiro Trimestre (Prova Global)	4

Tabela 44 – Avaliação do aluno 5.

De todos os alunos, este teve, claramente, o resultado mais surpreendente. Não seria de todo expectável que, viesse a subir de nota na prova global, uma vez que sempre apresentou dificuldades. No entanto, a sistematização do tempo de estudo que, numa primeira abordagem não parecia surtir efeito, assim como a possibilidade de repetir algum do material didático que fez durante o ano em questão (prevista no programa da disciplina), trouxeram uma motivação ao aluno que permitiu que este, ainda que com algumas dificuldades técnicas obtivesse um resultado na prova global que excedeu as expectativas.

5 – Conclusão /discussão dos resultados obtidos

Em primeiro lugar, é de salientar que, o tempo de estudo é apenas um, de muitos fatores a ter em conta no desenvolvimento técnico e artístico de um aluno. A aplicação de uma metodologia como a apresentada, tem como objetivo melhorar o estudo individual do aluno de violino no Ensino Básico Articulado da Música, sendo esta direcionada para os momentos em que o aluno se encontra sem a supervisão do professor.

É então de salientar, que não sendo fácil verificar o tempo efetivo de estudo que o aluno produz fora do contexto de aula, este assenta num compromisso entre partes para o seu cumprimento.

Por outro lado, com a aplicação do método em questão, a aula de instrumento ficou muito mais direcionada para a resolução de questões consequentes da prática do aluno, pelo que, em contexto de aula, se chegou à conclusão que não é, de todo vantajoso, estabelecer uma distribuição horária semelhante.

Ainda que nos possamos questionar se a mera criação de um compromisso com o tempo de estudo *per si* traria vantagem na produtividade do aluno, podemos ainda assim concluir, que a divisão do tempo aplicada a objetivos específicos, aumenta a produtividade

dos alunos, assim como o aproveitamento do tempo que têm, concretizando-se em melhoria efetiva de resultados.

Conclusão Final

Este trabalho acadêmico visou responder à problemática da organização do tempo de estudo individual dos alunos de violino do Ensino Básico Especializado da Música. Nesse sentido, foi orientado para o conhecimento da realidade de ensino-aprendizagem do grupo de alunos em questão, debruçando-se *à priori*, no conhecimento da ocupação do tempo dos alunos em aulas, assim como na diversidade de matérias às quais este tempo se encontra alocado.

No seguimento dessa abordagem, refletiu-se sobre quais os objetivos esperados da parte da disciplina de violino para os diferentes graus em questão, e em quanto tempo se propõe aos alunos, o cumprimento dos mesmos, tendo como referência a execução das provas trimestrais.

Através da pesquisa bibliográfica, a investigação foi direcionada na aquisição de conhecimento sobre a matéria em questão, assim como reflexão e adaptação à realidade à qual os alunos se encontram na presente data.

No decorrer da PES foi possível elaborar uma sugestão de estruturação de estudo aos alunos, que mais uma vez se reitera, pois é considerável sublinhar; se baseou num acordo de tempo e divisão de estudo em casa, o qual o professor não tem como visualizar.

Quanto aos resultados, propriamente ditos, podemos verificar que, a tendência foi claramente positiva, isto é, nenhum aluno piorou as suas classificações, e alguns melhoraram: Ora, sendo este um facto assinalável, também é de notar que, com base na experiência do mestrando, nos últimos anos, na escola em questão, a tendência do início até ao fim do ano letivo, é normalmente de um melhoramento da performance e conseqüente classificação.

No decorrer das aulas de violino, sendo as variáveis internas, no processo de ensino-aprendizagem, determinantes na produtividade e no sucesso do aluno; o conhecimento por parte do professor, das variáveis externas e conseqüente ação em função destas, pode marcar a diferença no sucesso como docente da disciplina, no equilíbrio entre a exigência e a tolerância, que só pode ser adquirido com um profundo conhecimento da realidade abrangente a todo o universo do aluno.

Referências Bibliográficas

Livros e Artigos

Auer L. (1921). *Violin Playing as I teach it*. New York: Frederick A. Stokes Company, 1921.

Dalton D. (1988). *Playing The Viola – Conversations with William Primrose*. New York: Oxford University Press.

Erikson K. & Tesch, R. (1993). *The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance*.

Galamian, I. (1962). *Principles of Violin Playing and Teaching*. New Jersey: Prentice- Hall, Inc. Englewood Cliffs ed.

Gonçalves, A. (2016). *Academia de música de Lagos – 30 anos de história*. Lagos, Academia de Música de Lagos.

Gruenberg, E. (1919). *Violin Teaching and Violin Study: Rules and Hints for Teachers and Students*. New York: Carl Fischer.

Havas, K. (1961). *A New Approach to Violin Playing*. London: Bosworth & CO., LTD.

Menuhin, Y. (1992). *A Lição do Mestre*. Gradiva. Lisboa: Gradiva 1991.

Ribeiro A. (2013). *O Ensino da Música em Regime Articulado*. Projeto de Investigação-Ação no Conservatório do Vale do Sousa.

(2014) Programa da disciplina de Violino – Academia de Música de Lagos.

(2014) Sebenta de Violino – Academia de Música de Lagos.

(2016) Plano de Atividades – Academia de Música de Lagos.

(2016). Projeto Educativo de Escola – Academia de Música de Lagos 2016-2018. Lagos.

(2017). Projeto Educativo de Escola – Conservatório de Música de Portimão 2017-2019. Portimão.

Referências da Internet

Academia de música de Lagos (2016). *Projeto educativo*. Acedido em Jun. 26, 2017, em <http://www.academiamusicalagos.pt/233-instituicao/16-plano-de-actividades>

Legislação

Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho. Diário da República, n.º 129/2012 - I Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa

Portaria n.º 225/2012 de 30 de julho. Diário da República, n.º 146/2012 - I Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa

Despacho n.º 18041/2008 de 4 de julho. Diário da República, n.º 128/2008 II Série. Secretário de Estado da Educação, Valter Vitorino Lemos. Lisboa

Despacho n.º 8294-A/2016 de 24 de junho. Diário da República, n.º 120/2016 - II Série. Gabinetes da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e do Secretariado de Estado da Educação. Lisboa.

Portaria n.º 59/2014 de 7 de março. Diário da República, n.º 47/2014 – I Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Anexos

ANEXO I – Diário da República, 2.º série – N.º 128 – 4 de julho de 2008 - Anexo I

Correspondência entre o ano de escolaridade do ensino básico e secundário e o ano/graú dos cursos especializados de música

	Ensino Básico					Ensino Secundário		
	2º ciclo		3º ciclo					
Ano	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
Ano/graú	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º

ANEXO II - Diário da República, 1.º série – N.º 129 – 5 de julho de 2012 - Anexo II

(a que se referem os artigos 2.º e 8.º)

Ensino Básico 2º Ciclo

Componentes do Currículo	Carga horária semanal ^(a)		
	5º ano	6.º ano	Total do ciclo
Área disciplinares:			
Línguas e estudos sociais	500 ^(b)	500 ^(b)	1000
Português			
Inglês			
História e Geografia de Portugal			
Matemática e ciências.....	350 ^(c)	350 ^(c)	700
Matemática			
Ciências Naturais			
Educação Artística e Tecnológica	270 ^(d)	270 ^(d)	540
Educação Visual;			
Educação Tecnológica;			
Educação Musical;			
Educação Física.....	135	135	270
Educação Moral e Religiosa ^(e)	(45)	(45)	(90)
Tempo a cumprir.....	1350 (1395)	1350 (1395)	2700 (2790)
Oferta complementar ^(f)	(f)	(f)	(f)
Apoio ao estudo ^(g)	200	200	400

^(a) Carga letiva semanal em minutos, referente ao tempo útil de aula, ficando ao critério de cada escola a distribuição dos tempos pelas diferentes disciplinas de cada área disciplinar, dentro dos limites estabelecidos – mínimo por área disciplinar e total por ano ou ciclo

^(e) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do artigo 15.º, com carga fixa de 45 minutos.

^(b) Do total da carga, no mínimo, 250 minutos para Português

^(c) Do total da carga, no mínimo, 250 minutos para Matemática

^(d) Do total da carga, no mínimo, 90 minutos para Educação Visual

^(f) Frequência Obrigatória para os alunos, desde que criada pela escola, em função da gestão do crédito letivo disponível, nos termos do artigo 12.

^(g) Oferta obrigatória para a escola, de frequência facultativa para os alunos, sendo obrigatória por indicação do conselho de turma e obtido o acordo dos encarregados de educação, nos termos do artigo 13.º.

ANEXO III - Diário da República, 1.º série – N.º 129 – 5 de julho de 2012 - Anexo II

(a que se referem os artigos 2.º e 8.º)

Ensino Básico 3º Ciclo

Componentes do currículo	Carga Horária semanal (a) (b)			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do Ciclo
Áreas disciplinares				
Português.....	200	200	200	600
Línguas estrangeiras.....	270	225	225	675
Inglês				
Língua estrangeira II				
Ciências Humanas e Sociais.....	200	200	225	625
História.				
Geografia				
Matemática.....	200	200	200	600
Ciências Físicas e Naturais.....	270	225	225	675
Ciências Naturais				
Físico-Química				
Expressões e Tecnologias.....	(b)300	(b)300	250	850
Educação Visual				
TIC e Oferta de Escola (c)				
Educação Física.				
Educação Moral e Religiosa (d)	(45)	(45)	(45)	(135)
	1530	1485	1485	4500
Tempo a cumprir	(1575)	(1530)	(1530)	(4635)
Oferta complementar.....	(e)	(e)	(e)	(e)

Curso Básico de Música – 2.º Ciclo

(a que se referem os artigos 1.º, 2.º, e 5.º)

Componentes do Currículo	Carga horária semanal ^{(a)(b)}		
	5.º ano	6.º ano	Total do ciclo
Área disciplinares:			
Línguas e estudos sociais	5 ^(c) 00	500 ^(c)	1000
Português			
Inglês			
História e Geografia de Portugal			
Matemática e ciências.....	350 ^(d)	350 ^(d)	700
Matemática			
Ciências Naturais			
Educação Visual.....	90	90	180
Formação Vocacional ^(e)	315	315	630
Formação Musical.....	90(135)	90(135)	180 (270)
Instrumento.....	90	90	180
Classes de Conjunto ^(f)	90(135)	90(135)	180(270)
Educação Física.....	135	135	270
Educação Moral e Religiosa ^{(g)(h)}	(45)	(45)	(90)
(h).....	(45)	(45)	(90)
Tempo a cumprir.....	1485/1530 (1530/1575)	1485/1530 (1530/1575)	2970/3060 (3060/3150)
Oferta complementar ⁽ⁱ⁾	(f)	(f)	(f)

^(a) Carga letiva semanal em minutos, referente ao tempo útil de aula, ficando ao critério de cada escola a distribuição dos tempos pelas diferentes disciplinas de cada área disciplinar, dentro dos limites estabelecidos – mínimo por área disciplinar e total por ano ou ciclo

^(b) Quando as disciplinas forem lecionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam

^(c) A componente inclui, para além dos tempos mínimos em cada disciplina, 45 minutos a ser integrados, em função do projeto de escola, na disciplina de Formação Musical ou na disciplina de Classes de Conjunto

^(f) Sob a designação de Classes de Conjunto incluem-se as seguintes práticas de música de conjunto: Coro, Música de Câmara e Orquestra.

^(g) Disciplina de frequência facultativa, com carga fixa de 45 minutos.

^(h) Contempla mais 45 Minutos de oferta facultativa, a serem utilizados na componente de formação vocacional, em atividades de conjunto de disciplinas coletivas, podendo esta carga letiva global ser gerida por período letivo

^(e) Do total da carga, no mínimo, 250 minutos para Português

^(d) Do total da carga, no mínimo, 250 minutos para Matemática

Apoio ao estudo.....	200	200	400
----------------------	-----	-----	-----

⁽ⁱ⁾ Se, da distribuição das cargas letivas das componentes de formação não vocacional, em tempos letivos semanais, resultar uma carga letiva inferior ao tempo mínimo a cumprir, subtraído o tempo semanal a cumprir na componente de formação vocacional, o tempo sobranete é utilizado no reforço de atividades letivas da turma nas componentes de formação não vocacional, pela escola de ensino básico geral, quando a frequência ocorrer em regime articulado

Curso Básico de Música – 2º Ciclo (a que se referem os artigos 1.º, 2.º, e 5.º)

Componentes do Currículo	Carga horária semanal ^{(a)(b)}		
	5º ano	6º ano	Total do ciclo
Área disciplinares:			
Línguas e estudos sociais	12 ^(c)	12 ^(c)	12
Português			
Inglês			
História e Geografia de Portugal			
Matemática e ciências.....	9 ^(d)	9 ^(d)	18
Matemática			
Ciências Naturais			
Educação Visual.....	2	2	4
Formação Vocacional ^(e)	7	7	14
Formação Musical.....	2(3)	2(3)	4(6)
Instrumento.....	2	2	4
Classes de Conjunto ^(f)	2(3)	2(3)	2(3)
Educação Física.....	3	3	6
Educação Moral e Religiosa ^(h)	(1)	(1)	(2)
.....	(1)	(1)	(2)
Tempo a cumprir.....	33/34	33/34	(66/68)
	34/35	34/35	(68/70)
Oferta complementar.....	(f)	(f)	(f)
Apoio ao estudo.....	200	200	400

^(a) Quando as disciplinas forem lecionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com a carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam.

^(b) Do total da carga, no mínimo 6 x 45 minutos para Português.

^(c) Sob a designação de Classes de Conjunto, incluem-se as seguintes práticas de música de Conjunto: Coro, Música de Câmara e Orquestra

^(d) Disciplina de frequência facultativa, com carga de 45 minutos

^(e) Contempla mais um tempo letivo semanal de oferta facultativa, a ser utilizado na componente de formação vocacional, em atividades de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas, podendo a sua carga horária global ser gerida por período letivo.

^(f) Do total da carga, no mínimo 6 x 45 minutos para Matemática.

^(g) A componente inclui, para além dos tempos mínimos constantes em cada disciplina, 45 minutos a ser integrados, em função do projeto de escola, na disciplina de Formação Musical ou na disciplina de Classes de Conjunto.

Curso Básico de Música – 3.º Ciclo (a que se referem os artigos 1.º, 2.º, e 5.º)

Parte A

Componentes do currículo	Carga Horária semanal ^{(a)(b)}			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do Ciclo
Áreas disciplinares				
Português.....	200	200	200	600
Línguas estrangeiras.....	225	225	225	675
Inglês				
Língua estrangeira II				
Ciências Humanas e Sociais.....	200	200	225	625
História.				
Geografia				
Matemática.....	200	200	200	600
Ciências Físicas e Naturais.....	225	225	225	675
Ciências Naturais				
Físico-Química				
Expressões				
Educação Visual ^(c)	(90)	(90)	(90)	(270)
Educação Física.....	135	135	135	405
Formação Vocacional ^(d)	315	315	315	945
Formação Musical.....	90(135)	90(135)	90(135)	270(405)
Instrumento	90	90	90	270
Classes de Conjunto ^(e)	90(135)	90(135)	90(135)	270(405)

^(a) Carga letiva semanal em minutos referente a tempo útil de aula, ficando ao critério de cada escola a distribuição dos tempos pelas diferentes disciplinas de cada área disciplinar, dentro dos limites estabelecidos – mínimo por área disciplinar e total por ano ou ciclo.

^(b) Quando as disciplinas forem leccionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam.

^(c) Disciplina de frequência facultativa, mediante decisão do encarregado de educação – e de acordo com as concretas possibilidades da escola – a tomar no momento de ingresso no Curso Básico de Música do 3.º ciclo regulado pelo presente diploma. A opção tomada deve manter-se até ao final do ciclo.

^(d) A componente inclui, para além dos tempos mínimos constantes em cada disciplina, 45 minutos a ser integrados, em função do projeto escola, na disciplina de Formação Musical, na disciplina de Classes de Conjunto ou a ser destinados à criação de uma disciplina de oferta complementar.

^(e) Sob a designação de Classes de Conjunto incluem-se as seguintes práticas de música em conjunto: Coro, Música de Câmara e Orquestra.

Educação Moral e Religiosa ^{(g)(f)}	(45)	(45)	(45)	(135)
.....	(45)	(45)	(45)	(135)
Tempo a cumprir ^(h)				
Oferta complementar ⁽ⁱ⁾				
	1575/1710 (1620/1775)	1575/1710 (1620/1775)	1575/1710 (1620/1775)	4725/5130 (4860/5265)
	(45)	(45)	(45)	(135)

^(g) Contempla mais 45 minutos de oferta facultativa, a serem utilizados na componente de formação vocacional, em atividades de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas, podendo esta carga letiva global ser gerida por período letivo

^(f) Disciplina de frequência facultativa, com carga fixa de 45 minutos

^(h) Se, da distribuição das cargas letivas das componentes de formação não vocacional, em tempos letivos semanais, resultar uma carga letiva inferior ao total de tempo mínimo a cumprir, subtraído o tempo semanal a cumprir na componente de formação vocacional, o tempo sobranete é utilizado no reforço de atividades letivas da turma nas componentes de formação não vocacional, pela escola de ensino básico geral, quando a frequência ocorrer em regime articulado.

⁽ⁱ⁾ Caso as escolas não pretendam oferecer a disciplina de Oferta Complementar a carga letiva da mesma é obrigatoriamente transferida para a disciplina de Formação Musical ou de Classes de Conjunto. Esta oferta é gerida em função dos recursos da escola.

Curso Básico de Música – 3.º Ciclo

(a que se referem os artigos 1.º, 2.º, e 5.º)

Parte B

Componentes do currículo	Carga Horária semanal ^{(a)(b)}			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do Ciclo
Áreas disciplinares				
Português.....	5	200	200	600
Línguas estrangeiras.....	5	225	225	675
Inglês				
Língua estrangeira II				
Ciências Humanas e Sociais.....	5	200	225	625
História.				
Geografia				
Matemática.....	5	200	200	600
Ciências Físicas e Naturais.....	5	225	225	675
Ciências Naturais				
Físico-Química				
Expressões				
Educação Visual ^(c)	(2)	(90)	(90)	(270)
Educação Física.....	3	135	135	405
Formação Vocacional ^(d)	7	315	315	945
Formação Musical.....	2(3)	90(135)	90(135)	270(405)
Instrumento	2	90	90	270
Classes de Conjunto ^(e)	2(3)	90(135)	90(135)	270(405)

^(a) A carga horária semanal refere-se ao tempo útil de aula e está organizada em períodos de 45 minutos, ficando ao critério de cada escola o estabelecimento de outra unidade com conseqüente adaptação aos limites estabelecidos

^(b) Quando as disciplinas forem lecionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com a carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam.

^(c) Disciplina de frequência facultativa mediante decisão do encarregado de educação – e de acordo com as concretas possibilidades da escola – a tomar no momento de ingresso no Curso Básico de Música do 3.º ciclo regulado pelo presente diploma. A opção tomada deve manter-se até ao final do ciclo.

^(d) A componente inclui, para além dos tempos mínimos constantes em cada disciplina, 45 minutos a ser integrados, em função do projeto de escola, na disciplina de Formação Musical ou na disciplina de Classes de Conjunto, ou a ser destinados à criação de uma disciplina de Oferta Complementar.

Educação Moral e Religiosa ^{(f)(g)}	(1)	(45)	(45)	(135)
.....	(1)	(45)	(45)	(135)
Tempo a cumprir ^(h)				
Oferta complementar ⁽ⁱ⁾				
	35/38 (36/39)	35/38 (36/39)	35/38 (36/39)	105/114 (108/117)
	(1)	(1)	(1)	(3)

^(e) Sob a designação de Classes de Conjunto incluem-se as seguintes práticas de música em conjunto: Coro, Música de Câmara e Orquestra.

^(f) Disciplina de frequência facultativa, com carga fixa de 45 minutos.

^(g) Contempla mais um tempo letivo semanal de oferta facultativa, a ser utilizada na componente de formação vocacional, em atividade de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas, podendo a sua carga horária global ser gerida por período letivo.

^(h) Caso as escolas não pretendam oferecer a disciplina de Oferta Complementar a carga horária da mesma é obrigatoriamente transferida para a disciplina de Formação Musical ou de Classes de Conjunto. Esta oferta é gerida em função dos recursos da escola.

⁽ⁱ⁾ Caso as escolas não pretendam oferecer a disciplina de Oferta Complementar a carga letiva da mesma é obrigatoriamente transferida para a disciplina de Formação Musical ou de Classes de Conjunto. Esta oferta é gerida em função dos recursos da escola.

ANEXO IX - Programa de Violino (Academia de Música de Lagos) Curso Básico: Objetivos Gerais; Objetivos específicos; Conteúdos programáticos e Material didático

Objetivos gerais:

1. Estimular a formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as potencialidades do aluno.
2. Desenvolver o interesse pela música em geral e pelo instrumento em particular.
3. Desenvolver os conteúdos musicais e técnicos da execução instrumental.
4. Desenvolver a percepção musical e a imaginação ao longo do processo de trabalho sobre as obras.
5. Desenvolver o gosto por uma constante evolução e atualização de conhecimentos resultantes de bons hábitos de estudo.

1º GRAU/5º ANO

Objetivos específicos:

1. Postura correta do violino e do arco.
2. Controlar a posição e a direcção do arco em cada corda.
3. Flexibilidade do pulso dos dedos e da mão direita no arco.
4. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Articulações: *detaché*, *stacatto* e ligaduras simples (2-4 notas).

2. Estudo da 1ª posição.
3. Escalas de 1 e 2 oitavas com arpejos.
4. Desenvolver um correto sentido de afinação.
5. Desenvolver a noção de frase.

Material didático:

Kayser. Estudos op.20

Selected Etudes. Music School 1-3. Edited by K. Fortunatov

Wohlfahrt. Estudos. Op.45 Livro I

Sheila Nelson – Stepping Stones;

Sheila Nelson – Waggon Wheels;

Suzuki – Volume I, II

Kuchler. Concertino in G-Dur op.11

Rieding. Concerto op.35

2º GRAU/6º ANO

Objetivos específicos:

1. Colocação correta do violino, numa postura o mais natural possível.
2. Colocação correta de ambas as mãos, evitando tensão e rigidez muscular.
3. Domínio do arco em toda a sua extensão.
4. Obtenção de sonoridade com clareza.
5. Noção de pulsação, ritmo e frase musical.
6. Capacidade de execução de memória e/ou sem auxílio de dedilhações.
7. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Domínio da 1ª posição, utilizando todos os dedos da mão esquerda.
2. Combinação de várias arcadas, bem como diferentes velocidades do arco.
3. Introdução às escalas menores.
4. Noção da Dinâmica.

Material didático:

Kayser. Estudos op.20

Selected Etudes. Music School 1-3. Edited by K. Fortunatov

Wohlfahrt. Estudos. Op.45 Livro I

Wohlfahrt. Estudos. Op.54

Suzuki – Volume I, II

Baclarova. Concertino em ré m

Huber. Concertino op.8, nº 4 em Sol M

Rieding. Concerto op.35

Rieding. Concerto op.34

Seitz. Concerto nº2 em Sol M

3º GRAU/7º ANO

Objetivos específicos:

1. Colocação correta do violino, numa postura o mais natural possível.
2. Colocação correta de ambas as mãos, evitando tensão e rigidez muscular.
3. Ter boa coordenação de ambas as mãos.
4. Ser capaz de executar as obras musicais de memória.
5. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Abordar a 2ª e 3ª posição, com respetivas mudanças.
2. Introdução às cordas dobradas.
3. Iniciar o *vibrato*.
4. Introdução a algumas ornamentações (ex: trilos, mordentes, apogiaturas).
5. Trabalhar os golpes de arco *detaché*, *legato* e *martelé*.

Material didático:

Wohlfahrt. Estudos. Op.54

Wohlfahrt. Estudos. Op.45 Livro I, II

Kayser. Estudos op.20

Selected Etudes. Music School 3-5. Edited by K. Fortunatov

Suzuki. Vol. II, III

Huber. Concertino em Fa M

Kuchler. Concertino op.15

Seitz. Concerto nº5, op.22

Vivaldi. Concerto op.3, nº3 em Sol M

4º GRAU/8º ANO

Objetivos específicos:

1. Reforçar a coordenação de ambas as mãos.
2. Trabalhar a articulação e a velocidade da mão esquerda.
3. Ser capaz de executar as obras musicais de memória.
4. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Conhecer a meia posição, a quarta e a quinta posição da mão esquerda.
2. Dominar as mudanças de posição entre as posições conhecidas.
3. Desenvolver o Vibrato.
4. Consolidar o domínio das arcadas básicas: detaché, martelé, staccato e legato.

Material didático:

J. Dont. 24 Exercícios Preparatórios op.37

Kayser. 36 Estudos op.20

Léonard. Le petit Gymnastik.

Mazas. Estudos Especiais vol. I

Selected Etudes. Music School 3-5. Edited by K. Fortunatov

Wohlfahrt. Estudos. Op.45 Livro II

K.Bohm. Moto perpétuo

K. Bohm. Sarabande in G Minor

Dancla. Air Varié nº6, op. 89 (on a Theme by Mercadante)

Dancla. Air Varié nº1, op.89 (on a Theme by Pacini)

Dancla. Air Varié nº4, op.89 (on a Theme by Donizzetti)

Jenkinson. Elfantanz

Komarovski. Concerto nº2

Rieding. Concertino húngaro op.21 em lá m

Seitz. Concerto nº4, op.15

Vivaldi. Concerto op.3, nº6 em lá m

Vivaldi. Concerto op.12, nº1

5º GRAU/9º ANO

Objetivos específicos:

1. Consolidar o domínio das posições conhecidas.
2. Dominar as mudanças de posição entre as posições conhecidas.
3. Desenvolver a velocidade da mão esquerda.
4. Trabalhar a Sonoridade (vibrato, timbre, dinâmica, uniformizar o som).
5. Conhecer e reconhecer formas e estilos musicais.
6. Ser capaz de executar as obras musicais de memória.
7. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Conhecer a sexta e sétima posição.
2. Consolidar o domínio das arcadas : detaché, martelé, staccato e legato.
3. Conhecer o golpe de arco spiccato.
4. Exercícios preparatórios aos acordes.
5. Harmónicos naturais.

Material didático:

J. Dont. 24 Exercícios Preparatórios op.37

Kayser. 36 Estudos op.20

Mazas. Estudos op.36, vol.I e II

Kreutzer. 40 Estudos

Bériot. Air Varié nº 14 in G

Dancla. Air Varié nº5, op.89 (on Theme of Weigle)

Dancla. Air Varié nº2, op.89 (on Theme of Rossini)

Dancla. Air Varié nº3, op.89 (on Theme of Bellini)

Fiocco. Allegro

Léonard. Solo op.62, nº2

Severn. Polish Dance

Accolay. Concerto nº1 em lá m

Rieding. Concertino op.24 em Sol M

12

Rieding. Concertino op.25 em Ré M

Seitz. Concerto nº3

Sitt. Concertino op. 31

Corelli. Sonata nº7 op.5, nº7

ANEXO X - PROVAS TRIMESTRAIS (Academia de Música de Lagos)

1º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e harpejo em duas oitavas.¹

Uma escala maior e harpejo à escolha de três apresentadas em uma oitava.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo² e duas peças do repertório de 1º grau ou superior.³

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma nova escala maior e harpejo em duas oitavas.⁴

Uma nova escala maior e harpejo (1 oitava). Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica (1 oitava).¹

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças do repertório de 1º grau ou superior, diferentes do 1º Trimestre.²

LEITURA À 1ª VISTA – Um trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma nova escala maior e harpejo em duas oitavas. Uma escala maior e harpejo à escolha de quatro apresentadas (1 oitava). Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica à escolha de duas apresentadas (1 oitava).⁵

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo do repertório do 1º Grau. (Estudo n.º 1 de Kayser ou outro de dificuldade equivalente para alunos que tiveram Iniciação). Duas peças do repertório de 1º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

¹ Só para alunos que frequentaram algum Curso de Iniciação ao Violino.

- ² Os estudos poderão ser substituídos por Exercícios Técnicos (por ex: Sevcik, Schradieck, Dounis, Sammons, Varga, etc.) adaptados ao Grau em questão, em termos de dificuldade e quantidade.
- ³ Os alunos que não frequentaram Iniciação, para além do estudo, só terão de preparar uma peça.
- ⁴ Primeira escala de duas oitavas para os alunos que não frequentaram Iniciação.
- ⁵ Ao critério do Professor no caso dos alunos que não frequentaram Iniciação.

2º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas. Uma escala menor e harpejo em duas oitavas (um dos modos).

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo⁶ e uma peça do repertório de 2º grau ou superior.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas. Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica – em duas oitavas.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças do repertório de 2º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas. Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica – em duas oitavas.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças do repertório de 2º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

⁶ Os estudos poderão ser substituídos por Exercícios Técnicos (por ex: Sevcik, Schradieck, Dounis, Sammons, Varga, etc.) adaptados ao Grau em questão, em termos de dificuldade e quantidade.

3º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas, uma delas, com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições. Uma escala menor e harpejo em duas oitavas com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo⁷ e duas peças do repertório de 3º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas, uma delas, com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições. Uma escala menor e harpejo em duas oitavas com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições (Modo diferente da do 1º Trimestre)

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças (pelo menos uma diferente do 1º Trimestre) do repertório de 3º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas, uma delas, com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições.

Uma escala menor e harpejo em duas oitavas com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças do repertório de 3º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

⁷ Os estudos poderão ser substituídos por Exercícios Técnicos (por ex: Sevcik, Schradieck, Dounis, Sammons, Varga, etc.) adaptados ao Grau em questão, em termos de dificuldade e quantidade

4º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e sua relativa menor (melódica e harmónica) na extensão de duas oitavas, com mudanças de posição ou com início até à 5ª posição, e seus respectivos harpejos.

ESTUDOS – Um estudo de Kayser ou Mazas, ou de outro Método, do repertório de 4º Grau ou superior.⁸

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de uma sonata, ou concerto, do repertório de 4º grau ou superior.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho fácil de oito a dez compassos.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma nova escala maior e sua relativa menor (melódica e harmónica) na extensão de duas oitavas, com mudanças de posição ou com início até à 5ª posição, e seus respectivos harpejos.

ESTUDOS – Um estudo de Kayser ou Mazas, ou de outro Método do repertório de 4º Grau ou superior.

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de uma sonata, ou concerto, do repertório de 4º grau ou superior.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho fácil de oito a dez compassos.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e sua relativa menor (fórmulas melódica e harmónica) – à escolha do júri – na extensão de duas oitavas, com mudanças de posição ou com início até à 5ª posição, e seus respectivos harpejos, de entre três escalas apresentadas.

ESTUDOS – Um estudo de Kayser ou Mazas, ou de outro Método do repertório de 4º Grau ou superior.

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de uma sonata, ou concerto, do repertório de 4º grau ou superior.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho fácil de oito a dez compassos.

⁸ Estes últimos poderão ser substituídos por Exercícios Técnicos (por ex: Sevcik, Schradieck, Dounis, Sammons, Varga, etc.) adaptados ao Grau em questão, em termos de dificuldade e quantidade.

5º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e sua relativa menor (fórmulas melódica e harmónica) na extensão de três oitavas e seus respectivos harpejos.

ESTUDOS – Um estudo de Kreutzer, Fiorillo, Mazas ou Léonard, do repertório de 5º Grau ou superior.

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de um concerto do repertório de 5º grau ou superior.

LEITURA Á PRIMEIRA VISTA – trecho acessível de oito a dez compassos.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e sua relativa menor (melódica e harmónica) na extensão de três oitavas e seus respectivos harpejos.

ESTUDOS – Um estudo de Kreutzer, Fiorillo, Mazas ou Léonard, do repertório de 5º Grau ou superior.

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de um concerto do repertório de 5º grau ou superior.

LEITURA Á PRIMEIRA VISTA – trecho fácil de oito a dez compassos.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e sua relativa menor (melódica e harmónica) na extensão de três oitavas e seus respectivos harpejos.

ESTUDOS – Um estudo de Kreutzer, Fiorillo, Mazas ou Léonard, do repertório de 5º Grau ou superior.

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de um concerto do repertório de 5º grau ou superior.

LEITURA Á PRIMEIRA VISTA – trecho fácil de oito a dez compassos.

2º GRAU/ 6º ANO**Objeto de avaliação**

Aferição da evolução individual e dos Objetivos alcançados, tendo em conta as capacidades técnicas e artísticas necessárias para execução dos conteúdos inscritos na planificação trimestral do aluno, no 1º e 2º grau de instrumento.

Esta prova tem um peso de **50%** na avaliação final do aluno.

Designação	Conteúdo	Objetivos Principais	Pontuação	Cotação
Técnica	2 Escalas maiores e 1 Escala menor – harmónica e melódica – em duas oitavas com harpejos	*Afinação *Qualidade do som *Velocidade e fluidez de execução	1,5 1 0,5	3 Valores
Estudos	1 Estudo do repertório do 2º grau, ou superior	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	2,5 2 1 1,5	6 Valores
Repertório	2 Peças do repertório do 2º grau, ou superior. (1 andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única)	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	4 2,5 1,5 1	9 Valores
Leitura à primeira vista	Trecho de 8 a 10 compassos de nível de dificuldade de 1º Grau.	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	0,6 0,2 0,1 0,1	1 Valor
Atitude Postura	Atitude Postura	*Atitude positiva e assertiva	0,3	1 Valor

Apresentação	Apresentação	*Correção da Postura	0,4	
		*Boa apresentação	0,3	
TOTAL				20

Os conteúdos serão extraídos do programa do 2º grau.

Duração da prova - 15 a 20 minutos.

Material permitido - O aluno deve fazer-se acompanhar das partituras necessárias à realização da prova e de um instrumento musical e acessórios adequados à prova que vai realizar.

5º GRAU/ 9º ANO

Objeto de avaliação

Aferição da evolução individual e dos objetivos alcançados, tendo em conta as capacidades técnicas e artísticas necessárias para execução dos conteúdos inscritos na planificação trimestral do aluno, no 3º, 4º, e 5º grau de instrumento.

Esta prova tem um peso de **50%** na avaliação final do aluno.

Designação	Conteúdo	Objetivos Principais	Pontuação	Cotação
Técnica	Uma escala maior e sua relativa menor (melódica e harmónica) na extensão de três oitavas e seus respetivos harpejos.	*Afinação *Qualidade do som *Velocidade e fluidez de execução	1,5 1 0,5	3 Valores
Estudos	Um estudo de Kreutzer, Fiorillo, Mazas ou Léonard, do repertório de 5º Grau ou superior	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	2,5 2 1 0,5	6 Valores
Repertório	Uma peça, ou um andamento de concerto ou sonata do repertório de 5º grau ou superior.	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	4 2,5 1,5 1	9 Valores
Leitura à primeira vista	Trecho de 8 a 10 compassos de nível de dificuldade de 3º Grau.	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	0,6 0,2 0,1 0,1	1 Valor

Atitude	Atitude	*Atitude positiva e assertiva	0,3	1 Valor
Postura	Postura	*Correção da Postura	0,4	
Apresentação	Apresentação	*Boa apresentação	0,3	
TOTAL				20

Os conteúdos serão extraídos do programa do 5º grau.

Duração da prova - 15 a 20 minutos.

Material permitido - O aluno deve fazer-se acompanhar das partituras necessárias à realização da prova e de um instrumento musical e acessórios adequados à prova que vai realizar.

Agradecimentos

Aos pais e irmãos;

Ao Professor Doutor Liviu Scripcaru;

Ao professor João Pedro Cunha;

À Academia de Música de Lagos e Conservatório de Portimão;

Aos colegas;

Aos alunos;

A todos os amigos que das mais variadas formas contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Resumo – Relatório de Prática de Ensino Supervisionada realizada na Academia de Música de Lagos: A Estruturação do Estudo Individual de Violino no Ensino Básico Especializado de Música

O relatório apresentado surge no seguimento da execução da Prática de Ensino Supervisionada, na conclusão do Mestrado de Ensino em Música, a decorrer no Departamento de Música da Escola de Artes da Universidade de Évora, no ano de letivo de 2016/2017.

Como professores orientadores, colaboraram: o Professor Doutor Liviu Scripcaru (orientador interno) e o professor João Pedro Cunha, no papel de orientador cooperante, na Academia de Música de Lagos e Conservatório de Portimão.

A problemática central do relatório em questão remete para a organização individual do estudo, por parte dos alunos de violino, no Ensino Básico Articulado, tendo em conta o tempo disponível e a diversidade de disciplinas aos quais estes estão sujeitos, enquadrando estes fatores com a exigência programática da disciplina de violino, o número de aulas previstas e datas das provas trimestrais.

Palavras-chave: ensino básico articulado, estudo individual, violino

Abstract – Supervised teaching report held at Academia de Música de Lagos: The structuring of the Individual Violin Study in Skilled Basic Music Teaching

The report hereby presented derives upon the execution of the Supervised Teaching Practice, as a conclusion of the Masters in Music Teaching, held at the Music Department of the School of Arts of the University of Évora, in the academic year 2016/2017.

The mentors were Professor Liviu Scripcaru (internal advisor) and Professor João Pedro Cunha, as cooperating advisor, at the Lagos Music Academy and Portimão Conservatoire.

The main focus of the report aims to discuss the organization of the individual study by the violin students in the Articulated Regime in Basic Education, taking in consideration the time available and the diversity of subjects, within the context of the programmatic requirements of the violin as a school subject, the number of classes scheduled and the dates of the trimestral exams.

Key words: articulated regime in basic education, individual study, violin

Lista de símbolos e abreviaturas

PES – Prática de Ensino Supervisionada

AML – Academia de Música de Lagos

AEC's – Atividades extra-curriculares

CEM – Centro de expressão Musical

OCDA – Orquestra Clássica da Academia

OSA – Orquestra de Sopros do Algarve

NF – Orquestra Juvenil de Sopros Nova Filarmonia

OPA – Cenas de Ópera e Projetos coletivos e Improvisação

Índice

Introdução	1
Secção I - Prática de Ensino Supervisionada (Contextualização legal e abordagem à escola) .	3
1 - A escola cooperante – Academia de Música de Lagos	3
1.1 – História	3
1.2 – Expansão e desenvolvimento.....	4
1.3 – Evolução do corpo docente e discente.....	6
1.4 – Corpo discente em estudo.....	7
2 – A legislação e regulação do tempo de aulas	8
2.1 – Carga Horária	8
2.2 - Calendário escolar.....	13
3 – A disciplina de violino.....	18
3.1 – Autonomia pedagógica	18
3.2 - Programa Curricular.....	19
4 – Conclusão (Secção I – Prática de Ensino Supervisionada: contextualização legal e abordagem à escola).....	28
Secção II – Investigação	29
1 - Objeto de investigação	29
1.1 - Motivações para a escolha do objeto de investigação.....	29
1.2 - Objetivos da investigação.....	30
2 - Metodologias de investigação	30
2.1 - Etapas da investigação	30
2.2 – Método de Investigação.....	31
2.2.1 – Contextualização e análise de legislação aplicável.....	31
2.2.2 – Investigação bibliográfica.....	31
2.2.3 –Análise de resultados obtidos	31
3 – Reflexões teóricas sobre o tempo de estudo do violino.....	31
3.1 – O perfil do aluno.....	31
3.2 – O papel do professor no estudo do aluno.....	33
3.3 - Obrigação de estudar por um número definido de horas.....	35
3.4 - O tempo de estudo nos primeiros contactos com o instrumento	37
3.5 - A distribuição do tempo de estudo	38
3.6 - O processo de repetição.....	41
3.7 - O tempo de descanso.....	42

4 – Conclusão (Secção II - Investigação).....	44
Secção III - Acompanhamento dos alunos na Prática de Ensino Supervisionada.....	44
1 - Contextualização.....	45
2 – Desenvolvimento de estratégias.....	46
3 – Perfil dos alunos e aplicação de estratégias.....	48
3.1 - Aluno 1 – Primeiro grau	48
3.2 - Aluno 2 – Segundo grau	50
3.3 - Aluno 3 – Terceiro grau	52
3.4 - Aluno 4 – Quarto Grau	55
3.5 - Aluno 5 – Quinto Grau	58
4 – Apresentação/ Análise de resultados.....	61
5 – Conclusão /discussão dos resultados obtidos	63
Conclusão Final	65
Referências Bibliográficas.....	66
Livros e Artigos.....	66
Referências da Internet.....	67
Legislação	67
Anexos	68

Índice de Tabelas

Tabela 1 – Evolução do número de alunos e professores (Gonçalves, 2016, p.48).....	6
Tabela 2 – Excerto do Anexo II, Parte A do Decreto-Lei n.º 129/2012 de 5 de Julho. Carga horária semanal em minutos.	9
Tabela 3 – Excerto do Anexo III, Parte A, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012.....	9
Tabela 4 – Excerto do Anexo III, Parte B, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – Nº 146 – 30 de julho de 2012.....	10
Tabela 5 – Excerto do Anexo II, Parte B, do Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho de 2012 (Relativo ao Ensino Regular).....	10
Tabela 6 – Excerto do Anexo III, Parte A do Decreto-Lei n.º 129/2012 de 5 de julho. Carga horária semanal em minutos.	11
Tabela 7 – Excerto do Anexo IV, Parte B, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – Nº 146 – 30 de julho de 2012	11
Tabela 8 – Número mínimo de aulas semanais no 3º ciclo do Ensino Regular e do Ensino Articulado.....	11
Tabela 9 – Diferença de carga horária mínima entre Ensino Regular e articulado (em minutos)	13
Tabela 10 – Anexo I do Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016.	14
Tabela 11 – Anexo II do Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016.....	14
Tabela 12 – Número de aulas expectável por dia da semana no ano letivos de 2016/2017 ...	16
Tabela 13 - Provas trimestrais 2016/2017 na Academia de Música de Lagos, de acordo como Plano de Atividades da Instituição.....	16
Tabela 14 – Número de aulas entre provas trimestrais.	17
Tabela 15 – Objetivos gerais - Programa de Violino da Academia de Música de Lagos.(2014 pag. 7).....	20
Tabela 16 - Estruturação do Programa do Primeiro Grau - Programa de Violino da Academia de Música de Lagos.(2014 p. 7).....	21
Tabela 17 – Critérios de avaliação - Programa da Disciplina de Violino da Academia de Música de Lagos (2014 p.13).....	23
Tabela 18 - Distribuição do tempo de estudo. (Gurenberg 1965 p. 131).....	40
Tabela 19 – Divisão de uma hora de estudo em diversos exercícios. Gruenberg (1965 p. 129)	47
Tabela 20 – Datas de aulas e prova do aluno 1	48

Tabela 21 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 1.	48
Tabela 22 – Tempo de estudo acordado com o aluno 1	49
Tabela 23 - Aula do Terceiro Trimestre - Aluno 1	50
Tabela 24 – Datas de aulas e prova do aluno 2	50
Tabela 25 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 2.	51
Tabela 26 – Tempo de estudo acordado com o aluno 2.	51
Tabela 27 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 2.....	52
Tabela 28 – Datas de aulas e prova do aluno 3	53
Tabela 29 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 3.	53
Tabela 30 – Tempo de estudo acordado com o aluno 3.	54
Tabela 31 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 3.....	55
Tabela 32 – Datas de aulas e prova do aluno 4.	56
Tabela 33 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 4.	56
Tabela 34 – Tempo de estudo acordado com o aluno 4.	56
Tabela 35 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 4.....	58
Tabela 36 – Datas de aulas e prova do aluno 5.	58
Tabela 37 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 5.	58
Tabela 38 – Tempo de estudo acordado com o aluno 5.	59
Tabela 39 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 5.....	60
Tabela 40 – Avaliação do aluno 1	61
Tabela 41 – Avaliação do aluno 2.	61
Tabela 42 – Avaliação do aluno 3.	62
Tabela 43– Avaliação do aluno 4.	62
Tabela 44 – Avaliação do aluno 5.	63

Índice de Anexos

ANEXO I – Diário da República, 2.º série – N.º 128 – 4 de Julho de 2008 - Anexo I..	68
ANEXO II - Diário da República, 1.º série – N.º 129 – 5 de Julho de 2012 - Anexo II	69
ANEXO III - Diário da República, 1.º série – N.º 129 – 5 de Julho de 2012 - Anexo II	70
ANEXO IV - Diário da República, 1º série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012 - Anexo III - Parte A.....	71
ANEXO VI - Diário da República, 1º série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012 - Anexo III - Parte B.....	73
ANEXO VII - Diário da República, 1º série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012 - Anexo IV	74
ANEXO VIII - Diário da República, 1º série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012 Anexo IV	76
ANEXO IX - Programa de Violino (Academia de Música de Lagos) Curso Básico: Objetivos Gerais; Objetivos específicos; Conteúdos programáticos e Material didático	78
ANEXO X - PROVAS TRIMESTRAIS (Academia de Música de Lagos)	88

Introdução

No decorrer do Mestrado de Ensino em Música da Universidade de Évora no ano letivo de 2016/2017, o mestrando Pedro de Oliveira e Sá, também docente na Academia de Música de Lagos (escola cooperante), realiza a disciplina de Prática de Ensino Supervisionada (PES).

Na realização de PES fizeram parte aulas lecionadas a alunos da Escola Cooperante, assim como a observação de aulas do orientador cooperante, Professor João Pedro Cunha; sendo que a orientação interna esteve a cargo do Professor Doutor Liviu Scripcaru.

Este relatório encontra-se organizado em três secções. A primeira remete para o enquadramento da escola cooperante, assim como das questões legais a partir das quais é possível conhecer as variáveis que influenciam a planificação e execução do estudo individual. A segunda secção tem como base a pesquisa bibliográfica sobre o tema e respetivo enquadramento à realidade do ensino básico articulado em geral e especificamente na Academia de Música de Lagos. A terceira, direciona-se para o decorrer das aulas lecionadas aos alunos alocados ao mestrando e na aplicação de metodologias adquiridas no processo de investigação.

Secção I - Prática de Ensino Supervisionada (Contextualização legal e abordagem à escola)

1 - A escola cooperante – Academia de Música de Lagos

1.1 – História

A escola cooperante deste projeto de investigação – Academia de Música de Lagos – apresenta mais de 30 anos de História, na qual se escreveu uma evolução que conta na sua origem, com uma pequena escola iniciada em casa de sua fundadora, chegando esta aos dias de hoje, a contar com quatro estabelecimentos de ensino e um universo de mais de 1000 alunos.

Uma vez preenchidas todas as alíneas, eis que nascia a Academia de Música de Lagos a 27 de maio de 1986. No entanto, foram precisos quase dois anos até que as aulas começassem, numa luta por mais apoios e para a formação de um corpo docente consistente e de qualidade de topo para dar credibilidade e nome à instituição logo de início. Maria Boulain Fogaça tinha, então, realizado o seu desejo. Com uma escola de música em pleno funcionamento em casa da fundadora, a aluna registada com o número um da Academia, Maria João Cerol, atualmente professora na instituição, recorda a anfitriã como uma pessoa que recebia bem os alunos. “Sentia-se feliz por ter na casa dela uma escola de música”, diz. (Gonçalves, 2016, p. 23)

Ainda nas palavras do Diretor da escola verificamos que a escola que começou na casa de sua fundadora, Maria Boulain Fogaça, adquiriu uma dimensão visível através do crescimento nos mais diversos parâmetros como as instalações, o corpo docente e discente e a oferta formativa de que se encontra apetrechada.

O patamar alcançado já é muito gratificante (...). Possuir quatro estabelecimentos em quatro diferentes Concelhos, dedicados ao ensino artístico especializado da música; oferecer a mais diversificada oferta de disciplinas instrumentais a sul do País; possuir um quadro docente composto por 86 professores de música com habilitação académica reconhecida oficialmente e 9 professores adstritos à disciplina AEC's, Atividades de enriquecimento Curricular no 1º Ciclo do ensino Básico e Expressão e educação Musical – no ensino pré-escolar, resultante dos acordos de colaboração com as Câmaras Municipais de Lagos e Lagoa e com alguns estabelecimentos do ensino particular e Cooperativo, um quadro discente de 1166 alunos diretos e de 1444 alunos indiretos; e com um apoio ao nível

Administrativo, de 12 colaboradores, certamente, é mais do que a nossa Fundadora, D. Maria Boulain Fogaça, alguma vez sonhou ou que a grande seguidora e impulsionadora deste projeto Dr.^a Ana Balmori, depois de tanto trabalho e sacrifício pessoal e profissional em prol desta Associação, alguma vez tenha pensado. (Gonçalves, 2016, p.14).

1.2 – Expansão e desenvolvimento

O crescimento desta instituição tornou-se abrangente ao ponto de, como citado no texto acima, possuir quatro estabelecimentos. São eles: Academia de Música de Lagos, Conservatório de Portimão – Joly Braga Santos; Conservatório de Música de Lagoa e Conservatório de Música de Loulé. A expansão e desenvolvimento ocorreram, naturalmente, de uma forma progressiva sendo que as escolas de Portimão Lagoa e Loulé, iniciaram a sua atividade respetivamente em 1990, 2003, 2014.

A AML iniciou a atividade pedagógica no dia 1 de outubro de 1988, com o patrocínio do ministério da Educação, por parte deste, da necessária autorização provisória para lecionação. Presentemente, possui autorização definitiva de funcionamento e está certificada pela Direção Regional de Educação do Algarve, desde 1 de setembro de 2001. (Gonçalves, 2016, p.35).

(...) Estão Autorizados os Cursos de Acordeão, Alaúde, Bateria, Canto, Clarinete, Cravo, Fagote, Flauta de Bisel, Flauta Transversal, Formação Musical, Guitarra Clássica (viola dedilhada), Guitarra Portuguesa, Oboé, Percussão, Piano, Saxofone, Trombone, Trompa Tuba Trompete, Viola de Arco, Violino e Violoncelo. (Gonçalves, 2016, p.35).

O autor também explica como se deu início à atividade pedagógica no conservatório de Portimão.

O Conservatório de Portimão – Joly Braga Santos, iniciou a atividade pedagógica em abril de 1990, como patrocínio do Ministério da Educação e presentemente, possui autorização definitiva de funcionamento e está certificado pela direção Regional de Educação do Algarve desde 1 de setembro de 2001. (Gonçalves, 2016, p.37).

No seguimento da expansão da Academia de Música de Lagos, seguiu-se o Conservatório de Música de Lagoa.

O Conservatório de Música de Lagoa, iniciou a atividade pedagógica no dia 1 de novembro de 2003, com o patrocínio do Ministério da Educação com a concessão da autorização provisória de lecionação. (...) No ano letivo 2009/2010, O concelho de Lagoa Beneficiou do contrato programa estabelecido entre a Academia de

Música de Lagos/ Conservatório de Música de Lagoa e a Câmara Municipal de Lagoa., para promover o ensino da música nas Escolas do ensino Básico (Expressão e educação Musical), inserido no programa patrocinado pelo Ministério da Educação. (Gonçalves, 2016, p.39).

Como última escola anexada, temos o conservatório de música de Loulé.

A funcionar desde 22 de agosto de 2014, com o nome de Conservatório de Música de Loulé, (...) esta foi a última escola a ser anexada à família da AML. Com Perto de 350 alunos, a abertura deste espaço, veio colmatar uma lacuna a nível do ensino artístico especializado da música neste concelho. (...) o antigo Centro de Expressão Musical (CEM), criado em 1990 pela Câmara Municipal de Loulé, passou, através de um protocolo entre a autarquia, e a AML, a fazer parte desta escola de Música. Diretor da escola José Viegas Gonçalves, no prefácio de “Academia de Música de Lagos – 30 anos de História”, de junho de 2016. (Gonçalves, 2016, p.42).

1.3 – Evolução do corpo docente e discente

Através da observação da história da Academia de Música de Lagos, e natural constatação do seu crescimento, é possível observar a evolução de alunos e professores disponibilizado em “Academia de Música de Lagos – 30 anos de História”, de junho de 2016; “.

	Nº de Alunos Academia de Música de Lagos	Nº de Alunos Conservatório de Portimão Joly Braga Santos	Nº de Alunos Conservatório de Música de Lagoa	Nº de Alunos Conservatório de Música de Loulé	Total de Alunos da Instituição	Total de Docentes
Ano Letivo						
1994/1995	46	150				6
1995/1996	51	150				8
1996/1997	61	140				8
1997/1998	69	161				9
1998/1999	81	140				10
1999/2000	89	140				11
2000/2001	87	147				14
2001/2002	100	153				12
2002/2003	120	145				22
2003/2004	168	165	13			26
2004/2005	167	157	37			26
2005/2006	180	200	45			33
2006/2007	202	238	64			55
2007/2008	196	191	82			55
2008/2009	219	248	176			71
2009/2010	267	316	247			81
2010/2011	302	377	246			78
2011/2012	300	425	232			84
2012/2013	287	433	161			85
2013/2014	305	337	164			85
2014/2015	330	350	159	241		94
2015/2016	329	330	151	356		95

Tabela 1 – Evolução do número de alunos e professores (Gonçalves, 2016, p.48)

No seguimento deste Projeto Educativo, foram criadas nas escolas em questão, um conjunto de ensembles e formações orquestrais que como explícito em “Academia de Música de Lagos – 30 anos de História” e foi possível constatar no seguimento da Prática de Ensino Supervisionada. “Para os formadores, docentes é uma forma de aproximarem os alunos para

uma realidade pedagógica e técnico/artística, que a contrário, dificilmente seria conseguida, e do grau de exigência que só a experiência de tocar em conjunto permite” (Gonçalves, 2016, p.52).

Destas formações destacam-se: a Orquestra Clássica da Academia (OCDA); Orquestra de Sopros do Algarve (OSA); Orquestra de Câmara Joly Braga Santos; Orquestra Amadeus; Orquestra Bach, Orquestra Juvenil de Sopros Nova Filarmonia (NF); Ensemble de Flautas Vicentino; 1001 Cordas | Orquestra Algarvia de Guitarras, Orquestra de Acordeões; Orquestra de Percussão da Academia (OPA), Cenas de ópera, e Projetos coletivos e Improvisação.

Após a observação e análise do percurso histórico da Academia de Música de Lagos, parece irrefutável, o facto de esta ter trazido a Lagos em particular e ao Algarve de uma forma geral, um contributo no desenvolvimento do ensino da música, assim como da produção artística nos mais diversos concelhos da região.

Será ainda de enaltecer o crescimento deste projeto que, em 30 anos de existência veio trazer uma oferta formativa ao nível da música, muito variada, dando acesso ao ensino da música a um número assinalável de alunos, assim como crescimento de postos de trabalho para músicos e professores, assim como funcionários necessários para o funcionamento da instituição, contribuindo para uma região mais próspera e culta.

1.4 – Corpo discente em estudo

Neste trabalho de investigação, a população em estudo é representada pelos alunos de violino do Ensino Básico Articulado, que se encontram entre o primeiro e o quinto grau e, respetivamente entre o quinto e nono ano de escolaridade. Na amostra escolhida para aplicação de metodologias, foram seleccionados cinco alunos, que se encontram, respetivamente, nos diferentes graus/anos escolares em questão.

2 – A legislação e regulação do tempo de aulas

No decorrer deste projeto de investigação, que nos remete para a estruturação do estudo dos alunos do Ensino Básico de Música no Regime Articulado, será necessário compreender a carga horária a que estes estão sujeitos, assim como a diversidade de disciplinas que estão apresentadas enquanto componentes do currículo, e quais as alterações a que estes estão sujeitos relativamente ao ensino regular. Para tal, é necessário o recurso a legislação publicada em Diário da República que regula esses mesmos fatores.

2.1 – Carga Horária

2.1.1 - Carga Horária do 2º ciclo (5.º e 6.º anos)

O Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho apresenta em anexo as componentes do currículo assim como a carga horária semanal do 2º e 3º ciclo do Ensino Básico. Na parte A do Anexo II deste mesmo Decreto-Lei é explicado:

No âmbito da sua autonomia, as escolas têm liberdade de organizar os tempos letivos na unidade que considerem mais conveniente desde que respeitem as cargas horárias semanais constantes do quadro infra. Os tempos apresentados correspondem aos tempos mínimos por área disciplinar e disciplinas, pelo que não podem ser aplicados apenas os mínimos por área disciplinar e disciplinas. O tempo a cumprir é realizado pelo somatório dos tempos alocados às diversas disciplinas, podendo ser feitos ajustes de compensação entre semanas.

A portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – N.º 146 – 30 de julho de 2012, apresenta de forma reiterada a mesma informação, desta vez referente ao Curso Básico de Música.

Sabendo assim, que a carga horária se encontra regulada pelos “*tempos mínimos por área disciplinar e disciplinas*”, segue uma comparação da carga horária semanal entre os alunos que frequentam o Ensino Básico Regular, e os do Ensino Articulado. As tabelas que se seguem apresentam o total de tempo a cumprir de carga horária semanal no Ensino Regular e Articulado de Música, no 2º Ciclo (5º e 6º anos), sendo o total dos componentes do currículo em cada um dos casos apresentados em anexo.

Ensino Básico 2º Ciclo	Carga horária semanal (a)		
	5º ano	6.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	1350 (1395)	1350 (1395)	2700 (2790)
Oferta complementar.....	(f)	(f)	(f)
Apoio ao estudo.....	200	200	400

Tabela 2 – Excerto do Anexo II, Parte A do Decreto-Lei n.º 129/2012 de 5 de julho. Carga horária semanal em minutos.

Curso Básico de Música – 2º Ciclo	Carga horária semanal (a) (b)		
	5º ano	6.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	1485/1530 (1530/1575)	1485/1530 (1530/1575)	2970/3060 (3060/3150)
Oferta complementar.....	(f)	(f)	(f)
Apoio ao estudo.....	200	200	400

Tabela 3 – Excerto do Anexo III, Parte A, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – N.º 146 – 30 de julho de 2012

Em ambos os anos, assumindo o valor mínimo obrigatório de minutos por semana, podemos ver que, a diferença dos tempos letivos do Ensino Básico Regular em comparação com o ensino articulado, é de 135 minutos ($1485-1530=135$) correspondendo respetivamente a três aulas de 45 minutos.

Essa diferença resulta da subtração das componentes “Educação Tecnológica e Educação Musical” sendo estas substituídas por “Formação Musical”, “Instrumento” e “Classes de Conjunto”.

Assim sendo, no mínimo, o aluno do ensino articulado de 5.º ou 6.º ano tem 1485 minutos de aulas semanais, que em aulas de 45 minutos resulta em 33. Fazendo uma

estimativa de blocos de aulas por dia, pode ser feito o exercício de ver o número de aulas médio, por dia útil. Como podemos ver na Parte B, do Anexo III do Diário da República, 1.º série – Nº 146 – 30 de Julho de 2012.

$$1485 \text{ minutos} / 45 = 33 \text{ aulas de 45 minutos}$$

(Assumindo a não inscrição na Disciplina optativa de Educação Moral e Religiosa)

	Carga horária semanal		
	5.º ano	6.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	33/34	33/34	(66/68)
	34/35	34/35	(68/70)

Tabela 4 – Excerto do Anexo III, Parte B, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – Nº 146 – 30 de julho de 2012

$$33 \text{ aulas} / 5 \text{ dias úteis} = 6.6 \text{ aulas.}$$

Para fazer um arredondamento necessário à unidade aula, podemos considerar, para efeitos de exercício, que o aluno do ensino articulado, no Curso Básico de Música, tem dois dias com 6 aulas de 45 minutos e três dias com 7 aulas de 45 minutos.

Já no ensino regular, como podemos ver na tabela que se segue, o aluno tem um mínimo de 30 aulas semanais que, fazendo uma média diária, corresponde a uma carga letiva de 6 aulas diárias (menos 3 aulas semanais que no ensino articulado).

	Carga horária semanal (a) (b)		
	5.º ano	6.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	30	30	60
	(31)	(31)	(62)

Tabela 5 – Excerto do Anexo II, Parte B, do Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho de 2012 (Relativo ao Ensino Regular)

No entanto é necessário olhar o tempo em perspetiva com a variedade de componentes letivas. Ora, no ensino Básico Articulado do 2.º Ciclo existe um conjunto de 10 disciplinas obrigatórias (Português, Inglês, História e Geografia de Portugal, Matemática, Ciências Naturais, Educação Visual, Formação Musical, Instrumento, Classe de Conjunto, Educação Física). É com esta variabilidade de disciplinas e respetiva carga horária (mínima de 33 aulas

semanais) que, o aluno do 2º Ciclo do ensino Básico de Música (5º e 6º anos) terá que organizar o seu estudo do instrumento.

O mesmo exercício será feito seguidamente para o 3º Ciclo (7º, 8º e 9º anos).

2.1.2 – Carga Horária do 3.º Ciclo (7º 8º e 9º anos)

No seguimento do exercício elaborado para a determinação da carga semanal do 2º ciclo, observemos as cargas no 3º Ciclo no Ensino Regular e no ensino Articulado.

Ensino Básico 3º Ciclo	Carga horária semanal			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	1530 (1575)	1485 (1530)	1485 (1530)	4500 (4635)

Tabela 6 – Excerto do Anexo III, Parte A do Decreto-Lei n.º 129/2012 de 5 de julho. Carga horária semanal em minutos.

Curso Básico de Música 3º Ciclo	Carga horária semanal			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do ciclo
Tempo a cumprir.....	1575/1710 (1620/1755)	1575/1710 (1620/1755)	1575/1710 (1620/1755)	4725/5130 (4860/5265)

Tabela 7 – Excerto do Anexo IV, Parte B, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.ª Série – Nº 146 – 30 de julho de 2012

Observemos então, o número mínimo de aulas semanais, organizadas em blocos de 45 minutos, na tabela que se segue.

	Carga horária semanal (em aulas de 45 minutos)			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do ciclo
Ensino Básico 3º Ciclo	34	33	33	100
Curso Básico de Música 3º Ciclo	35	35	35	105

Tabela 8 – Número mínimo de aulas semanais no 3º ciclo do Ensino Regular e do Ensino Articulado.

Segue-se o cálculo da diferença da carga horária entre os dois tipos de ensino, tendo em conta a execução dos tempos mínimos a cumprir:

$$7^{\circ} \text{ ano} - 1575 - 1530 = 45 \text{ minutos (uma aula)}$$

$$8^{\circ} \text{ ano} - 1575 - 1485 = 90 \text{ minutos (duas aulas)}$$

$$9^{\circ} \text{ ano} - 1575 - 1485 = 90 \text{ minutos (duas aulas)}$$

Como podemos observar, a diferença de tempos letivos é inferior à diferença verificada no 2.º Ciclo (135 minutos), sendo que, o Ensino Articulado de Música apresenta sempre uma carga horária superior à do ensino regular.

No entanto, como podemos observar nas tabelas do Anexo IV, Parte B, da Portaria n.º 225/2012 do Diário da República, 1.º Série – N.º 146 – 30 de Julho de 2012 e do Anexo III, Parte A do Decreto-Lei n.º 129/2012 de 5 de Julho; essa diferença existe pela substituição das Componentes de Currículo: Educação Visual (que se torna de frequência facultativa); e TIC e Oferta Escola, pelas disciplinas de Formação Vocacional: Formação Musical, Instrumento e Classes de Conjunto, aplicada aos três anos do 3º ciclo com uma disposição de carga horária para ambos.

Assim sendo, no total das componentes de currículo, assumindo o valor mínimo de carga horária, sem as disciplinas de cariz optativo, temos as seguintes disciplinas: Português, Inglês, Língua estrangeira II, História, Geografia, Matemática, Ciências Naturais, Físico Química, Educação Física, Formação Musical, Instrumento e Classes de Conjunto.

Para efeitos de comparação, podemos observar um quadro resumo, do total da carga horária dos Regimes articulado e Regular, assumindo os tempos mínimos por disciplina.

Ano de ensino Básico	5.º	6.º	7.º	8.º	9.º
Carga horária mínima semanal no Ensino Regular: aulas(a) /minutos(m)	30a	30a	34a	33a	33a
	1350 m	1350 m	1530 m	1485 m	1485 m
Carga horária mínima semanal no Ensino	33a	33a	35a	35a	35a

Articulado: aulas(a) /minutos(m)	1485 m	1485 m	1575 m	1575 m	1575 m
Diferença de carga horária mínima entre Ensino Regular e articulado: aulas(a) /minutos(m)	3a 135m	3a 135m	1a 45m	2a 90m	2a 90m

Tabela 9 – Diferença de carga horária mínima entre Ensino Regular e articulado (em minutos)

No seguimento da experiência adquirida no decorrer da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada (PES), foi possível verificar a frequente queixa de falta de tempo dos alunos para o cumprimento dos objetivos propostos no Ensino Articulado de Música. Sabendo que, existem casos de sucesso, muitos dos quais têm condições de conhecimento técnico e teórico que nos permite acreditar que há possibilidades de um seguimento dos estudos musicais, nos ciclos seguintes e até, conjeturar futuros casos de sucesso no Ensino Superior; é de salientar que, após a observação do tempo semanal que é gasto em aulas, no ensino Básico Articulado de Música, não existe muito tempo sobrando, para o estudo, de uma forma geral, e em particular para o instrumento. Como tal, a organização, e Estruturação do Estudo individual do aluno, apresenta-se como fator primordial, no sucesso do mesmo, no tipo de ensino em questão.

2.2 - Calendário escolar

Na estruturação do estudo individual, o aluno deve ter em conta o número de aulas até à prova trimestral. Ocorrendo uma aula de instrumento semanal, é possível fazer o planeamento desse mesmo estudo, em articulação com o programa, com vista à obtenção de sucesso, na prova trimestral, que se executa no final de cada semestre.

Observemos, para o ano transato (2016/2017) o Calendário escolar e as interrupções letivas, que se encontram publicados em Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016:

Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016: Anexo I

Calendário para os ensinos Básico e Secundário

Períodos letivos	Início	Termo
1º	Entre 9 e 15 de setembro de 2016	16 de dezembro de 2016
2º	3 de janeiro de 2017	4 de abril de 2017
3º	19 de abril de 2017	6 de junho de 2017 – 9º, 11º e 12º anos de escolaridade.
		16 de junho de 2017 – 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, e 10.º anos de escolaridade.
		23 de junho de 2017 – 1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos de escolaridade

Tabela 10 – Anexo I do Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016.

2.2.1 – Interrupções Letivas

Outro fator a ter em conta, são as interrupções letivas, que se apresentam entre trimestres. Nesse período em que não existem aulas de instrumento, mostrou-se essencial para o professor e para o aluno, a definição do material didático para a prova do trimestre seguinte, no sentido de fazer uma gestão do tempo de estudo atempada.

Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016

Anexo II

Interrupções das atividades letivas para o ensino básico e secundário

Interrupções	Início	Termo
1.ª	19 de dezembro de 2016	2 de janeiro de 2017
2.ª	27 de fevereiro de 2017	1 de março de 2017
3.ª	5 de abril de 2017	18 de abril de 2017

Tabela 11 – Anexo II do Diário da República, 2ª série – Nº 120 – 24 de junho de 2016.

2.2.2 – Número previsto de Aulas

Após a análise do calendário escolar, e respetivas interrupções letivas, podemos verificar o número de aulas expectáveis que os alunos terão em cada trimestre. Este número é variável, em função do dia da semana em que ao aluno tem aula.

Vejam os números de aulas expectáveis para os alunos do ensino básico, nos cinco dias úteis da semana, assumindo o início mais cedo possível dentro dos limites estabelecidos.

1º Período 9/09 – 16/12		
Segunda-Feira	Setembro 12, 19, 26/ outubro: 3, 10, 17, 24, 31/ novembro 7, 14, 21, 28/ dezembro: 5, 12	14 aulas
Terça – Feira	Setembro: 13, 20, 27/ outubro: 4; 11, 18, 25/ novembro 8, 15, 22, 29/ dezembro: 6, 13	13 aulas
Quarta – Feira	Setembro: 14, 21, 28/ outubro: 12, 19, 26/ novembro: 2, 9, 16, 23, 30/ dezembro: 7, 14	13 aulas
Quinta – Feira	Setembro: 15, 22, 29/ outubro: 6, 13, 20, 27/ novembro: 3, 10, 17, 24/ dezembro: 15	12 Aulas
Sexta-Feira	Setembro 9, 16, 23, 30, / outubro 7; 14; 21; 28, / novembro 4; 11; 18; 25 / dezembro 2; 9 16	15 aulas
2.º Período 03/01 – 04/04		
Segunda – Feira	Janeiro: 9, 16, 23, 30/ fevereiro: 6, 13, 20, 27/ março: 6, 13, 20, 27/ abril: 3	13 Aulas
Terça – Feira	Janeiro: 3, 10, 17, 24, 31/ fevereiro: 7, 14, 21, 28/ março: 7, 14, 21, 28/ abril: 4	14 Aulas
Quarta – Feira	Janeiro: 4, 11, 18, 25/ fevereiro 1, 8, 15, 22/ março: 1, 8, 15, 22, 29	13 Aulas
Quinta – Feira	Janeiro: 5, 12, 9, 26/ fevereiro: 2, 9, 16, 23/ março: 2, 9, 16, 23, 30	13 Aulas
Sexta – Feira	Janeiro: 6, 13, 20, 27/ fevereiro: 3, 10, 17, 24/ março: 3, 10, 17, 24	12 Aulas
3.º Período 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Segunda – Feira	Abril: 24/ maio: 15, 22, 29/ junho: 5, 12, 19	7 Aulas (5 para 9º ano)
Terça – Feira	Maio: 2, 9, 16, 23, 30/ junho: 6, 13	7 Aulas (6 para 9.º ano)
Quarta – Feira	Abril: 19, 26/ maio: 3, 10, 17, 24, 31/	9 Aulas (7 para o 9º ano)

	junho: 7, 14	
Quinta – Feira	Abril: 20, 27/ maio: 4, 11, 18, 25/ junho: 1, 8	8 Aulas (6 para 9º ano)
Sexta-Feira	Abril: 21, 28/ maio: 5, 12, 19, 26/ junho: 2, 9, 16	9 aulas (8 para o 9º ano)

Tabela 12 – Número de aulas expectável por dia da semana no ano letivos de 2016/2017

Da observação da tabela, podemos concluir que, o número de aulas individuais por trimestre é variável, em função do dia da semana em que o aluno tem aula, devendo este, ser um fator a ter em conta no momento de avaliação. Ainda é possível verificar a disparidade entre o número de aulas que existem entre períodos que, necessariamente, terá que ser tido em conta por professor e aluno na preparação das provas trimestrais.

No entanto, o número de aulas do período, não é, necessariamente, o número de aulas que o aluno tem até à prova, uma vez que, as provas trimestrais, acontecem antes da última aula.

Observemos então, o calendário de provas trimestrais na Academia de Música de Lagos para o ano letivo 2016/2017:

Provas trimestrais	
1º Período	14 a 26 de novembro
2º Período	6 a 20 de março
3º Período	22 a 27 de maio

Tabela 13 - Provas trimestrais 2016/2017 na Academia de Música de Lagos, de acordo como Plano de Atividades da Instituição

Vejamos então, o número de aulas individuais de instrumento que os alunos têm até à prova trimestral, assumindo a realização da mesma no prazo mais alargado possível na Academia de Música de Lagos:

1º Período		
Alunos com aula à segunda-feira	21 novembro	10 aulas
Alunos com aula à terça-feira	22 novembro	9 aulas
Alunos com aula à quarta-feira	23 novembro	9 aulas

Alunos com aula à quinta-feira	24 novembro	10 Aulas
Alunos com aula à sexta-feira	25 novembro	11 aulas
2º Período		
Alunos com aula à segunda-feira	20 março	10 Aulas + 2 do Período Anterior
Alunos com aula à terça-feira	14 março	10 Aulas + 3 do Período Anterior
Alunos com aula à quarta-feira	15 março	10 Aulas + 3 do Período Anterior
Alunos com aula à quinta-feira	16 março	10 Aulas + 1 do Período Anterior
Alunos com aula à sexta-feira	17 março	10 Aulas + 3 do Período Anterior
3º Período		
Alunos com aula à segunda-feira	22 maio	2 Aulas + 3 do Período Anterior
Alunos com aula à terça-feira	23 maio	3 Aulas + 3 do Período Anterior
Alunos com aula à quarta-feira	24 maio	5 Aulas + 2 do Período Anterior
Alunos com aula à quinta-feira	25 maio	5 Aulas + 2 do Período Anterior
Alunos com aula à sexta-feira	26 maio	5 Aulas + 1 do Período Anterior

Tabela 14 – Número de aulas entre provas trimestrais.

Após a observação da tabela precedente, podemos verificar que existe uma clara diferença do número de aulas do terceiro período para o segundo e primeiro, sendo que, entre provas, o maior número de aulas se apresenta no segundo período.

Ainda deve ser tido em conta que, os alunos com aulas de instrumento em dias afetados por feriados, necessariamente terão um número inferior de aulas aos que não são afetados por esses mesmos feriados.

Após a observação e análise da variedade de disciplinas, da carga horária semanal a que os alunos estão sujeitos, e do número de aulas de instrumento até à prova, é improrrogável a apreciação dos programas curriculares para a disciplina de Violino, na Academia de Música de Lagos.

O ensino da música em regime articulado, ao longo dos anos, tem sido objeto de inúmeras dificuldades de assunção; dependente de dois estabelecimentos de ensino para o seu desenvolvimento, necessita de um conjunto alargado de entendimentos por parte dos diferentes atores para a sua sustentabilidade. O ensino articulado deve ser desenvolvido entre os agrupamentos de escolas do ensino genérico e as escolas especializadas de música e não deve limitar-se à organização dos horários. (Ribeiro, 2013 p.16)

Efetivamente, para a articulação necessária entre escola, torna-se imprescindível dispor de tempo para organização e lançamento de avaliações, assim como todos os procedimentos burocráticos ligados com o fecho de um período. No entanto, foi possível constatar o facto de que, o período de aulas existente entre provas e o fim do período letivo, que muitas vezes chega às três semanas é, naturalmente um tempo de menor produtividade, uma vez que se trata de um período pré-férias em que a avaliação já foi efetuada.

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, foi possível constatar que, uma das formas de manter os alunos motivados para o estudo do instrumento é, através da criação de audições numa data posterior à prova. No entanto, se por um lado, permite manter o aluno ligado ao estudo do instrumento durante mais tempo no período, pode ser tempo que não é aproveitado na abordagem ao material didático que vem no Período seguinte, sendo o ideal e, naturalmente impossível de aplicar a todos os alunos, ter um pouco das duas abordagens.

3 – A disciplina de violino

Na Academia de Música de Lagos, a disciplina de violino é lecionada uma vez por semana, numa aula individual de 50 minutos. Os objetivos traçados entre aulas devem assumir a disponibilidade de tempo para o instrumento, em função do tempo de aulas, assim como a necessidade de estudo para as disciplinas restantes do currículo em questão.

3.1 – Autonomia pedagógica

A 7 de Março de 2014, foi publicada uma portaria referente à autonomia pedagógica, aplicada às escolas do ensino particular e cooperativo nas quais se abrange a Academia de Música de Lagos.

O Estatuto do Ensino Particular e Cooperativo (EEPC) de nível não superior publicado em anexo ao Decreto –Lei n.º 152/2013, de 4 novembro, consagrou, com especial relevo, a atribuição de autonomia pedagógica às escolas do ensino

particular e cooperativo, por ele abrangidas. Nos termos do Estatuto, a autonomia pedagógica e organizativa constitui -se como o direito conferido às escolas de poderem tomar as suas próprias decisões nos domínios da oferta formativa, da gestão dos currículos, dos programas e atividade educativas, da avaliação, orientação e acompanhamento dos alunos, constituição de turmas, gestão de espaços, dos tempos escolares e do seu pessoal. A autonomia consagrada, designadamente na vertente pedagógica e organizativa, confere às escolas do ensino particular e cooperativo, à semelhança do que acontece já em alguns contratos de autonomia das escolas públicas, a capacidade de poderem proceder à gestão flexível do currículo, tendo em conta o seu projeto educativo e o correspondente aprofundamento das obrigações de informação sobre a mesma. São agora estabelecidas as regras a aplicar a esta gestão flexível, permitindo -lhes fazer uso de uma percentagem das horas definidas nas matrizes curriculares em vigor, sem com isso, pôr em causa o cumprimento dos programas e metas curriculares, do número total de horas curriculares legalmente estabelecidas para cada ano, nível e modalidade de ensino, permitindo -lhes, também, criar e ampliar planos curriculares próprios ou oferecer disciplinas de enriquecimento ou complemento do currículo.

Diário da República, 1.ª série — N.º 47 — 7 de março de 2014

Como podemos ver no excerto da portaria acima transcrito, este estatuto veio permitir às escolas de ensino particular e cooperativo gerir os próprios programas. A Academia de Música de Lagos, estando inserida no conjunto de escolas de ensino particular e cooperativo abrangido por esta portaria; tem o seu próprio programa.

Com base nessa mesma autonomia pedagógica seguir-se-á uma análise ao programa de instrumento aplicado na Academia de Música de Lagos e suas especificidades.

3.2 - Programa Curricular

“O problema central deste tipo de ensino prende-se com a organização curricular e pedagógica que radica de um conjunto de opções e conceções que fazem parte do passado e que podem comprometer o futuro”. (Ribeiro 2013, p.59)

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, foi possível constatar que, a problemática que o autor coloca, é uma das grandes questões a resolver no ensino articulado nos dias de hoje. A já referida Autonomia Pedagógica veio tentar responder a essa questão, mas, não parece fazer sentido abandonar séculos de evolução na aprendizagem do violino fazendo uma total clivagem entre velho e novo paradigma. O grande desafio está, portanto, em conseguir usufruir da experiência e conhecimento adquiridos durante anos de ensino-aprendizagem do violino, e saber da melhor forma de os adaptar à realidade dos dias de hoje.

Observando o programa da disciplina de Violino, apresentado na Academia de Música de Lagos, podemos verificar que se encontra estruturado da seguinte forma: Objetivos Gerais; Objetivos específicos, Conteúdos Programáticos e Material Didático; e Critérios de Avaliação.

Como podemos ver, os objetivos gerais são transversais aos cinco anos do curso básico.

Objetivos gerais:
1. Estimular a formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as potencialidades do aluno.
2. Desenvolver o interesse pela música em geral e pelo instrumento em particular.
3. Desenvolver os conteúdos musicais e técnicos da execução instrumental.
4. Desenvolver a perceção musical e a imaginação ao longo do processo de trabalho sobre as obras.
5. Desenvolver o gosto por uma constante evolução e atualização de conhecimentos resultantes de bons hábitos de estudo.

Tabela 15 – Objetivos gerais - Programa de Violino da Academia de Música de Lagos. (2014 pág. 7)

3.2.1 – Estruturação do programa por grau

A estruturação do programa por grau, apresenta a mesma forma para os diferentes graus: Objetivos específicos; Conteúdos programáticos e Material Didático.

Vejamus esta forma aplicada ao primeiro grau, segundo o Programa de Violino aplicado na Academia de Música de Lagos:

1º GRAU/5º ANO
<i>Objetivos específicos:</i>
1. Postura correta do violino e do arco.
2. Controlar a posição e a direção do arco em cada corda.
3. Flexibilidade do pulso dos dedos e da mão direita no arco.
4. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Articulações: *detaché, stacatto* e ligaduras simples (2-4 notas).
2. Estudo da 1ª posição.
3. Escalas de 1 e 2 oitavas com arpejos.
4. Desenvolver um correto sentido de afinação.
5. Desenvolver a noção de frase.

Material didático:

Kayser. Estudos op.20
Selected Etudes. Music School 1-3. Edited by K. Fortunatov
Wohlfahrt. Estudos. Op.45 Livro I
Sheila Nelson – Stepping Stones;
Sheila Nelson – Waggon Wheels;
Suzuki – Volume I , II
Kuchler. Concertino in G-Dur op.11
Rieding. Concerto op.35

Tabela 16 - Estruturação do Programa do Primeiro Grau - Programa de Violino da Academia de Música de Lagos. (2014 p. 7)

Podemos ver em anexo a estruturação para os restantes graus.

3.2.2 - Critérios de Avaliação:

Como podemos observar, os critérios de avaliação são transversais aos graus em questão, naturalmente aplicados à diferenciação programática de cada grau; com exceção das provas globais, elaboradas no 2º e 5º grau.

Domínio da Avaliação	Critérios Gerais	Critérios Específicos	Peso na Avaliação		
			1º e 2º Período	3º Período (1º; 3º; 4º grau)	3º Período (2º; 5º grau)
Cognitivos (Aptidões, Capacidades, Competências)	Desenvolvimento técnico	<ul style="list-style-type: none"> - Coordenação psico-motora; - Qualidade do som trabalhado; - Realização de diferentes articulações e dinâmicas; - Utilização correta das dedilhações para cada nota; - Fluência da leitura; - Agilidade e segurança na execução; - Respeito pelo andamento que as obras determinam; - Capacidade de concentração e memorização; - Capacidade de diagnosticar problemas e resolve-los; 	22,5%	15%	35%
	Desenvolvimento artístico	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de abordar a ambiência e estilo da obra; - Capacidade de formulação e apreciação crítica; - Capacidade de abordar e explorar repertório novo; - Sentido de pulsação/ritmo/harmonia/fraseado. 	22,5%	15%	35%
Atitudinais (Valores)	Atitudes e Valores	<ul style="list-style-type: none"> - Assiduidade e pontualidade; - Apresentação do material necessário para a aula; Interesse e empenho na disciplina; - Métodos de estudo; - Atitude na sala de aula; 	20%	13,3%	15%

		<ul style="list-style-type: none"> - Cumprimento das tarefas atribuídas; - Regularidade e qualidade do estudo; - Participação nas atividades da escola (dentro e fora da escola); - Respeito pelos outros, pelos materiais e equipamentos escolares; - Postura em apresentações públicas, como participante e como ouvinte. 			
Performativos (Psico-motores)	Participação em Audições ou Atividades da Escola	<ul style="list-style-type: none"> - Postura em palco; - Rigor da indumentária apresentada; - Sentido de fraseado; - Qualidade sonora; - Realização de diferentes articulações e dinâmicas; 	10%	6,7%	15%
	Prova Trimestral	<ul style="list-style-type: none"> - Fluência, Agilidade e segurança na execução; - Manutenção do andamento que as obras determinam; - Capacidade de concentração e memorização; 	25%	50%	-
	Prova Global	<ul style="list-style-type: none"> - Capacidade de manter a abordagem da ambiência e estilo da obra; - Capacidade de diagnosticar problemas e resolvê-los de imediato. 	-	-	50% da Média dos 3 períodos

Tabela 17 – Critérios de avaliação - Programa da Disciplina de Violino da Academia de Música de Lagos (2014 p.13)

Nota: No final do ano letivo é lançada a nota final que corresponde à média dos 3 períodos.

A prova global efetuada no 2º e 5º grau tem um peso de 50% na avaliação total do ano, diferindo nesse aspeto dos restantes graus de ensino básico.

3.2.3 - Provas Globais

No ensino Básico, as provas globais encontram-se programadas para o 6.º e 9.º ano, ou seja, 2.º e 5.º grau respetivamente, como podemos observar no artigo 12 da Portaria n.º 225/2012 de 30 de julho.

Artigo 12.º

Provas globais

1 — A avaliação das disciplinas de 6.º ano/2.º grau e 9.º ano/5.º grau, da componente de formação vocacional, pode incluir a realização de provas globais cuja ponderação não pode ser superior a 50 % no cálculo da classificação final da disciplina, sendo obrigatória nas disciplinas de Técnicas de Dança, Instrumento, Iniciação à Prática Vocal e Prática Vocal.

2 — A realização das provas globais, referidas no número anterior, deve ocorrer dentro do calendário escolar previsto para este nível de ensino, podendo ainda decorrer dentro dos limites da calendarização definida para a realização de provas finais e exames de equivalência à frequência e desde que em datas não coincidentes com provas, de âmbito nacional, que os alunos pretendam realizar.

3 — O departamento curricular competente ou estrutura equivalente deve propor ao conselho pedagógico ou equivalente a informação sobre as provas globais, da qual conste o objeto de avaliação, as características e estrutura da prova, os critérios gerais de classificação, o material permitido e a duração da mesma.

Como é possível observar no Anexo XI, na Academia de Música de Lagos, estas estruturam-se tendo em conta os seguintes critérios: Técnica; Estudos; Repertório; Leitura à primeira Vista; Atitude, Postura e Apresentação; sendo obrigatório apresentar o material didático de acordo com o Programa da Violino da Escola Cooperante, aplicado ao respetivo grau.

3.2.4 - Provas Trimestrais

As provas trimestrais, executadas no fim de cada período, obedecem a uma estrutura tripartida composta por: Escalas, Estudos/Peças e Leitura à primeira vista. Observemos a matriz da prova de primeiro grau:

PROVAS TRIMESTRAIS

1º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e harpejo em duas oitavas¹.

Uma escala maior e harpejo à escolha de três apresentadas em uma oitava.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo ²e duas peças do repertório de 1º grau ou superior³.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma nova escala maior e harpejo em duas oitavas⁴.

Uma nova escala maior e harpejo (1 oitava).

Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica (1 oitava).¹

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças do repertório de 1º grau ou superior, diferentes do 1º Trimestre.²

LEITURA À 1ª VISTA – Um trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma nova escala maior e harpejo em duas oitavas.

Uma escala maior e harpejo à escolha de quatro apresentadas (1 oitava).

Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica à escolha de duas apresentadas (1 oitava).⁵

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo do repertório do 1º Grau. (Estudo n.º 1 de Kayser ou outro de dificuldade equivalente para alunos que tiveram Iniciação).

Duas peças do repertório de 1º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

¹ Só para alunos que frequentaram algum Curso de Iniciação ao Violino.

² Os estudos poderão ser substituídos por Exercícios Técnicos (por ex: Sevcik, Schradieck, Dounis, Sammons, Varga, etc.) adaptados ao Grau em questão, em termos de dificuldade e quantidade.

³ Os alunos que não frequentaram Iniciação, para além do estudo, só terão de preparar uma peça.

⁴ Primeira escala de duas oitavas para os alunos que não frequentaram Iniciação.

⁵ Ao critério do Professor no caso dos alunos que não frequentaram Iniciação

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

(2014) Sebenta de Violino – Academia de Música de Lagos (2014 pág., 2)

De salientar uma diferenciação que é feita no primeiro e segundo grau, relativa aos alunos que frequentaram o curso de iniciação sendo pedido mais material para prova, uma vez que o primeiro contacto com o instrumento já existia antes da iniciação do curso em questão. Esta diferenciação é exclusiva do primeiro grau, ficando todos os alunos em igualdade de circunstâncias a partir do segundo grau.

A escola de música, atualmente, é frequentada por crianças e jovens de diferentes estratos sociais e cujos objetivos iniciais estão longe de passar pela opção vocacional aos 10 anos de idade (frequentam a escola de música sem intenções de seguir a área vocacional da música). As preocupações principais centram-se numa formação geral equilibrada que permita a respetiva escolha vocacional devidamente sustentada. Assim sendo, a vocação não é (nem pode ser) um requisito a priori, mas uma aquisição conseguida a posteriori, e é necessário alargar esta possibilidade de formação geral a todas as crianças e jovens. A construção da vocação assume assim um papel referencial democrático, indispensável, necessário e legítimo questionando, claramente, o conceito de ensino vocacional legislado. Neste sentido, não são os alunos que estão desajustados do conceito escola vocacional de música: o sistema é que está desenquadrado da população escolar. (Ribeiro,2013, p. 366)

Sendo o ensino articulado um tipo de ensino vocacional, não é, necessariamente (e menos no ensino básico), uma definição imediata de futuro para um estudante entre os 10 e os 14 anos. No entanto, também não deve ser considerado como uma simples ocupação de tempos livres, devendo-se atuar no sentido de poder dar este tipo de oferta formativa a todos, não bloqueando a aquisição de conhecimento aos que pretende claramente fazer da música sua profissão.

É notório que se vive um processo de constante adaptação, entre o velho e o novo paradigma, e o maior desafio que se encontra de futuro é, como Ribeiro (2013) explica, dar uma formação geral equilibrada que permita a respetiva escolha vocacional devidamente sustentada. Mas para que tal exista, é necessária uma compreensão bidirecional, isto é, no sentido de entender e agir perante os diferentes objetivos dos alunos.

Em qualquer das situações, quer o aluno disponha de muito tempo para o estudo do instrumento, quer dê prioridade a outros estudos, saber como estruturar o estudo no tempo a

que se dispõe para o fazer, é um fator essencial para uma presença saudável no ensino Básico Articulado da música e em particular no Violino.

4 – Conclusão (Secção I – Prática de Ensino Supervisionada: contextualização legal e abordagem à escola)

No encerramento deste capítulo, parece importante reiterar, de uma forma resumida o seguinte: os alunos do Ensino Básico Articulado, ou seja, entre o quinto e nono ano de escolaridade e, respetivamente, entre o primeiro e quinto grau do curso básico de música dispõem, de 33 aulas semanais (no caso do primeiro e segundo grau), ou de 35 aulas semanais (no caso do segundo, quarto e quinto graus). Isto considerando a não inscrição nas disciplinas de cariz opcional.

Na análise da variabilidade de disciplinas que a população em estudo tem, no primeiro e segundo ciclos, existe um total de 12 disciplinas distintas, sendo três da área da música, nomeadamente: Instrumento, Formação Musical e Classes de Conjunto.

Na escola cooperante – AML, é requerido que o aluno se apresente em prova, após um período de cerca de 10 aulas (no primeiro e segundo período, sendo que no terceiro são cerca de 6, com base na observação do ano letivo 2016/2017), obedecendo a uma estrutura que exige: escalas, estudos, peças e leitura à primeira; com natural aumento de complexidade à medida do avanço dos períodos e anos.

A falta de tempo, sendo uma queixa que se reitera, observada no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada no ano letivo transato, mas também nos três anos antecedentes, onde o mestrando foi professor, exige uma resposta de um modo geral, e especificamente no violino.

Através da pesquisa bibliográfica, é possível observar que, a questão do tempo de estudo no violino não é, uma questão exclusiva dos dias de hoje. Com os necessários ajustes de adaptação à realidade do Ensino Básico Articulado de violino atual, é objetivo deste trabalho encontrar respostas para a problemática da organização do tempo no estudo de violino.

Secção II – Investigação

1 - Objeto de investigação

Olhando o percurso académico de um aluno do Ensino Básico Articulado de Música, entre o primeiro e quinto grau; serão poucos os casos em que o fator tempo de estudo não se apresenta, em alguma fase do percurso, como uma questão problemática. Urge então, a necessidade de estudar esse facto, assim como de descobrir processos sobre os quais, professores e alunos possam estruturar o seu trabalho no sentido de responder a esta problemática.

Uma das questões centrais, do estudo do instrumento, prende-se não só com o tempo disposto, o qual já foi possível observar no capítulo anterior, mas sim com o uso que se faz do mesmo. Uma vez que, não está *à priori*, ao alcance de professores a alunos mudar o tempo disponível, assim como o número de áreas de estudo obrigatórias, que se encontra no domínio da legislação; é necessário encontrar uma resposta em função das variáveis que se nos apresentam como fixas.

1.1 - Motivações para a escolha do objeto de investigação

O mestrando, sendo docente na escola cooperante em questão nos anos transatos, vivenciou a problemática da queixa de falta de tempo, identificando-a como uma das principais questões sobre a qual refletir, desejando então, através do trabalho de investigação, colaborar para que, tanto quanto possível, se torne o processo de ensino-aprendizagem da música, no Ensino Articulado, o melhor e mais salubre possível.

No exercício da profissão de professor de violino, parece fundamental, direcionar o aluno, não de um ponto de vista fechado na prática do instrumento, mas sapiente do contexto no qual o aluno se insere, que é naturalmente volátil em função do tempo e espaço, estando regulado pela lei que, também com o passar dos tempos vem dando margem para que as escolas se adaptem em função das variáveis que lhe são apresentadas.

1.2 - Objetivos da investigação

Esta investigação está direcionada em dois objetivos base: o primeiro remete para o conhecimento do professor de violino da realidade académica do aluno do ensino Básico Articulado, como um todo; o segundo direciona-se numa ajuda ao aluno, naturalmente encaminhado pelo professor, na organização do seu tempo para o estudo de violino, resultando tanto quanto possível na otimização no mesmo.

Observadas as cargas horárias dos alunos do Ensino Básico Articulado, o número de aulas e a sua duração, o número de disciplinas às quais os alunos estão obrigados a frequentar, surge a necessidade de refletir como poder ajudar o aluno a se organizar no tempo e na forma do seu estudo de instrumento. Surgem então as seguintes questões:

- Quanto tempo deverá o aluno estudar diariamente?

- Como deve aplicar esse mesmo tempo nos diferentes exercícios e peças que lhe são propostos?

O objetivo principal desta investigação, será responder a essas questões, de forma a trazer um acréscimo de qualidade no dia-a-dia do estudante de violino no Ensino Básico Articulado de Música.

2 - Metodologias de investigação

2.1 - Etapas da investigação

O seguimento desta investigação está estruturado num conjunto de etapas que resultaram neste relatório final:

- a) Investigação e definição da problemática de investigação
- b) Autorização do projeto de investigação por parte do orientador, e posteriormente pelo coordenador do curso;
- c) Início da Prática de ensino Supervisionada com recurso a aulas assistidas e Lecionadas por parte do mestrando em articulação com professor orientador e professor cooperante
- d) Constatação da problemática em questão
- e) Investigação sobre a problemática

- f) Aplicação de metodologia
- g) Entrega de relatório final

2.2 – Método de Investigação

2.2.1 – Contextualização e análise de legislação aplicável

A metodologia em questão, tem por base a observação de aulas que fizeram parte da execução da Prática de Ensino Supervisionada, tendo como público-alvo os alunos do Professor Cooperante na Academia de Música de Lagos; articulando com o conhecimento adquirido ao nível da legislação aplicada ao público alvo em questão.

2.2.2 – Investigação bibliográfica

No sentido de encontrar respostas ao problema colocado no trabalho de investigação, o mestrando recorreu a este método, que tem como base a pesquisa bibliográfica. A salientar há o facto de a abordagem ter em conta que o desfasamento temporal entre alguma bibliografia e a realidade atual, sendo que esta ainda se revela muito útil, não obstante de carecer de uma visão adaptada no tempo e no espaço da investigação em questão. Assim sendo, a Secção II, que remete para a pesquisa bibliográfica, é naturalmente enquadrada num contexto legal e pedagógico aplicados à Escola Cooperante.

2.2.3 – Análise de resultados obtidos

Este método teve por base a análise os resultados das provas trimestrais dos alunos incorporados na amostra em questão; após a aplicação das metodologias propostas, onde são apresentadas as avaliações quantitativas dos alunos, numa escala de zero a cinco valores.

3 – Reflexões teóricas sobre o tempo de estudo do violino

3.1 – O perfil do aluno

Na abordagem ao estudo de violino, é verificável que, existem diversas reflexões sobre os diferentes perfis possíveis de encontrar num aluno. Características como a adaptabilidade ao instrumento, concentração, autonomia, capacidade de reação ao estímulo são aspetos que

se apresentam como relevantes na reflexão sobre o tempo e a qualidade de estudo que podemos esperar de um aluno.

Em termos gerais, os alunos podem ser divididos em uma categoria "ativa" e "passiva". Os alunos ativos são aqueles que têm o desejo inato de uma imaginação criativa. Eles são verdadeiramente desafiadores e podem ser feitos para crescer em artistas genuínos. O outro tipo, os alunos passivos, não podem fazer nada por conta própria, nada que não tenha sido mostrado pelo professor ou outro artista.” (Galamian, 1962 p.8).⁶

Além da criatividade referida, a produtividade do mesmo no estudo assumindo uma aptidão inata também parece ser um fator relevante a ter em conta.

Segundo Primrose: há aqueles que aprendem de forma rápida e intuitiva, sem que lhes seja atribuído crédito. Esse são os afortunados, enquanto existem os outros que têm que sofrer com a aprendizagem que vem relutantemente. É difícil dizer se o último aprende mais do que o primeiro no último reduto. (Dalton, 1988, p.29)

Numa abordagem posterior, há que refletir sobre a autossuficiência na produção do trabalho e estudo. Esse passo será necessariamente dado, com a ajuda do professor.

Na entrevista de Dalton a Primerose é colocada a questão: “*Acha que a maior parte dos seus alunos são inteligentes o suficiente para adaptar a técnica de isolar a dificuldade?*” (Dalton, 1988, p.31). Primerose é assertivo na resposta: “*Não, não são. Isso tem que ser mostrado. Muitas vezes continuo a praticar para além do tempo que seria normalmente necessário porque simplesmente gosto de tocar. Se chego ao ponto de estar aborrecido, então faço outra coisa*”. (Dalton, 1988, p.31)⁷

Teremos assim que concluir que, naturalmente, haverá alunos com maior propensão para uma melhor compreensão, um estudo mais eficaz do instrumento, e um resultado mais eficiente e assertivo. Mas a realidade com a qual o professor se depara é, naturalmente variável, como foi possível verificar na Prática de Ensino Supervisionada.

⁶ Broadly speaking, students may be divided into an “active” and a “passive” category. The active students are those who have the innate urge of a creative imagination. They are truly challenging ones and can be added to grow into genuine artists. The other type, the passive students, can do nothing on their own, nothing that has not been shown them by the teacher or another performer.

⁷ DALTON Do you find that most of your students are intelligent enough to adopt the technique of isolating the difficulty?
PRIMROSE No, they aren't. this has to be shown. Now I often continue in my practicing much beyond the time that would be normally required because I just enjoy playing. If I get to the point where I am bored, then I do something else.

As reflexões teóricas que abordam o perfil do aluno podem levar-nos a concluir que, à data, a maneira de os denominar parece um pouco binária, isto é, separa os alunos que são bons na compreensão, aquisição de conhecimento, e os que não são. Uma abordagem moderna, naturalmente não poderá ser tão quadrada.

Em função desses fatores, urge a necessidade de reflexão sobre o papel do professor.

3.2 – O papel do professor no estudo do aluno

No seguimento do tema anterior, é constatável que, seja qual for o perfil do aluno, o papel do professor apresenta uma influência determinante no seu desenvolvimento.

Mas seja o aluno velho ou novo, profissional ou amador, individual ou em grupo, - o seu progresso e o seu desenvolvimento dependem do professor. Pois, se o professor souber como ensinar, a atenção do aluno é imediatamente captada, a imaginação é despertada e, muitas vezes, seu entusiasmo não conhece limites. E do ponto de vista do professor, que profissão poderia ser mais gratificante do que isso? (Havas, 1971; p.65).⁸

No entanto, o desenvolvimento do aluno, passa necessariamente pelo seu estudo individual, sendo esse o desafio central do trabalho em questão.

“O professor deve sempre ter em mente que para ele, o maior objetivo deve ser, tornar o aluno autossuficiente” (Galamian, 1962, p.8).⁹

Uma vez centrado no estudo individual do aluno, este relatório não deve descuidar o facto de que, o mesmo está claramente influenciado pela ação do professor. Dado que, no ensino Básico Articulado de Música o contacto professor/aluno se resume a 50 minutos semanais, e que se trata de alunos com idades entre os 10 e os 14 anos, a afirmação de Galamian, ganha ainda uma maior valoração.

Enquanto se toca violino, o espírito deve ocupar-se constantemente de verificações de rotina. Deve ser qualquer coisa como uma segunda natureza mental. Cada parte, cada movimento deve ser verificado, a flexibilidade do ombro, a mobilidade do pescoço, o dedo, o cotovelo, o pulso, os pés, tudo calmo, relaxado, coordenado. Depois a respiração, a posição dos olhos, a oscilação do corpo: estão todos certos,

⁸ But be the pupil old or young, professional or amateur, single or in group, - his progress and development are up to the teacher. For if the teacher knows how to teach, the pupil's attention is immediately arrested, his imagination is aroused and often his enthusiasm knows no bounds. And from the teacher's point of view what profession could be more rewarding than this?

⁹ The teacher must always bear in mind that the biggest goal should be for him to make the student self-sufficient.

em harmonia? Nada deve ser deixado ao acaso nos movimentos do violinista nada deve ser movido sem o acordo de todas as outras partes. (Menuhin, 1986 p.13)

Essas mesmas verificações de rotina necessitam de maturidade para que sejam alcançadas por um aluno entre os 10 e os 14 anos. No decorrer das aulas assistidas e lecionadas na Prática de ensino Supervisionada, foi possível verificar que, o aluno que, estabelece mais rapidamente as rotinas certas, apresenta mais sucesso que aquele que estuda muito, mas sem critério.

A constante capacidade de concentração, em detrimento do estudo rotineiro e mecânico parece consensual.

O que deve ser inculcado no aluno acima de tudo é a necessidade de alerta mental completo e constante durante a prática. O que acontece com demasiada frequência com muitos estudantes é que a mente vagueia para diferentes esferas enquanto os dedos e as mãos estão envolvidos em repetições mecânicas de funcionamento rotineiro e intermináveis. A prática desse tipo, sem direção e controle, é um desperdício de tempo e esforço. Não só não consegue o que se propõe a fazer, mas também às vezes pode ser prejudicial. Os erros são repetidos uma e outra vez, e o ouvido torna-se impermeável aos sons defeituosos. (Galamian, 1996 p.94)¹⁰

Não só a capacidade de resistência e concentração, são fatores determinantes. Da parte do professor, compreender a capacidade do aluno de receber a informação e fazer algo autónomo torna-se essencial para que se possa, sobre ele, exercer a abordagem mais correta.

Quando questionado sobre a possibilidade de o professor assegurar que o seu aluno estuda corretamente.

Regra geral, é possível constatar numa lição subsequente. Se o aluno for inteligente e consciencioso, e o professor explicar como praticar, ele irá praticar corretamente. Se o aluno voltar a tocar com as mesmas falhas ou os mesmos erros, ele não respondeu à solução dada. Presumo que o aluno não tenha praticado de forma assídua ou tenha praticado incorretamente devido à falta de compreensão. (Dalton, 1988, p.16)¹¹

¹⁰ The thing that must be impressed on the student above all else is the necessity for complete and constant mental alertness during practice. It happens only too often with too many students that the mind wanders to different spheres while the fingers and hands are engaged in mechanical routine-functioning and endless repetitions. Practice of this kind, lacking both direction and control, is a waste of time and effort. Not only does it not achieve what it sets out to do, but also in can sometimes be positively harmful. Mistakes are repeated over and over again, and the ear becomes impervious to faulty sounds.

¹¹ As a rule, you will be able to tell that from a subsequent lesson. If the student is intelligent and conscientious, and the teacher explains how to practice, he will practice correctly. If the student returns playing with the same

Ora, como podemos observar, perante o insucesso, o autor, questiona não só o desempenho do estudante, como o seu próprio desempenho enquanto professor. Podemos concluir assim, que a estruturação do estudo individual começa na sala de aula. Sendo o papel do aluno, *à posteriori*, determinante, na obtenção do sucesso, o caminho, direcionado pelo professor, será indubitavelmente, fundamental.

3.3 - Obrigação de estudar por um número definido de horas

“Quando a criança está a aprender, o instrumento seu companheiro proporciona-lhe uma grande dádiva: tempo ilimitado” (Menuhin, 1986, p.135).

Terá sido assim, outrora, no entanto, como foi possível observar, na secção da Prática de ensino Supervisionada, não se aplica nos dias de hoje. Urge então uma necessidade de resposta à realidade ensino/aprendizagem atual.

No sentido de responder às exigências programáticas, e tendo em conta o tempo de estudo disponível do grupo de estudo em questão, com base na análise da legislação que, abrange o Ensino Básico articulado; é-nos possível analisar diversas reflexões sobre a estruturação do estudo individual.

A reflexão que segue, remete para o facto de, frequentemente, no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, assim como nos anos precedentes de ensino na Escola cooperante em questão, o mestrando se deparar com alunos que despendem muito tempo com o instrumento, muitas vezes sem proporcional sucesso.

Quando questionado por Primerose sobre o facto de ter ou não insistido num número fixo de horas por dia, Dalton explica:

Não, eu não tenho. Um estudante tem que praticar até que esteja convencido de que ele fez progresso no trabalho em questão, suficiente para apresentá-lo para a próxima lição. Em alguns casos, um aluno poderá fazer isso em um número relativamente pequeno de horas por dia e, nos outros casos, necessitará de um resultado consideravelmente maior. Eu rejeito o excesso de estudo. (Dalton, 1988, p. 31).¹²

faults or the same mistakes, then he hasn't responded to the remedy offered. I assume the student hasn't practiced assiduously or has practiced incorrectly because the lack of understanding.

¹² No, I have not. A student has to practice until he is satisfied that he has made progress on the work at hand, sufficient to present it for the next lesson. In some cases, a student will be able to do this in a relatively few hours' work a day, and in other cases it will require a considerably greater output. I frown on overpractise.

Isto é, o tempo não é um valor *per se*, mas sim o que se faz com o tempo que se tem.

A criança obrigada a trabalhar sob a orientação draconiana do pai ou de um professor ambicioso e a praticar seis a oito horas por dia pode mais tarde sentir enormes dificuldades, como sucedeu com alguns violinistas, que depois tiveram problemas mentais. (Menuhin, 1986, p.17)

Naturalmente, como já foi possível observar através da análise da legislação em vigor para o Ensino Articulado da Música, não seria humanamente possível a um aluno, estudar esse número de horas de instrumento, por dia. Ainda com o avançar dos anos, o jovem violinista que dispõe de determinado tempo para estudar, pode vir a sentir dificuldades na gestão do tempo com organização da própria vida.

Nestas circunstâncias, se se torna completamente dependente de horas tranquilas de prática, administradas sob disciplina quase militar, então, logicamente, ao organizar a vida, ao ter de arranjar tempo para todas as coisas que um ser humano necessita de fazer, é muito natural que as tensões comecem a acumular-se. (Menuhin, 1986; p.17).

Situação que, nos dias de hoje, e tendo em conta a realidade do ensino articulado, nomeadamente no que toca à carga horária e variedade de disciplinas, das mais diversas áreas interdisciplinares, se agudiza.

Apesar de se poder verificar que, o aluno que consegue organizar, de um modo fixo o seu horário de estudo, normalmente apresenta sucesso, a imposição do mesmo deve ser alvo de reflexão, pois pode resultar de forma nociva para alguns, nomeadamente aos que apresentam menor interesse no instrumento.

Não faz sentido exigir dogmaticamente que cada aluno deva praticar um certo número de horas de acordo com um determinado cronograma rígido. Requisitos e possibilidades variam muito em casos individuais: um aluno pode permanecer fresco mais tempo do que outro; além disso, nem todos os alunos são livres para organizar o seu dia apenas em torno de sua prática de violino. Tudo o que pode ser afirmado numa generalização é que, individualmente, o aluno tem que descobrir pela experiência inteligível o que é melhor para si mesmo. (Galamian, 1962, p.94)¹³

¹³ It does not make sense to demand dogmatically that every student should practice a certain number of hours according to a certain rigid schedule. Requirements and possibilities will vary greatly in individual cases: one student can remain fresh longer than another; and besides, not every student is free to organize his day solely around violin practice. All that can be stated in a generalization is that individually the student has to find out by intelligent experimenting what is best for himself.

A afirmação de Galamian tem uma aplicabilidade crucial nos dias de hoje, na medida em que, fatores como a resistência e o tempo disponível se apresentam como variáveis que diferem muito de aluno para aluno.

3.4 - O tempo de estudo nos primeiros contactos com o instrumento

Havas (1971) defende que, nos primeiros contactos com o instrumento, é mais produtivo utilizar tempo para reflexão sobre as questões técnicas que, propriamente utilizar o tempo que tem de maneira exaustiva a tocar.

A coisa mais sábia para um aluno fazer é deixar um período duas ou três vezes por dia para pensar sobre o que ele aprendeu durante a lição, e só então está apto para tentar no violino. Manter um diário de cada lição é uma excelente ideia. Pode assumir várias formas. Ou o aluno estabelece os fatos importantes que ele deve ter em mente, ou o professor o faz. Mas, em qualquer caso, o aluno deve lê-lo todas as vezes antes de começar a praticar. Normalmente aconselho meus alunos a não praticarem mais de dez minutos quando começarem a aprender; E se eles acharem algo difícil, como segurar o violino ou o arco, ou obter a afinação de canto clara, devem deixá-lo imediatamente, colocar o violino e apenas pensar o que está tentando fazer e como deve ser feito. Então tente novamente outra vez. (Havas, 1971, p.61)¹⁴

Como vemos o tempo de estudo com o instrumento que Havas defende para os alunos que começam, não é muito. Estes dez minutos de prática instrumental, são compensados então com períodos de reflexão.

Na sequência das aulas lecionadas no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, foi possível constatar que, no caso de alguns alunos que começam a aprendizagem do instrumento, e apresentam um elevado tempo de estudo entre aulas, desenvolvem por vezes alguns vícios, decorrentes de uma sistematização ainda a ser construída.

Havas, explica as vantagens de uma abordagem como esta:

¹⁴ The wisest thing for a pupil to do is to set aside a period two or three times each day in which to “think” about what he learned during the lesson, and only then is he to try it on the violin. To keep a diary of each lesson is an excellent idea. It can take various forms. Either the pupil jots down the important facts he has to keep in mind, or the teacher does. But in any case, the pupil is to read it over every single time before he begins to practice. I usually advise my own pupils not to practice more than ten minutes a time when they begin to learn; and if they find anything difficult, such as holding the violin or the bow, or getting the clear singing tone, they are to leave it immediately, to put the violin down and only think about what they are trying to do and how it should be done. Then try it again another time.

Evita os sons terríveis que os iniciantes tendem a fazer, e como eles não dependem de nenhum processo de fortalecimento dos músculos que os pode deixar em baixo drasticamente, desenvolvem autoconfiança e sentido de divertimento, tão necessário para fazer boa música. É claro que enquanto aprendem a concentrar-se, o tempo de prática também se prolonga. Mas como resultado desta dependência do funcionamento da mente, ao invés da força física, as suas bases ficam tão firmes como uma pedra, sobre a qual podem construir o que quiserem mais tarde. (Havas, 1971, p. 62).¹⁵

Naturalmente, com a exigência programática e a necessidade de executar diferentes peças e exercícios, esse tempo poderá ser insuficiente, mas parece-me que, é extremamente bem aplicado nos casos de iniciação (precedente ao ensino Básico), ou nas primeiras aulas que os alunos têm de instrumento quando entram no ensino articulado.

Assim sendo, urge a necessidade de pensar a forma como o aluno pode responder com sucesso a um horário cheio com as mais diversas áreas disciplinares e o estudo do seu instrumento, de uma forma saudável e com sucesso.

3.5 - A distribuição do tempo de estudo

Gruenberg (1965), apresenta aquilo a que se refere como “Horários da prática diária”, nos quais explicita, em função do tempo que o aluno tem, a distribuição dos exercícios nesse mesmo tempo. Vejamos:

(“A” pela manhã; - “B” – pela Tarde)	
(I) Uma Hora	
A.	
Exercícios de Mão esquerda	10 minutos
Vibrato e Dinâmicas	5 minutos
Estudos	15 minutos
B.	
Escalas e arpejos	10 minutos
Cordas dobradas	5 minutos
Peças	15 minutos

¹⁵ Avoids the awful sounds beginner tend to make; and because they do not depend on any strengthening process of their muscles which can let them down so badly, they develop self-confidence and sense of enjoyment, so necessary to good music-practicing. Of course, as they learn to concentrate, the length of practicing time I also extended. But as a result, if this dependence on the function of the mind, rather than on physical strength, their Foundation is as firm as a rock, on which they can build anything they like later on.

(I) Duas Horas	
A.	
Exercícios de Mão esquerda	20 minutos
Vibrato e Dinâmicas	10 minutos
Estudos	30 minutos
B.	
Escalas e arpejos	20 minutos
Cordas dobradas	10 minutos
Peças	30 minutos
(I) Três horas	
A.	
Exercícios de mão esquerda (Notas separadas 30; Cordas dobradas 10; Acordes de três e quatro notas 10)	50 minutos
Vibrato e Dinâmicas	10 minutos
Estudos	30 minutos
B.	
Escalas e arpejos	30 minutos
Oitavas	10 minutos
Staccato	10 minutos
Peças	40 minutos
(I) Quatro horas	
A.	
Exercícios de mão esquerda (Velocidade 20, Trilos 10, Oitavas separadas 10, Cordas dobradas 10, Acordes de três e quatro notas 10)	60 minutos
Estudos	45 minutos
B.	
Escalas e arpejos	30 minutos
Vibrato e dinâmicas	15 minutos
Staccato 15, Terceiras em cordas dobrada 15	30 minutos

Peças	60 minutos
(I) Cinco horas	
A.	
Exercícios de mão esquerda (Velocidade 30, Trilos 15, Oitavas separadas 15, Cordas dobradas 15, Glissando 15)	90 minutos
Estudos	60 minutos
Escalas e arpejos	30 minutos
Staccato 10, Terceiras em Cordas dobradas 10, Acordes de três e 4 notas 10	30 minutos
Peças	90 minutos
(I) Seis horas	
A.	
Exercícios de mão esquerda (Velocidade 30, Cordas dobradas 15, trilo 15, Oitavas separadas 15, Glissando 15)	90 minutos
Estudos	90 minutos
B.	
Escalas e arpejos	30 minutos
Staccato 10, Terceiras em cordas dobradas 10, Acordes de três e quatro notas 10	30 minutos
Peças	120 minutos
(I) Sete horas	
Este horário pode ser formado na base do horário de seis horas aumentando o tempo a ser distribuído pelos diferentes itens conforme conveniente.	

Tabela 18 - Distribuição do tempo de estudo. (Gruenberg 1965 p. 131)

Após a observação da perspectiva de Gruenberg sobre a distribuição o tempo de estudo no violino é necessário, *à priori*, definir alguns pontos aos quais não são aplicáveis ao atual Ensino Básico Articulado de Música.

Desde já, e uma vez analisada a carga horária dos alunos, sabemos que será impossível aplicar um elevado número de horas no estudo de violino (à exceção do sábado e do domingo). Ainda sobra a carga de estudo em questão é sugerido que se distribua o estudo em

dois momentos no dia, sendo uma prática que, tendo em conta a análise de carga horária e disciplinar dos alunos do ensino Básico Articulado

Em segundo lugar, alguns dos exercícios em questão, não estão considerados no programa de ensino básico na escola cooperante em questão, de entre os quais as cordas dobradas, terceiras e oitavas; sendo estas planeadas posteriormente para o ensino complementar.

No entanto, e na sua base é possível verificar que, a sua estrutura se assemelha ao programa pedido no programa de violino, isto é: Escalas, Estudos e Peças, aos quais podemos aplicar a ideia implícita, variando no grau de dificuldade.

O tempo de estudo assim como as estratégias de repetição são assim variáveis em função do tempo que cada aluno pode despende.

3.6 - O processo de repetição

Primerose explica:

Cheguei a sessenta repetições como um número adequado, daí a minha "regra dos sessenta". Mas é uma sugestão que surgiu de muitos anos de experiência e uso prático. Provou-se oportuno ao praticar um golpe de arco ou quando estava envolvido com o problema da mão esquerda. No entanto, logo fiquei ciente de que, ao repetir, eu poderia confundir-me facilmente com o número de vezes que eu realmente repetia uma passagem, a menos que eu marcasse de alguma maneira.(...) Ao recorrer a uma série arbitrária de golpes de arco, percebi que isso me daria uma prática combinada com a prática de mão esquerda, uma economia que se baseava no meu instinto escocês!. (Dalton, 1988, p.28, 29)¹⁶

Com base nas afirmações de Primerose, podemos ver que, pode ser possível otimizar o tempo de estudo com recurso a exercícios que combinem técnica de mão esquerda e direita. No entanto, podemos ver que, como referido pelo autor, o número alcançado, resultou de anos de experiência. Necessariamente, teremos que assumir que, esse mesmo número possa ser variável de estudante para estudante. No entanto o princípio

¹⁶ I arrived at sixty repetitions as being an adequate number, hence my 'rule of sixty'. This is hardly a rule, rather more in the nature of a suggestion. But it is a suggestion that has grown out of many years of experience and practical usage. As I turned out, it proved to be timely whether I practiced a bowing pattern or was engaged with a left-hand problem. However, I soon became aware that in repeating, I might easily become confused as to the number of times I had indeed repeated a passage unless I marked each off in some fashion. (...) In resorting to an arbitrary series of bowing patterns, I perceived that this would give me bowing practice combined with left-hand practice, an economy that immediately appealed to my Scottish instinct!

pode ser aplicado. Isto é, saber o número de vezes que são necessárias para resolver uma determinada passagem e, com esse número de vezes, aplicar diferentes golpes de arco para que, por um lado se facilite a contagem na repetição e, por outro, se possa efetuar trabalho combinado entre mão esquerda e mão direita.

Primrose explica então como proceder especificamente para uma passagem difícil perante uma hora de estudo:

Se eu tivesse uma hora e uma passagem demorou cerca de cinquenta e oito segundos a realizar um tempo conveniente, então era óbvio que meus períodos de prática dedicados ao problema particular envolveriam cinquenta e oito minutos (60x58), com alguns minutos de sobra. (Dalton 1988; p.29).¹⁷

Acontece que, para cumprir o tempo da forma que está explicada, implica que, a passagem seja repetida com a mesma indicação metronómica. Assim sendo, devemos assumir que, tal estratégia deve ser válida para a consolidação, e não para construção, uma vez que, no seguimento da execução da Prática de Ensino Supervisionada, foi possível constatar que, grande parte do tempo do aluno é usada na aquisição de recursos para execução da passagem, mais do que posteriormente para a consolidar. Em todo o caso, seguindo a ideia de Primrose será possível inculcar ao aluno o gosto pela capacidade de estabelecer um número de vezes a repetir uma passagem difícil, uma vez alcançada, no sentido de a consolidar.

No decorrer da Prática de Ensino Supervisionada, e em função do tempo de aula, tornou-se benéfico fazer o aluno entender que, com determinado tempo destinado ao instrumento, é de crucial importância poder dividi-lo nas orientações programáticas, nomeadamente, escalas estudos e peças, assim como seguindo a respetiva ordem de execução dos menos, no sentido de obter maior proveito na execução instrumental.

3.7 - O tempo de descanso

Necessariamente, e analisando as reflexões anteriores, é possível verificar a motivação como fator determinante no estudo do violino. A gestão, da mesma, prende-se claramente com a gestão do tempo de estudo e de descanso.

¹⁷ If I have one hour in hand and a passage took some fifty-eight seconds to perform at a convenient tempo, then it was obvious that my practice period devoted to the particular problem would engage fifty-eight minutes (60 x 58 seconds), with a couple of minutes to spare.

O meu conselho - baseado na experiência de anos - é nunca praticar mais do que trinta ou quarenta minutos seguidos, e descansar e relaxar por pelo menos dez ou quinze minutos antes de começar a trabalhar novamente. Se esse plano for realizado, e eu mais uma vez gostar de enfatizar seu valor, o aluno, para praticar de quatro a cinco horas por dia, deve ter, na verdade, seis ou sete horas à sua disposição. (Auer, 1921, p. 39)

Como o próprio autor explica, conseguir estes tempos de descanso implicariam muitas horas investidas num dia no caso o aluno estudar quatro ou cinco horas. Não sendo esse o caso, por impossibilidade horária e de exigência de todas as outras disciplinas, faz sentido pensar que, se o aluno não terá essa possibilidade. No entanto, podemos concluir daqui, que necessariamente, não é aconselhável estudar num estado de cansaço.

Ericsson, Krampe e Tesch-Romer (1993, p. 371) citam Auer (1921) e CE Seashore (1938/1967), pesquisador pioneiro em psicologia da música, afirmando o seguinte:

Muitos estudantes ficam desgostosos com a música, porque não conseguem aprender com trabalho árduo. O comando para descansar é tão importante como para trabalhar na aprendizagem efetiva" (pp 154-155). Auer (1921), o famoso professor de violino, e C. E. Seashore (1938/1967) recomendaram que os períodos de prática fossem limitados a menos de 1 hora com um amplo descanso no meio. Uma pré-condição necessária para a prática, de acordo com Auer (1921), é que o indivíduo esteja totalmente atento ao seu estudo, para que ele perceba as áreas de potencial melhoria e evite erros. Auer (1921) acredita que a prática sem essa concentração é mesmo prejudicial para a melhoria do desempenho.

Olhando mais uma vez para a carga letiva acumulada que um aluno do ensino básico articulado tem, parece difícil, poder estabelecer um amplo descanso entre momentos de estudo, uma vez que o dia está ocupado com cargas horárias de 6 a 7 blocos de aulas. No entanto, a limitação dos períodos de estudo a uma hora, em função da observação dos alunos que apresentavam uma maior capacidade de estudo, faz sentido, na medida em que, o desgaste físico e mental para um estudante nessa faixa etária, pode vir a ser prejudicial, no desenvolvimento do estudo do violino, como já foi constatado.

Ainda há a referir que, o cansaço é decorrente não só pelo estudo do instrumento, mas também (e até maioritariamente), pela carga horária das restantes disciplinas durante o dia. Mais ainda, maior parte das aulas, são lecionadas da parte da tarde, em horário pós-escolar, agudizando o desgaste dos alunos em questão.

Colocar um sistema num livro, (...) é um empreendimento problemático porque nenhum trabalho impresso, pode substituir o relacionamento professor-aluno ao vivo. O melhor que um professor pode dar a um aluno é a abordagem individualizada e única, que é uma coisa muito pessoal para ser colocada no papel de qualquer maneira. (Menuhin, 1986, p.86).

4 – Conclusão (Secção II - Investigação)

Não deixando de refletir sobre a distância geracional dos dias de hoje relativamente a alguns autores aqui citados e os nossos alunos, parece claramente proveitoso, fazer uso de algumas reflexões que os mesmos usam, mesmo que, para isso seja necessária a natural adaptação à realidade quotidiana do aluno do Ensino Básico Articulado que, necessariamente apresenta uma rotina diária claramente diferente.

No entanto, no que toca aos efeitos benéficos da estruturação do estudo individual, a sua execução parece claramente aplicável aos dias de hoje, sendo possível constatar, mediante observação na Prática de Ensino Supervisionada, que o aluno que sabe o tempo que tem para estudar, como o repartir e como descansar, apresenta clara vantagem perante o que não o faz, ainda que possa gastar mais tempo de estudo.

Também foi possível verificar através do trabalho de investigação que, uma abordagem generalizada, ainda que necessária para efeitos de organização das aulas e disciplinas, carece de uma reflexão sobre a resposta individual do aluno à aula e ao próprio estudo, não havendo um processo único que possa ser aplicado de maneira geral. O conhecimento de professor e aluno aos tempos de resistência e concentração e conseqüente produtividade, torna-se essencial para o sucesso de ambos na aprendizagem do violino.

Indubitavelmente, a necessidade de sistematização para organização do estudo, torna-se uma necessidade; no entanto, também foi possível observar nas abordagens dos autores citados que, essa mesma sistematização não pode, de modo algum, comprometer a ideia de abordagem individualizada, sendo que as linhas orientadoras sobre o tempo de estudo e a forma como este é usado, são direções, ao invés de uma perspectiva dogmática generalizada.

Secção III - Acompanhamento dos alunos na Prática de Ensino Supervisionada

1 - Contextualização

No decorrer da execução da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, em articulação com a Academia de Música de Lagos e sua escola associada- Conservatório de Portimão, foi possível proceder à aplicação de metodologias sugeridas pelos autores citados, na otimização do tempo de estudo dos alunos.

A amostra sobre a qual o mestrando se debruçará, enquadrar-se-á na classe de violino que, abrange alunos do primeiro ao quinto grau. Assim sendo, existe, pelo menos um representante de cada grau em questão, no Ensino Básico Articulado de Música, população sobre a qual o mestrando se propõe debruçar.

O estudo elaborado é do conhecimento dos alunos e Encarregados de Educação, sendo consentido por ambos, na condição de não exposição da sua identidade.

Por esses motivos, ser-lhes-á atribuída uma nomenclatura neutra:

- Aluno 1 – Aluno de primeiro grau / quinto ano
- Aluno 2 – Aluno de segundo grau / sexto ano
- Aluno 3 – Aluno de terceiro grau / sétimo ano
- Aluno 4 – Aluno de quarto grau / oitavo ano
- Aluno 5 – Aluno de quinto grau / nono ano

Uma vez que, a aplicação de metodologia, careceu de pesquisa bibliográfica, a introdução do conhecimento adquirido no seguimento dessa mesma pesquisa, aplicou-se a partir do terceiro trimestre; os dois primeiros trimestres, foram aproveitados para recolher e analisar as propostas do professor da escola cooperante, no melhoramento das diferentes abordagens em contexto de aula.

No seguimento da observação do programa da disciplina foi apresentado o material didático proposto aos alunos, por parte do mestrando; no sentido de fazer face às exigências do grau em que se encontram, bem como as idiosincrasias de cada aluno, tentando articular do melhor modo estes dois fatores, com vista à obtenção de sucesso.

A aplicação da metodologia em questão, cingiu-se aos alunos alocados às aulas lecionadas por parte do mestrando, com orientação do professor cooperante no encaminhamento da abordagem do mestrando.

A observação de resultados será feita por meio de prova trimestral, cuja avaliação é feita pelo mestrando e pelo professor cooperante, sendo que, no terceiro trimestre, a prova global feita pelos alunos do Segundo e Quinto graus, requer a presença de um terceiro elemento para o júri de prova, de acordo com as normas estabelecidas na escola cooperante.

Na elaboração da metodologia em questão, foi acordado entre o mestrando (professor), aluno e encarregado de educação um tempo de estudo semanal, após análise dos horários que este apresentava, com uma organização definida do estudo para cada exercício/peça solicitada.

2 – Desenvolvimento de estratégias

Após a pesquisa bibliográfica, através da análise de diversos pontos de vista, relativamente à prática do instrumento, o mestrando irá aplicar uma metodologia que lhe parece adequada às variáveis de contexto e idiosincrasias de cada aluno.

Mas o que eu quis sugerir aqui é que os grandes artistas são excepcionais. Cada um tem suas peculiaridades, e não se deve tentar imitar qualquer um deles cegamente. Em vez disso, deve-se tentar captar o reflexo de seu gênio (...) readaptando às suas próprias necessidades individuais. (Auer, 1921, p. 38)

Esta constatação tem ainda mais valor quando falamos em realidades muito distintas, no tempo e no espaço; o que leva o mestrando a ser cauteloso na aplicação de qualquer metodologia. Para tal, a investigação e reflexão sobre o contexto em que estes alunos se inserem, foi determinante.

É de salientar que o trabalho em questão se prende com uma variável que na sua génese, não é verificável pelo professor: o estudo individual do aluno. Assim, o trabalho em questão, prende-se com a confiança e compromisso que existem entre professor e aluno, pelo que só são suscetíveis de análise, os resultados obtidos pelos alunos nas provas trimestrais de instrumento.

O autor que sugere uma divisão específica em função do tempo disponível é Gruenberg. Quando Gruenberg (1965), faz a aplicação da divisão do tempo de estudo, tem em conta um conjunto de exercícios que, não estão considerados no programa em que se trabalha na escola cooperante em questão, para os graus dos alunos em estudos, como por exemplo exercícios de terceiras. Deste modo, a divisão do tempo ocupado com exercícios que não se encontram no programa, será de acordo com a proporção entre os outros apresentados.

("A" pela manhã; - "B" – pela Tarde)	
(I) Uma Hora	
A.	
Exercícios de Mão esquerda	10 minutos
Vibrato e Dinâmicas	5 minutos
Estudos	15 minutos
B.	
Escalas e arpejos	10 minutos
Cordas dobradas	5 minutos
Peças	15 minutos

Tabela 19 – Divisão de uma hora de estudo em diversos exercícios. Gruenberg (1965 p. 129)

Reparamos que a sugestão do autor inclui vibrato, dinâmicas e exercícios de mão esquerda e cordas dobradas. Nos primeiros graus, esses exercícios não estão incorporados no programa da disciplina na escola cooperante em questão. No entanto, estudos e peças, estão e, na visão do autor, cada uma deve ocupar um quarto do total do tempo de estudo. Assim, teríamos meia hora para as escalas e trabalho técnico e 15 minutos para o estudo e para o andamento de concerto ou peças que o aluno iria estudar.

Normalmente, e pela experiência adquirida nos últimos cinco anos na escola cooperante em questão, foi possível verificar que, o tempo que os alunos necessitam para fazer um andamento de concerto (ou duas peças, como se apresenta no programa), é significativamente maior do que apenas para um estudo, ou até para as escalas.

Compreendendo a ideia do autor, no sentido de construção de uma técnica o mais perfeita possível, pareceu-me plausível ceder cinco minutos de tempo das escalas para o tempo de estudo das peças, no planejamento do estudo dos meus alunos. Ainda assim, a maior parte do tempo de estudo continuaria alocada às escalas, estando nestas alocado o trabalho técnico de mão esquerda e mão direita.

No entanto, o conceito de ter um tempo de estudo pré-definido para uma parte técnica e outra mais musical, parece pertinente, sendo esta uma ajuda na produtividade do aluno.

3 – Perfil dos alunos e aplicação de estratégias

3.1 - Aluno 1 – Primeiro grau

O aluno 1 encontra-se no quinto ano de escolaridade na escola Dom Martinho Castelo Branco, em Portimão e frequenta o primeiro grau de violino. Tem dez anos de idade e frequentou iniciação com um professor que já não se encontra na escola cooperante em questão.

Foi sugerido pelo mestrando, a troca do violino (4/4), por um violino 3/4, com vista ao melhoramento da postura, almejando consequentes progressos nos mais diversos aspetos técnicos subsequentes.

Apresenta muito boa capacidade de leitura. No entanto, revela também, lacunas técnicas ao nível de ambas as mãos:

Regra geral a postura tem vindo a ser trabalhada, assim como a resistência, no sentido de resolver problemas técnicos de mão esquerda e direita.

A aplicação da metodologia é feita no terceiro trimestre, no sentido de poder comparar o desenvolvimento técnico do aluno.

3.º Trimestre 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Sexta - Feira	Abril: 21, 28/ maio: 5, 12, 19, 26/ junho: 2, 9, 16	9 aulas
Prova trimestral 3.º Trimestre		26 de maio

Tabela 20 – Datas de aulas e prova do aluno 1

Terceiro Trimestre	
Escalas	Escalas e respetivos arpejos: Dó maior, Lá menor Melódica e Harmónica (uma oitava).
Estudos	Franz Wohlfahrt – 60 estudos para Violino Op. 45: estudo 3.
Peças	Ferdinand Kuchler – Concerto para Violino Op 11: terceiro andamento.

Tabela 21 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 1.

Considerações sobre o material didático escolhido:

A escolha de um Concerto para este aluno de primeiro grau, prendeu-se com o fato deste ter revelado que já teria estudado uma quantidade significativa de material didático e apresentar relativa facilidade de leitura. Assim, para o motivar, foi-lhe dado este concerto,

ainda que com a ressalva de que tecnicamente haveria alguns aspetos técnicos a ser resolvidos *à priori* para a conclusão com sucesso da prova.

Tempo de estudo acordado	1 hora em 4 dias
Exercícios técnicos nos quais se incorporam as escalas (Schradieck, Sevchick e Varga)	25 minutos
Estudo	15 minutos
Peça	20 minutos

Tabela 22 – Tempo de estudo acordado com o aluno 1

Data da aula	Repertório
21 de abril	<p>Escalas – dificuldade em executar os meios-tons entre o primeiro e segundo dedo assim como o meio-tom entre corda solta e pestana. (Lá Menor Harmónica e melódica)</p> <p>Estudo – dificuldade em colocar o quarto dedo, decorrente da forma da mão esquerda (Primeiras duas pautas)</p> <p>Peça – Grande facilidade de leitura, sendo que as questões técnicas anteriores se aplicam a esta, nomeadamente ao nível da afinação e sonoridade. (Tema inicial)</p>
28 de abril	<p>Escalas – Claro esforço para mudar a forma da mão esquerda. Ainda apresenta dúvidas em algumas notas das escalas solicitadas.</p> <p>Estudo – O aluno muda a forma da mão esquerda para chegar ao quarto dedo mas ainda não consegue estabilizar uma forma única para os quatro dedos. Na aula avançou mais duas pautas na leitura.</p> <p>Peça – Melhoria ao nível da afinação. O aluno avançou na leitura da peça até à reexposição.</p>
5 de maio	<p>Escalas – O aluno esclareceu as dúvidas relativamente às escalas menores e começou com a escala maior. É possível verificar uma maior estabilização da mão cuja palma, já não segura o violino. Apresenta no entanto alguma tensão no polegar.</p> <p>Estudo – Apresenta o estudo até ao fim, ainda que, no decorrer do</p>

	mesmo, venha apresentando alguns vícios antigos. Peça – Ainda não apresenta a secção final, mas tem significativa melhoria no som.
12 de maio	Escalas – Apresenta as três escalas. Melhoria na execução dos meios-tonos entre o primeiro e o segundo dedo, assim como a colocação do primeiro dedo junto à pestana. Estudo – Apresenta do princípio ao fim. Melhoria na forma da mão como um todo. Peça – Já concluiu a leitura da peça.
19 de maio (aula antes da prova)	O aluno executa o material que vai apresentar na prova pela primeira vez sem interrupção. Ao nível da mão esquerda teve significativa melhora, nomeadamente na forma. A palma da mão embora não completamente correta, já permite um maior relaxamento aos dedos, que já funcionam como um bloco e se apresentam regra geral, perto da corda.

Tabela 23 - Aula do Terceiro Trimestre - Aluno 1

3.2 - Aluno 2 – Segundo grau

O aluno 2 frequenta o sexto ano de escolaridade na Escola das Naus, em Lagos e o primeiro grau de violino. Tem doze anos de idade e encontra-se em situação de desfasamento (primeiro grau – sexto ano); terá de acumular primeiro e segundo graus no ano letivo em questão.

É de destacar, a sua presença no quadro de honra da sua escola, no ano transato, situação que haveria de repetir no final do ano letivo em questão, já no sistema de ensino articulado.

É muito trabalhador, e demonstra espírito de sacrifício, apesar de ser perceptível que, a qualidade do seu estudo nem sempre faz jus ao considerável tempo que a ele despende.

3.º Trimestre 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Quarta – Feira	Abril: 19, 26/ maio: 3, 10, 17, 24, 31/ junho: 7, 14	6 aulas
Prova trimestral 3.º Trimestre		26 de maio

Tabela 24 – Datas de aulas e prova do aluno 2

Terceiro Trimestre	
Escalas	Escalas e respectivos arpejos: Si bemol maior, Sol menor melódica e sol menor melódica (duas oitavas).
Estudos	Henrich Kayser – 36 Estudos para Violino Op 15:estudo 1
Peças	Oskar. Rieding – Concerto para Violino Op 35:primeiro andamento.

Tabela 25 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 2.

Considerações sobre o material didático escolhido:

Sendo este, um aluno que entra diretamente no segundo grau, sem qualquer contacto prévio com o instrumento, a abordagem ao segundo grau teve que iniciar com o material didático do primeiro. A resposta do aluno em questão, foi tão boa que, no sentido de potencializar a capacidade de execução de material mais longo e denso correspondente ao grau em que deveria estar, o mestrando optou por deixar o aluno prosseguir com as peças do método em questão, sendo que se escolheriam duas para a prova do primeiro trimestre.

No segundo trimestre, já se apresenta com material didático correspondente ao grau em questão.

Tempo de estudo acordado	1 hora em 4 dias
Exercício técnicos nos quais se incorporam as escalas (Schradiack, Sevchick e Varga)	25 minutos
Estudo	15 minutos
Peça	20 minutos

Tabela 26 – Tempo de estudo acordado com o aluno 2.

Data da aula	Repertório
21 de abril	<p>Escalas – No seguimento do trabalho elaborado nas férias da Páscoa, o aluno já apresenta as três escalas, ainda de forma lenta mas estruturada. Apresenta algumas dificuldades.</p> <p>Estudo – A primeira metade do estudo está lida, de acordo com o objetivo traçado pelo professor. Apresenta algumas notas erradas, e ainda deve melhorar a sonoridade.</p> <p>Concerto – Tem a primeira metade do concerto lido. Deve melhorar</p>

	algumas questões de afinação, e de sonoridade. Ainda falta segurança na metade inferior do arco.
28 de abril	<p>Escalas – Já apresenta as três escalas corretas ainda que lentamente.</p> <p>Estudo – Corrigiu as notas erradas, e avançou duas pautas. Tem algumas notas a ser corrigidas mas a evolução é positiva.</p> <p>Concerto – Leu o concerto até à secção final, que ainda não está adquirida.</p>
5 de maio	<p>Escalas – Apresenta as escalas, com tempo moderado e com o ritmo pedido na sebeta de Violino, isto é com semínima na tónica e colcheias nas restantes notas.</p> <p>Estudo – Está lido até ao fim com alguns erros acidentais, sendo que reparou e corrigiu à medida que estes aconteciam. Ainda está lento.</p> <p>Concerto – Concluiu a leitura do concerto, com insistência na secção final. Por sugestão do professor, deve aproveitar o tempo alocado ao concerto começando por essa mesma secção.</p>
12 de maio	<p>Escalas – Já se encontram de acordo com os objetivos.</p> <p>Estudo – Apresentado de princípio ao fim com o tempo pedido.</p> <p>Concerto – Revela desgaste físico e mental da segunda metade para a frente, que coincide com o final da execução integral da prova. Foi-lhe sugerido que alterasse a ordem de execução, iniciando com o concerto.</p>
19 de maio (aula antes da prova)	<p>Apresentou o material a ser executado na prova, de princípio ao fim.</p> <p>Não apresenta dúvidas estruturais, no entanto, carece de algumas verificações ao nível de som e da afinação, não sendo estas gerais, mas locais.</p>

Tabela 27 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 2.

3.3 - Aluno 3 – Terceiro grau

O aluno 3 frequenta o oitavo ano de escolaridade na escola Tecnópolis, em Lagos e o terceiro grau de violino. Tem doze anos de idade. Frequentou iniciação, em anos transatos com um professor que já não se encontra na escola cooperante. Apresenta um grau de agitação na aula acima do vulgar. No entanto, é esforçado e determinado, ainda que algo desconcentrado.

As primeiras abordagens levaram o mestrando a considerar como principal objetivo, estabilizar o aluno na rotina da aula, numa primeira abordagem, para que posteriormente, o possa no seu estudo individual.

3.º Trimestre 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Quarta – Feira	Abril: 19, 26/ maio: 3, 10, 17, 24, 31/ junho: 7, 14	6 aulas
Prova trimestral 3.º Trimestre		26 de maio

Tabela 28 – Datas de aulas e prova do aluno 3

Terceiro Trimestre	
Escalas	Escalas e respetivos arpejos em duas oitavas: Fá Maior (Segunda e quinta posição); Lá Maior (com subida à quarta posição); Ré menor melódica (com subida à terceira posição)
Estudos	Henrich Kayser – 36 Estudos para Violino Op. 15: Estudo 13
Peças	Ferdinand Kuchler – Concerto para Violino Op. 11: primeiro andamento.

Tabela 29 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 3.

Considerações sobre o material didático escolhido:

O mestrando optou por sugerir ao aluno, um andamento de concerto na primeira posição, para que pudesse conhecer as suas mais-valias/lacunas técnicas, num material didático em que este pudesse estar à vontade, seguindo o mesmo critério para o estudo escolhido.

Uma vez conseguida a estabilização emocional do aluno, que demonstrou clara melhoria no decorrer do primeiro trimestre, o mestrando optou por sugerir material didático em que existissem mudanças de posição.

A opção de iniciar com um terceiro andamento antes do primeiro, no mesmo concerto, remete para o critério de elaboração de material com crescente complexidade, sendo que, o primeiro andamento, se apresenta mais difícil que o terceiro.

Tempo de estudo acordado	1 hora em 3 dias
Exercícios técnicos nos quais se	25 minutos

incorporam as escalas (Schradiack, Sevchick e Varga)	
Estudo	15 minutos
Peça	20 minutos

Tabela 30 – Tempo de estudo acordado com o aluno 3.

Data da aula	Repertório
21 de abril	<p>Escalas – No terceiro grau, ao nível programático é dado um novo desafio que é a mudança à terceira e quinta posições. Ao longo das aulas precedentes o aluno tem vindo a trabalhar no sentido de melhorar tecnicamente, mas ainda tem que controlar o momento da mudança, assim como o distanciamento dos dedos na terceira posição, para o melhor controlo da afinação.</p> <p>Estudo – O aluno apresenta facilidade de leitura tendo executado a exposição sem dificuldade.</p> <p>Peça – o aluno consegue executar a exposição, composta pelas primeiras duas pautas, ainda apresentando algumas dificuldades na secção final onde existe mudança de posição.</p>
28 de abril	<p>Escalas – o aluno apresenta-se melhor na execução das escalas, nomeadamente no executar da nova posição,</p> <p>Estudo – deu-se a esperada evolução na progressão da leitura, assim como correção de notas erradas até ao momento. O aluno passa pela mudança de posição e apresenta alguma ansiedade na passagem. Por sugestão do professor, o tempo alocado ao estudo será focado na passagem difícil, ao invés de executar uma leitura completa.</p> <p>Peça – O aluno avançou na peça até reexposição do tema. Até ao ponto em que se encontra, já se verifica preocupação em executar as dinâmicas e articulação.</p>
5 de maio	<p>Escalas – à exceção da escala de Fá maior, as escalas estão apresentadas de acordo com os critérios de avaliação estabelecidos. Foi sugerido que dedicasse maior parte do tempo alocado a esta escala em particular.</p> <p>Estudo – apesar de apresentar alguma dificuldade na distribuição de arco, na secção final, assim como na execução do acorde, o aluno já lê</p>

	<p>todo o estudo.</p> <p>Peça – O aluno já avançou até ao fim do concerto. Tem dificuldades na secção em que o tema é reexposto na Dominante, assim como na passagem seguinte, que precede a reexposição do tema. Por sugestão do professor, deve dedicar maior parte do tempo alocado à peça nessa secção.</p>
12 de maio	<p>Escala – A escala de Fá maior, está melhor, ainda com alguns problemas na quinta posição. Teve um ligeiro retrocesso nas restantes escalas, que foi recuperado em tempo de aula.</p> <p>Estudo – Melhorou significativamente na distribuição de arco. Para executar o acorde final, o aluno ainda precisa de mais tempo de pausa do que o que está escrito no estudo.</p> <p>Peça – A secção problemática está resolvida. O aluno decorou o tema da peça, que é exposto três vezes; e apresenta-se confiante.</p>
19 de maio (aula antes da prova)	<p>Apresentou todo o material a ser executado na prova, até ao fim. Um pouco inseguro na escala de Fá, mas sem motivo aparente. O estudo e a peça, apresentaram alguns erros momentâneos. Mas estão significativamente melhores.</p>

Tabela 31 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 3.

3.4 - Aluno 4 – Quarto Grau

O aluno 4 frequenta oitavo ano na Escola das Naus, em Lagos e o quarto grau de violino. Tem treze anos de idade. Método, esforço e ambição, são algumas das características que se destacam no aluno em questão. Em momentos de audição ou avaliação, por vezes acusa o peso da própria exigência, que se traduz em alguma ansiedade, que a passos se tem demonstrado adversa à demonstração das suas reais possibilidades. Pertence com regularidade aos quadros de honra na escola em que se encontra.

3.º Trimestre 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Quarta – Feira	Abril: 19, 26/ maio: 3, 10, 17, 24, 31/ junho: 7, 14	6 aulas
Prova trimestral - 3.º Trimestre		26 de maio

Tabela 32 – Datas de aulas e prova do aluno 4.

Terceiro Trimestre	
Escalas	Escalas e respetivos arpejos em duas oitavas: Sol maior (mudança à terceira Posição); Mi menor (harmónica e melódica), com mudança à quarta posição.
Estudos	António Vivaldi – Concerto em Lá menor, RV 356: Segundo andamento.
Peças	Henrich Kayser – 36 Estudos para Violino Op. 15: Estudo 19

Tabela 33 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 4.

Considerações sobre o material didático escolhido:

O aluno apresenta um comportamento exemplar e uma capacidade de compromisso acima do habitual. É regular no cumprimento do material didático exigido nas provas em questão.

Tempo de estudo acordado*	1 hora e 30 minutos em 3 dias
Exercícios técnicos nos quais se incorporam as escalas (Schradieck, Sevchick e Varga)	20
Estudo	10
Peça	15

Tabela 34 – Tempo de estudo acordado com o aluno 4.

Data da aula	Repertório
21 de abril	<p>Escalas – O aluno apresenta as escalas, de forma lenta e com alguns problemas no momento da mudança de posição. A mão esquerda encontra-se ligeiramente inclinada o que faz com que o aluno tenha a afinação um pouco baixa. No entanto, é esclarecido no que toca à parte teórica das escalas, apresentando-as todas.</p> <p>Estudo – Apresenta alguma tensão no pulso, fazendo as semicolcheias com todo o antebraço. Nesta aula executou as primeiras três pautas.</p> <p>Peça – Leu grande parte do concerto, mas precisa de verificar a articulação. Por sugestão do professor, deve focar-se em estudar uma</p>

	secção mais pequena, beneficiando um melhor desenvolvimento técnico.
28 de abril	<p>Escalas – Nota-se claro esforço do aluno em melhorar os aspetos técnicos. A escala de Sol é apresentada sem problemas com o ritmo pedido. As escalas de Mi menor, ainda precisam de ser trabalhadas, no momento da subida à quarta posição assim como no distanciamento dos dedos.</p> <p>Estudo – Já consegue apresentar uma pequena secção sem tensão no pulso direito. No entanto ainda não tem o processo sistematizado ao pondo de o poder fazer durante todo o estudo. Por sugestão do professor, deve executar exercícios de Sevcik, como complemento, no tempo alocado às escalas.</p> <p>Peça – Melhoria na articulação e na afinação. Deverá aplicar o método de estudo até ao fim do andamento.</p>
5 de maio	<p>Escalas – Resolveu as questões técnicas nas escalas de mi menor harmónica e melódica.</p> <p>Estudo – Apresenta-se com o pulso relaxado durante mais tempo, mas ainda acaba por ficar tenso. Algumas questões nas passagens com mudança de posição devem ser revistas. Deve dedicar a maior parte do tempo alocado ao estudo nessas secções.</p> <p>Peça – Ainda falta dominar a passagem final em semicolcheias. No entanto, de um ponto de vista técnico o aluno apresenta significativas melhoras. O tempo investido no trabalho técnico levou a um pequeno atraso na leitura da obra que se espera colmatado na próxima aula.</p>
12 de maio	<p>Escalas – Apresenta as três escalas com o ritmo pedido. Está no bom caminho a resolver as questões técnicas de mão esquerda.</p> <p>Estudo – O aluno estudou de forma inteligente, insistindo nas secções que se apresentavam problemáticas, resolvendo-as da última aula para esta. Tecnicamente está melhor, ao nível do relaxamento do pulso da mão direita e da forma da mão esquerda.</p> <p>Peça – Está lida até ao fim. Deve insistir em dois tipos de situações: Mudança de posição e passagens em semicolcheias. No entanto é inteligente conseguindo olhar de uma forma sistemática para processos que se repetem, nestes casos.</p>
19 de maio	O aluno melhorou significativamente nos aspetos propostos. Por

(aula antes da prova)	momentos, a divisão do trabalho a que foi proposta, pareceu fazer com que o trabalho da peça ficasse um pouco atrasado, mas a melhoria técnica que daí adveio, foi significativamente compensadora.
------------------------------	---

Tabela 35 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 4.

3.5 - Aluno 5 – Quinto Grau

O aluno 5 frequenta o nono ano escola das Naus, em Lagos, e o quinto grau de violino. Tem catorze anos de idade. Apresenta dificuldades técnicas que, já não seriam expectáveis no grau em questão, assim como alguma apatia na resposta às solicitações do professor na aula. Também apresenta uma falta de pró-atividade, que já não seria expectável num aluno neste nível de ensino. No entanto é respeitador e esforçado no decorrer da aula.

3.º Trimestre 19/4 – 16/06 ou 19/4 a 6/6 (para 9º ano)		
Quarta – Feira	Abril: 19, 26/ maio: 3, 10, 17, 24, 31/ junho: 7, 14	6 aulas
Prova trimestral - 3.º Trimestre		26 de maio

Tabela 36 – Datas de aulas e prova do aluno 5.

Terceiro Trimestre	
Escalas	Escalas e respetivos arpejos em três oitavas: Sol menor (harmónica e melódica) e Lá Maior
Estudos	Henrich Kayser – 36 Estudos para Violino Op. 15: estudo 26
Peças	António Vivaldi – Concerto em Lá menor, RV 356: segundo andamento.

Tabela 37 – Material didático do terceiro trimestre – aluno 5.

Considerações sobre o material didático escolhido:

O aluno apresenta consideráveis dificuldades técnicas e de leitura. O material didático escolhido por parte do mestrando para este aluno, teve em consideração as dificuldades do aluno, assim como a possibilidade de repetição na prova global; possibilidade essa que foi explorada no limite das suas possibilidades, para que no terceiro trimestre o aluno pudesse rever material já elaborado, melhorando a sua condição técnica, com as dificuldades iniciais de leitura ultrapassadas.

Tempo de estudo acordado	1 hora e 30 minutos em 2 dias
Exercícios técnicos nos quais se incorporam as escalas (Schradieck, Sevchick e Varga)	20
Estudo	10
Peça	15

Tabela 38 – Tempo de estudo acordado com o aluno 5.

Data da aula	Repertório
21 de abril	<p>Escalas – O aluno ainda apresenta dificuldades na distinção das escalas menores harmônica e melódica, sendo que nesta aula, optou-se por tocar apenas em duas oitavas, deixando a terceira para a aula posterior.</p> <p>Estudo – Uma vez que o exame permite a repetição de um estudo, foi relido o estudo do primeiro trimestre. Direcionou-se o tempo disponível para os momentos de maior dificuldade - mudanças de posição e acordes.</p> <p>Concerto – trata-se de um andamento de concerto lento, para que o aluno conseguisse ter possibilidades de dominar tecnicamente a performance. Nesta aula teve-se especial atenção à forma dos dedos na terceira posição, assim como na obtenção de um som consistente através do trabalho de mão direita, auxiliado por exercícios de Sevcik..</p>
28 de abril	<p>Escalas – optou-se por abordar a terceira oitava na escala maior, uma vez que o aluno apresentou corretamente as escalas em duas oitavas. Não se avançou para a terceira oitava nas escalas menores no sentido de o aluno poder dar atenção à técnica, numa escala que esteja dominada.</p> <p>Estudo – Deu-se especial atenção aos momentos em que na terceira posição existem extensões inferiores e superiores, no sentido de fazer com que o aluno entenda o conceito de extensão e de se localizar na terceira posição quando tal elemento técnico é requerido.</p> <p>Peça – Insistiu-se na passagem com fusas no sentido de fazer com que o aluno entenda a forma do conjunto dos quatro dedos, tocando assim com a mão em bloco e não dedo a dedo.</p>
5 de maio	<p>Escalas – Uma vez que as mudanças de posição (Sol Maior e Sol menor)</p>

	<p>ocorrem nos mesmos momentos, nas escalas maior e menores, nesta aula investiu-se no domínio das escalas menores, resolvendo assim qualquer dúvida que houvesse, no momento da subida à sexta posição.</p> <p>Estudo – verificou-se que o aluno insistiu nas passagens de maior dificuldade, tendo algum progresso, sendo que as lacunas técnicas ainda representam um entrave a algum desenvolvimento, nomeadamente na elaboração dos acordes.</p> <p>Peça – o aluno apresenta significativa melhora na sistematização da colocação dos dedos da mão esquerda, mostrando clara evolução na execução da passagem em fusas. Foi visto o concerto até ao fim, com especial atenção no trilo que ocorre na cadência final.</p>
12 de maio	<p>Escalas – O aluno apresenta as três escalas. Nota-se que empiricamente, já entende a forma dos dedos para cada escala, no entanto, a mão esquerda ainda se apresenta tensa.</p> <p>Estudo – O aluno também apresenta todo o estudo, com alguns enganos nos momentos de previsível dificuldade. O entanto, mostra-se hábil para os corrigir sozinho.</p> <p>Peça – O aluno tocou o andamento de concerto completo. Não podendo deixar de ver notável fragilidade técnica, é de salutar o esforço por levar a sua execução a bom porto sendo que, já ultrapassou grande parte das suas dificuldades.</p>
19 de maio (aula antes da prova)	<p>O aluno apresenta o material a tocar na prova de princípio ao fim. Nas escalas, não falhando no distanciamento entre os dedos, ficou com a afinação um pouco alta a partir da terceira posição – assunto que foi corrigido na aula. O estudo foi tocado todo, com alguns enganos locais, mas corrigidos pelo próprio. O concerto também foi tocado de princípio ao fim, sendo que as notas e o ritmo parecem estar adquiridos. Variáveis como as dinâmicas, e a articulação deveriam começar a ser trabalhadas agora. No entanto a evolução é muito positiva.</p>

Tabela 39 – Aulas do terceiro trimestre – Aluno 5.

4 – Apresentação/ Análise de resultados

Aluno 1

(Avaliação 1 a 5 valores)	
Primeiro Trimestre	4
Segundo Trimestre	5
Terceiro Trimestre	5

Tabela 40 – Avaliação do aluno 1

Sendo a frequência na iniciação, à partida, um elemento de vantagem para qualquer aluno que entre no primeiro grau, mesmo mudando de professor, pode também ser difícil, a adaptação à abordagem técnica do novo professor.

Às vantagens que advém da iniciação, nomeadamente leitura e contacto prévio com o instrumento, poderá contrapor-se uma maior dificuldade na construção de uma nova técnica.

Nesse sentido, o aluno foi cumpridor, mas ainda carecia de uma adaptação à metodologia presente.

A aplicação da divisão do tempo de estudo, revelou-se essencial, na construção dessa mesma técnica podendo o aluno já no segundo Trimestre disfrutar do que de bom o contacto prévio com o instrumento lhe deu, merecendo assim a avaliação que lhe foi atribuída.

Aluno 2

(Avaliação 1 a 5 valores)	
Primeiro Trimestre	5
Segundo Trimestre	5
Terceiro Trimestre (Prova Global)	5

Tabela 41 – Avaliação do aluno 2.

O aluno em questão, revelou sempre uma capacidade de trabalho acima da média. Mesmo com a prova de acumulação que fez de primeiro e segundo grau, concluiu com sucesso a disciplina de Instrumento no ano em questão.

A aplicação da metodologia, não se manifestando em mudança de nota, uma vez que sempre foi máxima, teve, do ponto de vista do mestrando, melhorias notáveis do ponto de vista emocional. Isto é, o aluno que, se apresentava ansioso em momentos da prova, apresentou-se mais regular na apresentação dos diferentes exercícios e peças.

Aluno 3

(Avaliação 1 a 5 valores)	
Primeiro Trimestre	4
Segundo Trimestre	4
Terceiro Trimestre	5

Tabela 42 – Avaliação do aluno 3.

No caso do aluno em questão, a metodologia de divisão do trabalho teve um efeito muito produtivo, na medida em que a dinâmica da aula, um pouco entrópica, devido a uma personalidade mais agitada do aluno em questão, estabilizou. Não sendo visível no imediato, isto é, no segundo Trimestre, veio a revelar-se no terceiro, merecendo, claramente, a respetiva subida de nota.

Aluno 4

(Avaliação 1 a 5 valores)	
Primeiro Trimestre	5
Segundo Trimestre	5
Terceiro Trimestre	5

Tabela 43– Avaliação do aluno 4.

À semelhança do aluno 2, este aluno sempre foi muito cumpridor. A divisão do trabalho, em secções apresentou claro resultado na homogeneização do nível a que apresentava os diferentes exercícios, manifestando claras melhorias de performance tanto a nível técnico como emocional quer em ambiente de prova ou nas apresentações públicas.

Aluno 5

(Avaliação 1 a 5 valores)	
Primeiro Trimestre	3
Segundo Trimestre	3
Terceiro Trimestre (Prova Global)	4

Tabela 44 – Avaliação do aluno 5.

De todos os alunos, este teve, claramente, o resultado mais surpreendente. Não seria de todo expectável que, viesse a subir de nota na prova global, uma vez que sempre apresentou dificuldades. No entanto, a sistematização do tempo de estudo que, numa primeira abordagem não parecia surtir efeito, assim como a possibilidade de repetir algum do material didático que fez durante o ano em questão (prevista no programa da disciplina), trouxeram uma motivação ao aluno que permitiu que este, ainda que com algumas dificuldades técnicas obtivesse um resultado na prova global que excedeu as expectativas.

5 – Conclusão /discussão dos resultados obtidos

Em primeiro lugar, é de salientar que, o tempo de estudo é apenas um, de muitos fatores a ter em conta no desenvolvimento técnico e artístico de um aluno. A aplicação de uma metodologia como a apresentada, tem como objetivo melhorar o estudo individual do aluno de violino no Ensino Básico Articulado da Música, sendo esta direcionada para os momentos em que o aluno se encontra sem a supervisão do professor.

É então de salientar, que não sendo fácil verificar o tempo efetivo de estudo que o aluno produz fora do contexto de aula, este assenta num compromisso entre partes para o seu cumprimento.

Por outro lado, com a aplicação do método em questão, a aula de instrumento ficou muito mais direcionada para a resolução de questões consequentes da prática do aluno, pelo que, em contexto de aula, se chegou à conclusão que não é, de todo vantajoso, estabelecer uma distribuição horária semelhante.

Ainda que nos possamos questionar se a mera criação de um compromisso com o tempo de estudo *per si* traria vantagem na produtividade do aluno, podemos ainda assim concluir, que a divisão do tempo aplicada a objetivos específicos, aumenta a produtividade

dos alunos, assim como o aproveitamento do tempo que têm, concretizando-se em melhoria efetiva de resultados.

Conclusão Final

Este trabalho acadêmico visou responder à problemática da organização do tempo de estudo individual dos alunos de violino do Ensino Básico Especializado da Música. Nesse sentido, foi orientado para o conhecimento da realidade de ensino-aprendizagem do grupo de alunos em questão, debruçando-se *à priori*, no conhecimento da ocupação do tempo dos alunos em aulas, assim como na diversidade de matérias às quais este tempo se encontra alocado.

No seguimento dessa abordagem, refletiu-se sobre quais os objetivos esperados da parte da disciplina de violino para os diferentes graus em questão, e em quanto tempo se propõe aos alunos, o cumprimento dos mesmos, tendo como referência a execução das provas trimestrais.

Através da pesquisa bibliográfica, a investigação foi direcionada na aquisição de conhecimento sobre a matéria em questão, assim como reflexão e adaptação à realidade à qual os alunos se encontram na presente data.

No decorrer da PES foi possível elaborar uma sugestão de estruturação de estudo aos alunos, que mais uma vez se reitera, pois é considerável sublinhar; se baseou num acordo de tempo e divisão de estudo em casa, o qual o professor não tem como visualizar.

Quanto aos resultados, propriamente ditos, podemos verificar que, a tendência foi claramente positiva, isto é, nenhum aluno piorou as suas classificações, e alguns melhoraram: Ora, sendo este um facto assinalável, também é de notar que, com base na experiência do mestrando, nos últimos anos, na escola em questão, a tendência do início até ao fim do ano letivo, é normalmente de um melhoramento da performance e conseqüente classificação.

No decorrer das aulas de violino, sendo as variáveis internas, no processo de ensino-aprendizagem, determinantes na produtividade e no sucesso do aluno; o conhecimento por parte do professor, das variáveis externas e conseqüente ação em função destas, pode marcar a diferença no sucesso como docente da disciplina, no equilíbrio entre a exigência e a tolerância, que só pode ser adquirido com um profundo conhecimento da realidade abrangente a todo o universo do aluno.

Referências Bibliográficas

Livros e Artigos

Auer L. (1921). *Violin Playing as I teach it*. New York: Frederick A. Stokes Company, 1921.

Dalton D. (1988). *Playing The Viola – Conversations with William Primrose*. New York: Oxford University Press.

Erikson K. & Tesch, R. (1993). *The Role of Deliberate Practice in the Acquisition of Expert Performance*.

Galamian, I. (1962). *Principles of Violin Playing and Teaching*. New Jersey: Prentice- Hall, Inc. Englewood Cliffs ed.

Gonçalves, A. (2016). *Academia de música de Lagos – 30 anos de história*. Lagos, Academia de Música de Lagos.

Gruenberg, E. (1919). *Violin Teaching and Violin Study: Rules and Hints for Teachers and Students*. New York: Carl Fischer.

Havas, K. (1961). *A New Approach to Violin Playing*. London: Bosworth & CO., LTD.

Menuhin, Y. (1992). *A Lição do Mestre*. Gradiva. Lisboa: Gradiva 1991.

Ribeiro A. (2013). *O Ensino da Música em Regime Articulado*. Projeto de Investigação-Ação no Conservatório do Vale do Sousa.

(2014) Programa da disciplina de Violino – Academia de Música de Lagos.

(2014) Sebenta de Violino – Academia de Música de Lagos.

(2016) Plano de Atividades – Academia de Música de Lagos.

(2016). Projeto Educativo de Escola – Academia de Música de Lagos 2016-2018. Lagos.

(2017). Projeto Educativo de Escola – Conservatório de Música de Portimão 2017-2019. Portimão.

Referências da Internet

Academia de música de Lagos (2016). *Projeto educativo*. Acedido em Jun. 26, 2017, em <http://www.academiamusicalagos.pt/233-instituicao/16-plano-de-actividades>

Legislação

Decreto-Lei n.º 139/2012 de 5 de julho. Diário da República, n.º 129/2012 - I Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa

Portaria n.º 225/2012 de 30 de julho. Diário da República, n.º 146/2012 - I Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa

Despacho n.º 18041/2008 de 4 de julho. Diário da República, n.º 128/2008 II Série. Secretário de Estado da Educação, Valter Vitorino Lemos. Lisboa

Despacho n.º 8294-A/2016 de 24 de junho. Diário da República, n.º 120/2016 - II Série. Gabinetes da Secretária de Estado Adjunta e da Educação e do Secretariado de Estado da Educação. Lisboa.

Portaria n.º 59/2014 de 7 de março. Diário da República, n.º 47/2014 – I Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Anexos

ANEXO I – Diário da República, 2.º série – N.º 128 – 4 de julho de 2008 - Anexo I

Correspondência entre o ano de escolaridade do ensino básico e secundário e o ano/graú dos cursos especializados de música

	Ensino Básico					Ensino Secundário		
	2º ciclo		3º ciclo					
Ano	5º	6º	7º	8º	9º	10º	11º	12º
Ano/graú	1º	2º	3º	4º	5º	6º	7º	8º

ANEXO II - Diário da República, 1.º série – N.º 129 – 5 de julho de 2012 - Anexo II

(a que se referem os artigos 2.º e 8.º)

Ensino Básico 2º Ciclo

Componentes do Currículo	Carga horária semanal ^(a)		
	5º ano	6.º ano	Total do ciclo
Área disciplinares:			
Línguas e estudos sociais	500 ^(b)	500 ^(b)	1000
Português			
Inglês			
História e Geografia de Portugal			
Matemática e ciências.....	350 ^(c)	350 ^(c)	700
Matemática			
Ciências Naturais			
Educação Artística e Tecnológica	270 ^(d)	270 ^(d)	540
Educação Visual;			
Educação Tecnológica;			
Educação Musical;			
Educação Física.....	135	135	270
Educação Moral e Religiosa ^(e)	(45)	(45)	(90)
Tempo a cumprir.....	1350 (1395)	1350 (1395)	2700 (2790)
Oferta complementar ^(f)	(f)	(f)	(f)
Apoio ao estudo ^(g)	200	200	400

^(a) Carga letiva semanal em minutos, referente ao tempo útil de aula, ficando ao critério de cada escola a distribuição dos tempos pelas diferentes disciplinas de cada área disciplinar, dentro dos limites estabelecidos – mínimo por área disciplinar e total por ano ou ciclo

^(e) Disciplina de frequência facultativa, nos termos do artigo 15.º, com carga fixa de 45 minutos.

^(b) Do total da carga, no mínimo, 250 minutos para Português

^(c) Do total da carga, no mínimo, 250 minutos para Matemática

^(d) Do total da carga, no mínimo, 90 minutos para Educação Visual

^(f) Frequência Obrigatória para os alunos, desde que criada pela escola, em função da gestão do crédito letivo disponível, nos termos do artigo 12.

^(g) Oferta obrigatória para a escola, de frequência facultativa para os alunos, sendo obrigatória por indicação do conselho de turma e obtido o acordo dos encarregados de educação, nos termos do artigo 13.º.

ANEXO III - Diário da República, 1.º série – N.º 129 – 5 de julho de 2012 - Anexo II

(a que se referem os artigos 2.º e 8.º)

Ensino Básico 3º Ciclo

Componentes do currículo	Carga Horária semanal (a) (b)			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do Ciclo
Áreas disciplinares				
Português.....	200	200	200	600
Línguas estrangeiras.....	270	225	225	675
Inglês				
Língua estrangeira II				
Ciências Humanas e Sociais.....	200	200	225	625
História.				
Geografia				
Matemática.....	200	200	200	600
Ciências Físicas e Naturais.....	270	225	225	675
Ciências Naturais				
Físico-Química				
Expressões e Tecnologias.....	(b)300	(b)300	250	850
Educação Visual				
TIC e Oferta de Escola (c)				
Educação Física.				
Educação Moral e Religiosa (d)	(45)	(45)	(45)	(135)
	1530	1485	1485	4500
Tempo a cumprir	(1575)	(1530)	(1530)	(4635)
Oferta complementar.....	(e)	(e)	(e)	(e)

Curso Básico de Música – 2.º Ciclo

(a que se referem os artigos 1.º, 2.º, e 5.º)

Componentes do Currículo	Carga horária semanal ^{(a)(b)}		
	5.º ano	6.º ano	Total do ciclo
Área disciplinares:			
Línguas e estudos sociais	5 ^(c) 00	500 ^(c)	1000
Português			
Inglês			
História e Geografia de Portugal			
Matemática e ciências.....	350 ^(d)	350 ^(d)	700
Matemática			
Ciências Naturais			
Educação Visual.....	90	90	180
Formação Vocacional ^(e)	315	315	630
Formação Musical.....	90(135)	90(135)	180 (270)
Instrumento.....	90	90	180
Classes de Conjunto ^(f)	90(135)	90(135)	180(270)
Educação Física.....	135	135	270
Educação Moral e Religiosa ^{(g)(h)}	(45)	(45)	(90)
(h).....	(45)	(45)	(90)
Tempo a cumprir.....	1485/1530 (1530/1575)	1485/1530 (1530/1575)	2970/3060 (3060/3150)
Oferta complementar ⁽ⁱ⁾	(f)	(f)	(f)

^(a) Carga letiva semanal em minutos, referente ao tempo útil de aula, ficando ao critério de cada escola a distribuição dos tempos pelas diferentes disciplinas de cada área disciplinar, dentro dos limites estabelecidos – mínimo por área disciplinar e total por ano ou ciclo

^(b) Quando as disciplinas forem lecionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam

^(c) A componente inclui, para além dos tempos mínimos em cada disciplina, 45 minutos a ser integrados, em função do projeto de escola, na disciplina de Formação Musical ou na disciplina de Classes de Conjunto

^(f) Sob a designação de Classes de Conjunto incluem-se as seguintes práticas de música de conjunto: Coro, Música de Câmara e Orquestra.

^(g) Disciplina de frequência facultativa, com carga fixa de 45 minutos.

^(h) Contempla mais 45 Minutos de oferta facultativa, a serem utilizados na componente de formação vocacional, em atividades de conjunto de disciplinas coletivas, podendo esta carga letiva global ser gerida por período letivo

^(e) Do total da carga, no mínimo, 250 minutos para Português

^(d) Do total da carga, no mínimo, 250 minutos para Matemática

Apoio ao estudo.....	200	200	400
----------------------	-----	-----	-----

⁽ⁱ⁾ Se, da distribuição das cargas letivas das componentes de formação não vocacional, em tempos letivos semanais, resultar uma carga letiva inferior ao tempo mínimo a cumprir, subtraído o tempo semanal a cumprir na componente de formação vocacional, o tempo sobranete é utilizado no reforço de atividades letivas da turma nas componentes de formação não vocacional, pela escola de ensino básico geral, quando a frequência ocorrer em regime articulado

Curso Básico de Música – 2º Ciclo (a que se referem os artigos 1.º, 2.º, e 5.º)

Componentes do Currículo	Carga horária semanal ^{(a)(b)}		
	5º ano	6º ano	Total do ciclo
Área disciplinares:			
Línguas e estudos sociais	12 ^(c)	12 ^(c)	12
Português			
Inglês			
História e Geografia de Portugal			
Matemática e ciências.....	9 ^(d)	9 ^(d)	18
Matemática			
Ciências Naturais			
Educação Visual.....	2	2	4
Formação Vocacional ^(e)	7	7	14
Formação Musical.....	2(3)	2(3)	4(6)
Instrumento.....	2	2	4
Classes de Conjunto ^(f)	2(3)	2(3)	2(3)
Educação Física.....	3	3	6
Educação Moral e Religiosa ^(h)	(1)	(1)	(2)
.....	(1)	(1)	(2)
Tempo a cumprir.....	33/34	33/34	(66/68)
	34/35	34/35	(68/70)
Oferta complementar.....	(f)	(f)	(f)
Apoio ao estudo.....	200	200	400

^(a) Quando as disciplinas forem lecionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com a carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam.

^(b) Do total da carga, no mínimo 6 x 45 minutos para Português.

^(c) Sob a designação de Classes de Conjunto, incluem-se as seguintes práticas de música de Conjunto: Coro, Música de Câmara e Orquestra

^(d) Disciplina de frequência facultativa, com carga de 45 minutos

^(e) Contempla mais um tempo letivo semanal de oferta facultativa, a ser utilizado na componente de formação vocacional, em atividades de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas, podendo a sua carga horária global ser gerida por período letivo.

^(f) Do total da carga, no mínimo 6 x 45 minutos para Matemática.

^(h) A componente inclui, para além dos tempos mínimos constantes em cada disciplina, 45 minutos a ser integrados, em função do projeto de escola, na disciplina de Formação Musical ou na disciplina de Classes de Conjunto.

Curso Básico de Música – 3.º Ciclo (a que se referem os artigos 1.º, 2.º, e 5.º)

Parte A

Componentes do currículo	Carga Horária semanal ^{(a)(b)}			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do Ciclo
Áreas disciplinares				
Português.....	200	200	200	600
Línguas estrangeiras.....	225	225	225	675
Inglês				
Língua estrangeira II				
Ciências Humanas e Sociais.....	200	200	225	625
História.				
Geografia				
Matemática.....	200	200	200	600
Ciências Físicas e Naturais.....	225	225	225	675
Ciências Naturais				
Físico-Química				
Expressões				
Educação Visual ^(c)	(90)	(90)	(90)	(270)
Educação Física.....	135	135	135	405
Formação Vocacional ^(d)	315	315	315	945
Formação Musical.....	90(135)	90(135)	90(135)	270(405)
Instrumento	90	90	90	270
Classes de Conjunto ^(e)	90(135)	90(135)	90(135)	270(405)

^(a) Carga letiva semanal em minutos referente a tempo útil de aula, ficando ao critério de cada escola a distribuição dos tempos pelas diferentes disciplinas de cada área disciplinar, dentro dos limites estabelecidos – mínimo por área disciplinar e total por ano ou ciclo.

^(b) Quando as disciplinas forem leccionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam.

^(c) Disciplina de frequência facultativa, mediante decisão do encarregado de educação – e de acordo com as concretas possibilidades da escola – a tomar no momento de ingresso no Curso Básico de Música do 3.º ciclo regulado pelo presente diploma. A opção tomada deve manter-se até ao final do ciclo.

^(d) A componente inclui, para além dos tempos mínimos constantes em cada disciplina, 45 minutos a ser integrados, em função do projeto escola, na disciplina de Formação Musical, na disciplina de Classes de Conjunto ou a ser destinados à criação de uma disciplina de oferta complementar.

^(e) Sob a designação de Classes de Conjunto incluem-se as seguintes práticas de música em conjunto: Coro, Música de Câmara e Orquestra.

Educação Moral e Religiosa ^{(g)(f)}	(45)	(45)	(45)	(135)
.....	(45)	(45)	(45)	(135)
Tempo a cumprir ^(h)				
Oferta complementar ⁽ⁱ⁾				
	1575/1710 (1620/1775)	1575/1710 (1620/1775)	1575/1710 (1620/1775)	4725/5130 (4860/5265)
	(45)	(45)	(45)	(135)

^(g) Contempla mais 45 minutos de oferta facultativa, a serem utilizados na componente de formação vocacional, em atividades de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas, podendo esta carga letiva global ser gerida por período letivo

^(f) Disciplina de frequência facultativa, com carga fixa de 45 minutos

^(h) Se, da distribuição das cargas letivas das componentes de formação não vocacional, em tempos letivos semanais, resultar uma carga letiva inferior ao total de tempo mínimo a cumprir, subtraído o tempo semanal a cumprir na componente de formação vocacional, o tempo sobranete é utilizado no reforço de atividades letivas da turma nas componentes de formação não vocacional, pela escola de ensino básico geral, quando a frequência ocorrer em regime articulado.

⁽ⁱ⁾ Caso as escolas não pretendam oferecer a disciplina de Oferta Complementar a carga letiva da mesma é obrigatoriamente transferida para a disciplina de Formação Musical ou de Classes de Conjunto. Esta oferta é gerida em função dos recursos da escola.

Curso Básico de Música – 3.º Ciclo

(a que se referem os artigos 1.º, 2.º, e 5.º)

Parte B

Componentes do currículo	Carga Horária semanal ^{(a)(b)}			
	7.º ano	8.º ano	9.º ano	Total do Ciclo
Áreas disciplinares				
Português.....	5	200	200	600
Línguas estrangeiras.....	5	225	225	675
Inglês				
Língua estrangeira II				
Ciências Humanas e Sociais.....	5	200	225	625
História.				
Geografia				
Matemática.....	5	200	200	600
Ciências Físicas e Naturais.....	5	225	225	675
Ciências Naturais				
Físico-Química				
Expressões				
Educação Visual ^(c)	(2)	(90)	(90)	(270)
Educação Física.....	3	135	135	405
Formação Vocacional ^(d)	7	315	315	945
Formação Musical.....	2(3)	90(135)	90(135)	270(405)
Instrumento	2	90	90	270
Classes de Conjunto ^(e)	2(3)	90(135)	90(135)	270(405)

^(a) A carga horária semanal refere-se ao tempo útil de aula e está organizada em períodos de 45 minutos, ficando ao critério de cada escola o estabelecimento de outra unidade com conseqüente adaptação aos limites estabelecidos

^(b) Quando as disciplinas forem lecionadas em turma não exclusivamente constituída por alunos do ensino artístico especializado, os alunos frequentam as disciplinas comuns das áreas disciplinares não vocacionais com a carga letiva adotada pela escola de ensino geral na turma que frequentam.

^(c) Disciplina de frequência facultativa mediante decisão do encarregado de educação – e de acordo com as concretas possibilidades da escola – a tomar no momento de ingresso no Curso Básico de Música do 3.º ciclo regulado pelo presente diploma. A opção tomada deve manter-se até ao final do ciclo.

^(d) A componente inclui, para além dos tempos mínimos constantes em cada disciplina, 45 minutos a ser integrados, em função do projeto de escola, na disciplina de Formação Musical ou na disciplina de Classes de Conjunto, ou a ser destinados à criação de uma disciplina de Oferta Complementar.

Educação Moral e Religiosa ^{(f)(g)}	(1)	(45)	(45)	(135)
.....	(1)	(45)	(45)	(135)
Tempo a cumprir ^(h)				
Oferta complementar ⁽ⁱ⁾				
	35/38 (36/39)	35/38 (36/39)	35/38 (36/39)	105/114 (108/117)
	(1)	(1)	(1)	(3)

^(e) Sob a designação de Classes de Conjunto incluem-se as seguintes práticas de música em conjunto: Coro, Música de Câmara e Orquestra.

^(f) Disciplina de frequência facultativa, com carga fixa de 45 minutos.

^(g) Contempla mais um tempo letivo semanal de oferta facultativa, a ser utilizada na componente de formação vocacional, em atividade de conjunto ou no reforço de disciplinas coletivas, podendo a sua carga horária global ser gerida por período letivo.

^(h) Caso as escolas não pretendam oferecer a disciplina de Oferta Complementar a carga horária da mesma é obrigatoriamente transferida para a disciplina de Formação Musical ou de Classes de Conjunto. Esta oferta é gerida em função dos recursos da escola.

⁽ⁱ⁾ Caso as escolas não pretendam oferecer a disciplina de Oferta Complementar a carga letiva da mesma é obrigatoriamente transferida para a disciplina de Formação Musical ou de Classes de Conjunto. Esta oferta é gerida em função dos recursos da escola.

ANEXO IX - Programa de Violino (Academia de Música de Lagos) Curso Básico: Objetivos Gerais; Objetivos específicos; Conteúdos programáticos e Material didático

Objetivos gerais:

1. Estimular a formação e o desenvolvimento equilibrado de todas as potencialidades do aluno.
2. Desenvolver o interesse pela música em geral e pelo instrumento em particular.
3. Desenvolver os conteúdos musicais e técnicos da execução instrumental.
4. Desenvolver a percepção musical e a imaginação ao longo do processo de trabalho sobre as obras.
5. Desenvolver o gosto por uma constante evolução e atualização de conhecimentos resultantes de bons hábitos de estudo.

1º GRAU/5º ANO

Objetivos específicos:

1. Postura correta do violino e do arco.
2. Controlar a posição e a direcção do arco em cada corda.
3. Flexibilidade do pulso dos dedos e da mão direita no arco.
4. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Articulações: *detaché*, *stacatto* e ligaduras simples (2-4 notas).

2. Estudo da 1ª posição.
3. Escalas de 1 e 2 oitavas com arpejos.
4. Desenvolver um correto sentido de afinação.
5. Desenvolver a noção de frase.

Material didático:

Kayser. Estudos op.20

Selected Etudes. Music School 1-3. Edited by K. Fortunatov

Wohlfahrt. Estudos. Op.45 Livro I

Sheila Nelson – Stepping Stones;

Sheila Nelson – Waggon Wheels;

Suzuki – Volume I, II

Kuchler. Concertino in G-Dur op.11

Rieding. Concerto op.35

2º GRAU/6º ANO

Objetivos específicos:

1. Colocação correta do violino, numa postura o mais natural possível.
2. Colocação correta de ambas as mãos, evitando tensão e rigidez muscular.
3. Domínio do arco em toda a sua extensão.
4. Obtenção de sonoridade com clareza.
5. Noção de pulsação, ritmo e frase musical.
6. Capacidade de execução de memória e/ou sem auxílio de dedilhações.
7. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Domínio da 1ª posição, utilizando todos os dedos da mão esquerda.
2. Combinação de várias arcadas, bem como diferentes velocidades do arco.
3. Introdução às escalas menores.
4. Noção da Dinâmica.

Material didático:

Kayser. Estudos op.20

Selected Etudes. Music School 1-3. Edited by K. Fortunatov

Wohlfahrt. Estudos. Op.45 Livro I

Wohlfahrt. Estudos. Op.54

Suzuki – Volume I, II

Baclarova. Concertino em ré m

Huber. Concertino op.8, nº 4 em Sol M

Rieding. Concerto op.35

Rieding. Concerto op.34

Seitz. Concerto nº2 em Sol M

3º GRAU/7º ANO

Objetivos específicos:

1. Colocação correta do violino, numa postura o mais natural possível.
2. Colocação correta de ambas as mãos, evitando tensão e rigidez muscular.
3. Ter boa coordenação de ambas as mãos.
4. Ser capaz de executar as obras musicais de memória.
5. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Abordar a 2ª e 3ª posição, com respetivas mudanças.
2. Introdução às cordas dobradas.
3. Iniciar o *vibrato*.
4. Introdução a algumas ornamentações (ex: trilos, mordentes, apogiaturas).
5. Trabalhar os golpes de arco *detaché*, *legato* e *martelé*.

Material didático:

Wohlfahrt. Estudos. Op.54

Wohlfahrt. Estudos. Op.45 Livro I, II

Kayser. Estudos op.20

Selected Etudes. Music School 3-5. Edited by K. Fortunatov

Suzuki. Vol. II, III

Huber. Concertino em Fa M

Kuchler. Concertino op.15

Seitz. Concerto nº5, op.22

Vivaldi. Concerto op.3, nº3 em Sol M

4º GRAU/8º ANO

Objetivos específicos:

1. Reforçar a coordenação de ambas as mãos.
2. Trabalhar a articulação e a velocidade da mão esquerda.
3. Ser capaz de executar as obras musicais de memória.
4. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Conhecer a meia posição, a quarta e a quinta posição da mão esquerda.
2. Dominar as mudanças de posição entre as posições conhecidas.
3. Desenvolver o Vibrato.
4. Consolidar o domínio das arcadas básicas: detaché, martelé, staccato e legato.

Material didático:

J. Dont. 24 Exercícios Preparatórios op.37

Kayser. 36 Estudos op.20

Léonard. Le petit Gymnastik.

Mazas. Estudos Especiais vol. I

Selected Etudes. Music School 3-5. Edited by K. Fortunatov

Wohlfahrt. Estudos. Op.45 Livro II

K.Bohm. Moto perpétuo

K. Bohm. Sarabande in G Minor

Dancla. Air Varié nº6, op. 89 (on a Theme by Mercadante)

Dancla. Air Varié nº1, op.89 (on a Theme by Pacini)

Dancla. Air Varié nº4, op.89 (on a Theme by Donizzetti)

Jenkinson. Elfantanz

Komarovski. Concerto nº2

Rieding. Concertino húngaro op.21 em lá m

Seitz. Concerto nº4, op.15

Vivaldi. Concerto op.3, nº6 em lá m

Vivaldi. Concerto op.12, nº1

5º GRAU/9º ANO

Objetivos específicos:

1. Consolidar o domínio das posições conhecidas.
2. Dominar as mudanças de posição entre as posições conhecidas.
3. Desenvolver a velocidade da mão esquerda.
4. Trabalhar a Sonoridade (vibrato, timbre, dinâmica, uniformizar o som).
5. Conhecer e reconhecer formas e estilos musicais.
6. Ser capaz de executar as obras musicais de memória.
7. Ser capaz de uma autocorreção baseada numa audição crítica.

Conteúdos programáticos:

1. Conhecer a sexta e sétima posição.
2. Consolidar o domínio das arcadas : detaché, martelé, staccato e legato.
3. Conhecer o golpe de arco spiccato.
4. Exercícios preparatórios aos acordes.
5. Harmónicos naturais.

Material didático:

J. Dont. 24 Exercícios Preparatórios op.37

Kayser. 36 Estudos op.20

Mazas. Estudos op.36, vol.I e II

Kreutzer. 40 Estudos

Bériot. Air Varié nº 14 in G

Dancla. Air Varié nº5, op.89 (on Theme of Weigle)

Dancla. Air Varié nº2, op.89 (on Theme of Rossini)

Dancla. Air Varié nº3, op.89 (on Theme of Bellini)

Fiocco. Allegro

Léonard. Solo op.62, nº2

Severn. Polish Dance

Accolay. Concerto nº1 em lá m

Rieding. Concertino op.24 em Sol M

12

Rieding. Concertino op.25 em Ré M

Seitz. Concerto nº3

Sitt. Concertino op. 31

Corelli. Sonata nº7 op.5, nº7

ANEXO X - PROVAS TRIMESTRAIS (Academia de Música de Lagos)

1º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e harpejo em duas oitavas.¹

Uma escala maior e harpejo à escolha de três apresentadas em uma oitava.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo² e duas peças do repertório de 1º grau ou superior.³

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma nova escala maior e harpejo em duas oitavas.⁴

Uma nova escala maior e harpejo (1 oitava). Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica (1 oitava).¹

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças do repertório de 1º grau ou superior, diferentes do 1º Trimestre.²

LEITURA À 1ª VISTA – Um trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma nova escala maior e harpejo em duas oitavas. Uma escala maior e harpejo à escolha de quatro apresentadas (1 oitava). Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica à escolha de duas apresentadas (1 oitava).⁵

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo do repertório do 1º Grau. (Estudo n.º 1 de Kayser ou outro de dificuldade equivalente para alunos que tiveram Iniciação). Duas peças do repertório de 1º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

¹ Só para alunos que frequentaram algum Curso de Iniciação ao Violino.

- ² Os estudos poderão ser substituídos por Exercícios Técnicos (por ex: Sevcik, Schradieck, Dounis, Sammons, Varga, etc.) adaptados ao Grau em questão, em termos de dificuldade e quantidade.
- ³ Os alunos que não frequentaram Iniciação, para além do estudo, só terão de preparar uma peça.
- ⁴ Primeira escala de duas oitavas para os alunos que não frequentaram Iniciação.
- ⁵ Ao critério do Professor no caso dos alunos que não frequentaram Iniciação.

2º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas. Uma escala menor e harpejo em duas oitavas (um dos modos).

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo⁶ e uma peça do repertório de 2º grau ou superior.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas. Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica – em duas oitavas.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças do repertório de 2º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas. Uma escala menor e harpejo – harmónica e melódica – em duas oitavas.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças do repertório de 2º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

⁶ Os estudos poderão ser substituídos por Exercícios Técnicos (por ex: Sevcik, Schradieck, Dounis, Sammons, Varga, etc.) adaptados ao Grau em questão, em termos de dificuldade e quantidade.

3º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas, uma delas, com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições. Uma escala menor e harpejo em duas oitavas com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo⁷ e duas peças do repertório de 3º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas, uma delas, com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições. Uma escala menor e harpejo em duas oitavas com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições (Modo diferente da do 1º Trimestre)

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças (pelo menos uma diferente do 1º Trimestre) do repertório de 3º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Duas escalas maiores e harpejo em duas oitavas, uma delas, com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições.

Uma escala menor e harpejo em duas oitavas com mudanças de posição ou com início nas 2ª ou 3ª posições.

PEÇAS/ESTUDOS – Um estudo e duas peças do repertório de 3º grau ou superior. Um andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho de dificuldade inferior ao do repertório apresentado.

⁷ Os estudos poderão ser substituídos por Exercícios Técnicos (por ex: Sevcik, Schradieck, Dounis, Sammons, Varga, etc.) adaptados ao Grau em questão, em termos de dificuldade e quantidade

4º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e sua relativa menor (melódica e harmónica) na extensão de duas oitavas, com mudanças de posição ou com início até à 5ª posição, e seus respectivos harpejos.

ESTUDOS – Um estudo de Kayser ou Mazas, ou de outro Método, do repertório de 4º Grau ou superior.8

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de uma sonata, ou concerto, do repertório de 4º grau ou superior.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho fácil de oito a dez compassos.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma nova escala maior e sua relativa menor (melódica e harmónica) na extensão de duas oitavas, com mudanças de posição ou com início até à 5ª posição, e seus respectivos harpejos.

ESTUDOS – Um estudo de Kayser ou Mazas, ou de outro Método do repertório de 4º Grau ou superior.

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de uma sonata, ou concerto, do repertório de 4º grau ou superior.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho fácil de oito a dez compassos.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e sua relativa menor (fórmulas melódica e harmónica) – à escolha do júri – na extensão de duas oitavas, com mudanças de posição ou com início até à 5ª posição, e seus respectivos harpejos, de entre três escalas apresentadas.

ESTUDOS – Um estudo de Kayser ou Mazas, ou de outro Método do repertório de 4º Grau ou superior.

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de uma sonata, ou concerto, do repertório de 4º grau ou superior.

LEITURA À 1ª VISTA – Trecho fácil de oito a dez compassos.

⁸ Estes últimos poderão ser substituídos por Exercícios Técnicos (por ex: Sevcik, Schradieck, Dounis, Sammons, Varga, etc.) adaptados ao Grau em questão, em termos de dificuldade e quantidade.

5º GRAU

1º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e sua relativa menor (fórmulas melódica e harmónica) na extensão de três oitavas e seus respectivos harpejos.

ESTUDOS – Um estudo de Kreutzer, Fiorillo, Mazas ou Léonard, do repertório de 5º Grau ou superior.

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de um concerto do repertório de 5º grau ou superior.

LEITURA Á PRIMEIRA VISTA – trecho acessível de oito a dez compassos.

2º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e sua relativa menor (melódica e harmónica) na extensão de três oitavas e seus respectivos harpejos.

ESTUDOS – Um estudo de Kreutzer, Fiorillo, Mazas ou Léonard, do repertório de 5º Grau ou superior.

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de um concerto do repertório de 5º grau ou superior.

LEITURA Á PRIMEIRA VISTA – trecho fácil de oito a dez compassos.

3º TRIMESTRE

ESCALAS – Uma escala maior e sua relativa menor (melódica e harmónica) na extensão de três oitavas e seus respectivos harpejos.

ESTUDOS – Um estudo de Kreutzer, Fiorillo, Mazas ou Léonard, do repertório de 5º Grau ou superior.

PEÇAS – Uma peça, ou um andamento de um concerto do repertório de 5º grau ou superior.

LEITURA Á PRIMEIRA VISTA – trecho fácil de oito a dez compassos.

2º GRAU/ 6º ANO**Objeto de avaliação**

Aferição da evolução individual e dos Objetivos alcançados, tendo em conta as capacidades técnicas e artísticas necessárias para execução dos conteúdos inscritos na planificação trimestral do aluno, no 1º e 2º grau de instrumento.

Esta prova tem um peso de **50%** na avaliação final do aluno.

Designação	Conteúdo	Objetivos Principais	Pontuação	Cotação
Técnica	2 Escalas maiores e 1 Escala menor – harmónica e melódica – em duas oitavas com harpejos	*Afinação *Qualidade do som *Velocidade e fluidez de execução	1,5 1 0,5	3 Valores
Estudos	1 Estudo do repertório do 2º grau, ou superior	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	2,5 2 1 1,5	6 Valores
Repertório	2 Peças do repertório do 2º grau, ou superior. (1 andamento de concerto ou sonata poderá servir como peça única)	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	4 2,5 1,5 1	9 Valores
Leitura à primeira vista	Trecho de 8 a 10 compassos de nível de dificuldade de 1º Grau.	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	0,6 0,2 0,1 0,1	1 Valor
Atitude Postura	Atitude Postura	*Atitude positiva e assertiva	0,3	1 Valor

Apresentação	Apresentação	*Correção da Postura	0,4	
		*Boa apresentação	0,3	
TOTAL				20

Os conteúdos serão extraídos do programa do 2º grau.

Duração da prova - 15 a 20 minutos.

Material permitido - O aluno deve fazer-se acompanhar das partituras necessárias à realização da prova e de um instrumento musical e acessórios adequados à prova que vai realizar.

5º GRAU/ 9º ANO

Objeto de avaliação

Aferição da evolução individual e dos objetivos alcançados, tendo em conta as capacidades técnicas e artísticas necessárias para execução dos conteúdos inscritos na planificação trimestral do aluno, no 3º, 4º, e 5º grau de instrumento.

Esta prova tem um peso de **50%** na avaliação final do aluno.

Designação	Conteúdo	Objetivos Principais	Pontuação	Cotação
Técnica	Uma escala maior e sua relativa menor (melódica e harmónica) na extensão de três oitavas e seus respetivos harpejos.	*Afinação *Qualidade do som *Velocidade e fluidez de execução	1,5 1 0,5	3 Valores
Estudos	Um estudo de Kreutzer, Fiorillo, Mazas ou Léonard, do repertório de 5º Grau ou superior	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	2,5 2 1 0,5	6 Valores
Repertório	Uma peça, ou um andamento de concerto ou sonata do repertório de 5º grau ou superior.	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	4 2,5 1,5 1	9 Valores
Leitura à primeira vista	Trecho de 8 a 10 compassos de nível de dificuldade de 3º Grau.	*Rigor do texto musical *Afinação *Qualidade do som *Interpretação	0,6 0,2 0,1 0,1	1 Valor

Atitude	Atitude	*Atitude positiva e assertiva	0,3	1 Valor
Postura	Postura	*Correção da Postura	0,4	
Apresentação	Apresentação	*Boa apresentação	0,3	
TOTAL				20

Os conteúdos serão extraídos do programa do 5º grau.

Duração da prova - 15 a 20 minutos.

Material permitido - O aluno deve fazer-se acompanhar das partituras necessárias à realização da prova e de um instrumento musical e acessórios adequados à prova que vai realizar.